



Paulo Freire em tempos de *fake news* 2022

Artigos produzidos durante o curso da
EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire

Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha
ORGANIZADORES



INSTITUTO
PAULO FREIRE
Instituto de Educação e
Direitos Humanos Paulo Freire

EaD
Freiriana

UniFreire Universitas
Paulo Freire

Paulo Freire em tempos de *fake news*

2022

Artigos produzidos durante o curso da
EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire

Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha
ORGANIZADORES

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 2023



INSTITUTO
PAULO FREIRE
Instituto de Educação e
Direitos Humanos Paulo Freire

EaD
Freiriana

UniFreire Universitas
Paulo Freire

AUTORES(AS)

Aretuza Cesar Santos

Cátia Luzia Oliveira da Silva

Cláudia Herte de Moraes

Danila Ribeiro Gomes

Delma Lúcia de Mesquita

Hellenice Ferreira

Juan Ignacio Gonzalez Mazziotti

Leonardo Alves da Silva

Luciana da Silva Torturello de Carvalho

Maria Cristina Simeoni

Milene Matos Schollert

Reginaldo Dalla Justina

Tarsila Tonsig Garcia Teijeiro



**INSTITUTO
PAULO FREIRE**
Instituto de Educação e
Direitos Humanos Paulo Freire

EaD
Freiriana

UniFreire Universitas
Paulo Freire

EXPEDIENTE

INSTITUTO PAULO FREIRE

PATRÃO | Paulo Freire

PRESIDENTE DE HONRA | Moacir Gadotti

DIRETORES PEDAGÓGICOS | Ângela Biz Antunes
e Paulo Roberto Padilha

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO | Janaina M. Abreu

ORGANIZADORES | Janaina M. Abreu
e Paulo Roberto Padilha

AUTORES(AS) | Aretuza Cesar Santos, Cátia Luzia Oliveira da Silva, Cláudia Herte de Moraes, Danila Ribeiro Gomes, Delma Lúcia de Mesquita, Hellenice Ferreira, Juan Ignacio Gonzalez Mazziotti, Leonardo Alves da Silva, Luciana da Silva Torturello de Carvalho, Maria Cristina Simeoni, Milene Matos Schollert, Reginaldo Dalla Justina e Tarsila Tonsig Garcia Teijeiro

DOCENTES DO CURSO ‘PAULO FREIRE EM TEMPOS DE FAKE NEWS’ – EDIÇÃO 2022 | Afonso Celso Scocuglia (UFPB, Brasil), Aléssio Surian e demais docentes (Centro Paulo Freire de Padova, Itália), Ângela Biz Antunes (IPF, Brasil), Carlos Rodrigues Brandão (Unicamp, Brasil), Florenço Varella (IPF, Cabo Verde), Francisca Rodrigues de O. Pini (IPF, Brasil), Guillermo Williamson (Univ. de La Frontera, Chile), Ismar Soares (ECA-USP, Brasil), Jaciara de Sá Carvalho (Unesa, Brasil), Jason Mafra (Uninove e IPF, Brasil), José Eustáquio Romão (Uninove e IPF, Brasil), Ladislau Dowbor (PUC-SP, Brasil), Luiza Cortesão (Univ. Porto, Portugal), Moacir Gadotti (IPF, Brasil), Oscar Jara (CEAAL, Peru e América Central), Paulo Roberto Padilha (IPF, Brasil), Sheila Ceccon (IPF, Brasil) e Sonia Couto (IPF, Brasil)

REVISÃO PEDAGÓGICA DESTA EDIÇÃO | Janaina M. Abreu, José Walter Silva e Silva, Lina Rosa, Luiz Marine, Roberto Padilha, Roberta Stangherlim, Samara Marino

COORDENAÇÃO GRÁFICO-EDITORIAL | Janaina M. Abreu
PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E ARTE-FINAL |
Danton Porto

EAD FREIRIANA

COORDENAÇÃO GERAL | Paulo Roberto Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICO-EDITORIAL | Janaina M. Abreu

EQUIPE PEDAGÓGICA | Ângela Biz Antunes, Moacir Gadotti e Paulo Roberto Padilha

CONSELHO EDITORIAL DA EAD FREIRIANA | Alcir Caria, Alessandra Rodrigues dos Santos, Ana Luísa D’Maschio, Ângela Biz Antunes, Alessandra Rodrigues dos Santos, Anderson Alencar, Deisy Boscaratto, Delma Lúcia de Mesquita, Flavia Arruda Rodrigues, Francisca Rodrigues de O. Pini, Gabriela Albanás Couto, Genuíno Bordignon, Jaciara de Sá Carvalho, Janaina M. Abreu, Jason Mafra, José Walter Silva e Silva, Lina Rosa, Luiz Marine, Margarida Montejano, Paulo Roberto Padilha, Priscila Ramalho, Roberta Stangherlim, Sabrina Abbas, Samara Marino, Sheila Ceccon, Simone Lee, Sonia Couto Souza Feitosa e Vanessa Batista de Oliveira.

TI, SUPORTE TÉCNICO E AUDIOVISUAL | Plínio Pinheiro
CAPTAÇÃO DE IMAGEM E SOM | Bernardo Baena e Plínio Pinheiro
EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM, ÁUDIO E VÍDEO |
Bernardo Baena

GESTÃO ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E CONTÁBIL | Cláudio Nogueira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Paulo Freire em tempos de fake news [livro eletrônico] : artigos produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire / organização Janaina M Abreu, Paulo Roberto Padilha. -- 1. ed. -- São Paulo : Instituto de Educação e Direitos Humanos Paulo Freire, 2023.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87735-09-2

1. Artigos - Coletâneas 2. Educação a distância
3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação
4. Freire, Paulo, 1921-1997 - Influência 5. Pedagogia - Estudo e ensino I. Abreu, Janaina M. II. Padilha, Paulo Roberto.

23-144634

CDD-370

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Artigos : Coletâneas : Educação 370

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Prefácio: Em defesa da Verdade

Moacir Gadotti

- 1 **Cora Coralina e Paulo Freire: um diálogo possível
entre poesia e metodologia freiriana**
Aretuza Cesar Santos
- 10 **Letramento digital de adultos e o combate às *fake news***
Cátia Luzia Oliveira da Silva
- 19 **O pensamento freiriano na educomunicação**
Cláudia Herte de Moraes
- 32 **Atualidade de Paulo Freire contra a desinformação:
letramento científico inclusivo também para sujeitos Surdos**
Danila Ribeiro Gomes
- 42 **Contra o autoritarismo: a educação freiriana
em oposição à militarização da escola pública no Brasil**
Delma Lúcia de Mesquita
- 51 **Brasil sim, Paulo Freire não: a desfaçatez das *fake news***
Hellenice Ferreira
- 59 **Megaminería Y Fake News: una lectura freiriana
del “Chubutazo”**
Juan Ignacio González Mazziotti
- 71 **O pensamento freireano e a perspectiva
crítico-superadora: aproximações possíveis**
Leonardo Alves da Silva
- 79 **Paulo Freire e a educação no século XXI:
diálogo, reflexão e o dever de esperar**
Luciana da Silva Torturello de Carvalho

- 89 **Criatividade e ludicidade na luta contra
as *fake news* sobre o pensamento de Paulo Freire**
Maria Cristina Simeoni
- 101 **Água como temática problematizadora das questões
socioambientais em uma escola do campo: uma perspectiva
para a aprendizagem significativa crítica**
Milene Matos Schollert
- 114 **Combate às *fake news*: iniciativas do curso
promovido pela EaD Freiriana – 2022**
Reginaldo Dalla Justina
- 122 **Contribuições do ensino de história no combate às *fake news***
Tarsila Tonsig Garcia Teijeiro
- Posfácio: “Navegar é preciso, viver não é preciso”**
Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha

Em defesa da verdade

O título desse prefácio parece inusitado. Sim. Pode parecer estranho que alguém tenha que sair em defesa da verdade. Mas é absolutamente necessário em tempos de Fake News. Porque vivemos tempos de negação da verdade. É o que se pode ver nos artigos que compõem esse belo livro. Escolhi com cuidado a palavra “belo”. A boniteza desse livro está na resposta que este grupo de autores e autoras está dando à mentira, à desinformação. Está mostrando a boniteza da verdade, da amorosidade, da compaixão, do cuidado.

Essa foi a sensação que tive ao ler esta obra, onde não falta poesia, criatividade, ludicidade, sustentabilidade, enfrentamento à degradação ambiental, onde não falta educomunicação, diálogo, reflexão, pensamento crítico. Tudo isso amarrado pela perspectiva freiriana. Ao desprezo pela verdade, a educação transformadora responde com a alegria do esperar. É este nosso papel, como educadores: esclarecer, argumentar, conscientizar. Frente à relação de mando e subordinação de escolas militarizadas, opomos o diálogo como princípio educativo.

O alvo das Fake News é sempre a verdade. Na falta de argumentação, o que se observa é a ofensa, o preconceito, quando não o ódio, a discriminação e a intolerância. Nossa tarefa, nesse contexto, é a busca da verdade. Devemos reagir contra toda prepotência e arbitrariedade de falsas leituras da realidade – que levam ao desencanto do cidadão com a política e a democracia e a perda da nossa própria humanidade – reafirmando nossos direitos fundamentais ameaçados e nossa tarefa de educar para transformar, de educar para e pela cidadania como educação em direitos humanos.

Vimos nesses últimos tempos ataques brutais à democracia, impulsionados por poderosas máquinas de desinformação. Felizmente, ao mesmo tempo em que recrudesciu, nos últimos anos, o movimento neoconservador e fascista – que se utiliza de todos os meios para espalhar o medo, o terrorismo – também, em oposição a esse movimento, a sociedade despertou e está se mobilizando em favor da democracia, da transparência, do respeito mútuo.

Temos hoje um elevado grau de consciência do risco que representa a disseminação de notícias falsas. Temos mais clareza de como tudo isso se articula num plano de desconstrução da democracia e, ao mesmo tempo, de como podemos fazer para reconstruir a democracia e os laços de solidariedade perdidos nesse processo.

O grande desafio da educação está em como podemos nos educar juntos, nas nossas diferenças e semelhanças, aprendendo uns com os outros, em comunhão. Não se trata de me tornar melhor do que os outros humanos. A vida não se resume em vencer ou não vencer. Trata-se de aprender a ser melhor para melhorar a vida de todos e deixar esse mundo um pouco melhor do que o encontramos.

A escola precisa assumir seu papel de guardião da ética, da utopia, da esperança, contra a descrença e o desencanto. Nela estão hoje as futuras gerações que vão dirigir este país do futuro.

Paulo Freire, em seus últimos livros refere-se a uma fala de François Jacob, um geneticista que recebeu o prêmio nobel por suas descobertas e que afirmava que somos programados para aprender. Sim, dizia Paulo Freire, programados, mas, não determinados. Vir ao mundo não foi escolha nossa, mas, somos responsáveis pelo sentido da nossa passagem por ele. Humanos nos tornamos. Pela educação, como dizia Jean-Jacques Rousseau. Podemos tanto nos transformar em predadores dessa Terra ou em seres humanos amorosos.

É pelas sendas da amorosidade que trilham os autores dos artigos deste livro. Deixo a todas, a todos, a todes, com eles e elas.

Boa leitura.

Moacir Gadotti

Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire

Professor aposentado da Universidade de São Paulo

Cora Coralina e Paulo Freire

Um diálogo possível entre poesia e metodologia freiriana

SANTOS, Aretuza Cesar

RESUMO

É possível observar o transbordamento do pensamento de Paulo Freire para além dos muros de escolas e universidades e para além da relação professor-aluno que ainda hoje é vista como uma forma de transferência de conhecimento por parte do primeiro e de assimilação por parte do segundo. Em Freire, a escola é o mundo, e professor-aluno são sujeitos históricos que ensinam aprendendo e aprendem ensinando. A palavra de Paulo Freire está viva e nos convida a refletir criticamente sobre sermos sujeitos de saberes nos expressando no mundo. Seria possível encontrar a expressão desse saber freiriano também na literatura? Tendo essa busca como ponto de partida, o objetivo desta pesquisa foi criar uma conversa entre o pensamento de Paulo Freire e a poesia “Exaltação de Aninha (O Professor)” de Cora Coralina destacando, a partir de suas quatro estrofes, um paralelo com os conceitos Freirianos de Ler o Mundo, Círculo de Cultura, Diálogo e Inédito Viável. Para tanto, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Concluiu-se que o legado deixado por Freire pode ser discutido sem fronteiras, dialogado em qualquer manifestação humana, na arte inclusive. Sua palavra, como a de Cora Coralina, é viva e presente.

Palavras-chave: Cora Coralina. Paulo Freire. Pedagogia Freiriana.

CORA CORALINA E PAULO FREIRE

A possible dialogue between poetry and freirian methodology

ABSTRACT

It is possible to see Freire's thoughts transcend the walls of schools and universities and the teacher-student relationship, that is until now seen as a form of transfer of knowledge from the former to the last. To Freire the school is the world, where teacher-student are historical

beings that learn while teaching and teach while learning. Paulo Freire's word is alive and invites us to reflect critically about our condition as beings of knowledge expressing ourselves in the world. Would it be possible to find in literature this expression of Freire's knowledge? The objective of this present research is to answer this question establishing by creating a dialogue between Freire's concepts of Reading the World, Culture Circle, Dialogue and Unprecedented Viable with Cora Coralina's poetry "Aninha's Exaltation (The Teacher)". The methodology approach was the bibliographic research. It was concluded that Freire's legacy can be discussed beyond frontiers, dialogued in any human manifestation including art, as well. His word and Cora Coralina's are alive and current.

Keywords: Cora Coralina. Paulo Freire. Freire's pedagogy.

INTRODUÇÃO

Cora Coralina, nascida Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas nasceu em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, que viria a ser palco privilegiado da beleza de sua literatura. Contista, cronista e poetisa, transformou em palavras os saberes e sabores das cotidianidades, tais como a observação do trabalho das lavadeiras do Rio Vermelho, dos garotos na roça, que dentre outros, são elementos constantes em sua obra. Segundo Brito (2006), é a partir de sua poética que Cora denuncia os problemas negligenciados pela historiografia, mostrando os cenários e os personagens significativos para o entendimento da sociedade goiana. Era uma mulher que ao falar de si e da sua experimentação da vida, emprestava a voz ao mundo. Paulo Freire, nascido Paulo Reglus Neves Freire, nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife. Primeiro cruzou a fronteira do seu Estado para se tornar um renomado educador brasileiro, criador de um método inovador para alfabetização de adultos, e então extrapolou as fronteiras do país, alcançando o mundo. Promoveu uma revolução no campo da pedagogia ao refletir sobre a formação de uma escola democrática, que traz, junto com a alfabetização, o debate sobre o exercício da cidadania, e uma nova abordagem sobre o vínculo entre educador e educando, que preconizava a substituição de um saber que é passado verticalmente de professor para aluno por uma troca horizontal de conhecimento e experiências.

Suas contribuições não se limitam a uma obra escrita, muito menos a um método, sequer a um paradigma teórico, mas dizem respeito também a uma prática e, de um modo mais geral, a uma vida dedicada à educação, uma vida feita escola, uma escola de vida.
(KOHAN, 2019, p. 15).

Observando essas pequenas descrições biográficas, é possível entrever uma dialogicidade entre cenários e experiências de Paulo e Cora. Sonia Couto (EAD FREIRIANA, 2022) explica que dialogicidade é a base de toda a ação humana na relação ao seu contexto, ambiente, conhecimento. Podemos experimentar uma conversa entre os universos de Cora e Freire? Ambos olharam e descreveram o mundo com amor. As temáticas das poesias de Cora e da pedagogia de Freire se alinham e se direcionam para as minorias, os lugares de exclusão. Ambos transpuseram as cercas de suas terras natais e sua linguagem alcançou diferentes lugares e culturas. Há uma parecença na forma como Cora e Freire, na sequência, percebem sua inspiração:

Agora, quando vem, se eu deixo fugir aquele momento, não volta mais. Como me vem sempre à noite ou pela manhã, tenho perto de minha cama um castiçal com vela e fósforo; um caderno espiral e uma esferográfica para apanhar aquele momento. Depois de apanhado, eu não leio. Escrevo como se fosse uma gravação, sem preocupação de gramática, de estilo, nada (...). De manhã, vou reler aquilo. Às vezes, tem coisas valiosas que aproveito; outras, nem tanto. (VELLASCO, 1990 apud BRITO, 2006, p. 8).

Andava sempre com pedaços de papel nos bolsos, quando não com um pequeno bloco de notas. Se uma idéia me ocorria, não importava onde estivesse, no ônibus, na rua, num restaurante, sozinho, acompanhado, registrava a idéia. Às vezes, era uma pura frase. À noite, em casa, depois do jantar, trabalhava a ou as idéias que havia registrado, escrevendo duas, três ou mais páginas. Em seguida, dava o título para a ficha e o número em ordem crescente (FREITAS, 2005, p. 58)

Outro olhar possível é examinar o entrelaçamento do ato amoroso de uma que - poetisa a vida - e outro - que poetisa a educação. Uma que ressignifica a vida através de sua escrita e outro que ressignifica a educação através de sua metodologia. O presente estudo tem por tema o diálogo entre a poesia Exaltação de Aninha (O Professor) e os conceitos leitura do mundo, diálogo, círculo de leitura e inédito viável Freirianos. Sonia Couto (EAD FREIRIANA, 2022) explica o quanto estes conceitos ressignificados por Freire são atuais; trazê-los para discussão se torna necessário como resposta às *fake news* que tentam denegrir ou destruir o Educador. Trata-se de um encontro entre o pensar poético de Coralina e o pensar pedagógico de Freire, cujas linguagens possuem como denominador comum o amor à educação.

METODOLOGIA

Da participação no Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, no envolvimento crescente com as aulas de variados temas cujo fio condutor é o pensamento e a metodologia de Paulo Freire, surgiu o desejo de descobrir a voz deste educador não apenas no âmbito educacional, mas em outras manifestações da vida; do ambiente político, socioeconômico, ecológico em que estamos inseridos e na manifestação da vida como arte. Descobrir o pensamento Freiriano nas cotidianidades. A metodologia aqui aplicada é de ordem qualitativa, por se tratar de uma investigação no campo da literatura e educação, se ocupando, portanto, dos fenômenos humanos. A pesquisa qualitativa aborda a subjetividades e interações em suas várias nuances, indo a busca do entendimento através de uma análise interpretativa (MINAYO, 2019). Este tipo de estudo possibilita maior intimidade do pesquisador com o objeto de análise, sem perder o rigor científico. Para a condução deste trabalho realizou-se uma pesquisa bibliográfica em bases de dados eletrônicas – Google Scholar e Scielo – e livros além da participação no curso da EaD Freiriana - ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022. A pesquisa se direcionou para a eleição da poesia “Exaltação de Aninha” de Cora Coralina (1997) que descortinou a possibilidade de formular um diálogo entre a palavra da autora sobre a atividade de um professor e a palavra da metodologia Freiriana. Neste estudo foi demarcada cada estrofe da poesia com uma reflexão sobre os conceitos freirianos de ler o mundo, círculo de leitura, diálogo e inédito viável, entrelaçando as falas poéticas e educadoras dos autores.

1. Exaltação de Aninha (O professor) de Cora Coralina e o conceito Freiriano de leitura do mundo

Professor, “sois o sal da terra e a luz do mundo”.
Sem vós tudo seria baço e a terra escura.
Professor, faze de tua cadeira,
a cátedra de um mestre.
[...]Tu és um jovem, sê, com o tempo e competência,
um excelente mestre. (CORALINA, 1997)

O olhar de reverência da poetisa sobre o professor “sois o sal da terra e a luz do mundo” leva a uma comparação com a figura messiânica de Jesus, cuja palavra e obra é simplesmente amor. Este olhar traz uma responsabilidade: educar objetivando um crescer contínuo, que demanda tempo e competência para buscar a excelência. Para Freire, falar de “saberes” era preferível a falar de competências; competência estaria associada a uma visão neoliberal do mundo com sua demanda por eficiência e racionalização (GADOTTI, 2011). Mas ao

longo da poesia, a questão da competência para Cora parece dialogar com esse conceito de saber ou ler o mundo, que para Freire estaria ligado ao reconhecimento de que somos seres condicionados, e, como tais, seres inacabados (GADOTTI, 2011). Saber-se inacabado cria uma ponte para ir além de si como sujeito condicionado. Ou como diz Coralina, ir além é fazer da sua cadeira a cátedra de um mestre. Segundo a proposta Freiriana, a mudança de realidade só é possível a partir desse reconhecimento como ser inacabado e do seu inacabamento em relação ao mundo; ao se conscientizar disto, ao homem é concedida a possibilidade de (re)ver a realidade e ser capaz de transformá-la. Essa leitura é a observação dos contextos, das ações, das diferenças, e ideias, do que é potencial. Ler o mundo é ler o contexto do outro relacionando-o com o contexto de quem faz a leitura, criando uma relação dialética texto-contexto-diálogo que permite a compreensão acurada e verdadeira tanto das palavras como do contexto no qual estão inseridas (FREIRE, 2015).

2. Círculo de leitura

Meu jovem Professor, quem mais ensina e quem mais aprende?

O professor ou o aluno?

De quem maior responsabilidade na classe,
do professor ou do aluno?

[...] O professor tem uma tabela a que se apegava.

O mestre excede a qualquer tabela e é sempre um mestre.

(CORALINA, 1997)

A pergunta inicial da poesia nos remete à horizontalidade da relação educador-educando proposta por Freire, para quem não existe docência sem discência, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2004, p.23). Professor e aluno são ambos sujeitos no processo de ensino; sujeitos históricos, posto que contextualizados em uma realidade, e inacabados, posto que em constante formação, reformação e transformação. Não há relação vertical de um sujeito que possui o saber para o objeto desprovido de saber. Ensinar não se trata de uma transferência de conhecimento, mas sim da criação de possibilidades, para que haja a criação e produção de saber (FREIRE, 2004). Nesta compreensão de relação professor-aluno como sujeito-sujeito no aprendizado que é interessante trazer o conceito de círculo de cultura de Freire, que, como explica Sonia Couto (EAD FREIRIANA, 2022), é um espaço de troca, crescimento e interação, onde os sujeitos debatem uns com os outros e com o professor, numa circularidade de produção de saber a partir das situações reais vividas. O círculo de cultura é um método de educação no qual todos os sujeitos planejam e aprendem de forma solidária a reflexão sobre si

mesmos, sobre o contexto que vivem e sobre os outros de forma crítica (BRANDÃO, 2013). É uma experiência de aprendizado onde se formam, em processo contínuo, de dentro para fora, sujeitos livres, dispostos para exercer uma cidadania consciente, solidária e reflexiva. Respondendo à poetisa, que pergunta “quem mais ensina e quem mais aprende”, professor e aluno aprendem e ensinam, mútua e concomitantemente. Acrescenta Padilha (2003) que os círculos de cultura são dinâmicos e operam de várias formas e para múltiplos fins em salas de aula, ambientes de estudos e de reuniões ou de pesquisa, em eventos populares, na tomada de decisões coletivas e na disposição dos trabalhos da escola. Segundo o autor, por apresentar essa característica abrangente, são intertransculturais, porque nestes cenários se encontram pessoas que procuram aprender, ensinar, descobrir suas subjetividades e entender seu contexto, e se conscientizar sobre as tecituras das relações interpessoais e intergrupais que se estabelecem no exercício de ser e estar com suas diferenças e interesses.

3. Diálogo

Feliz é o professor que aprende ensinando.
[...] A mais importante faculdade de quem ensina
é a sua ascendência sobre a classe. Ascendência é uma irradiação magnética,
dominadora
que se impõe sem palavras ou gestos,
sem criar atritos, ordem e aproveitamento.
É uma força sensível que emana da personalidade
e a faz querida e respeitada, aceita.
[...] É tranquila e atuante. É um alto comando obscuro
e sempre presente. É a marca dos líderes. (CORALINA, 1997)

Freire diz que é de natureza alegre a atividade docente que não se separa da discente, e acrescenta que quanto mais rigoroso ele, como educador, se torna em sua busca e sua docência, tanto mais esperançoso e alegre se sente (FREIRE, 2004, p.142). Neste sentido, o aperfeiçoamento das qualidades e faculdades nesta poesia nos remete à ótica de Freire sobre a prática educativa: o amalgamento de “afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança” (FREIRE, 2004, p.143). Essa busca de ensinar-aprender-ensinar é dinâmica, corre na horizontalidade da relação educador-educando e convida os sujeitos a circular o conhecimento a fim de se aprimorar, expandir e ser impelidos a buscar mais de si, do mundo, para si e para o mundo. A prática docente não está dissociada da prática ética e é imperioso atentar para resolução do dilema autoridade-liberdade (FREIRE, 2004). Confunde-se autoridade com autoritarismo e liberdade com permissão. Quando Coralina fala sobre a “ascendência dominadora que se impõe”, poderia se pensar em uma autoridade vertical, do professor sobre o aluno; mas em seguida ela

dá contorno a esse pensamento, e percebemos que se trata mais de uma imanência, que reverbera como uma “força sensível que não cria atrito, ordem e aproveitamento”, que resulta em um diálogo entre sujeitos, e não em um monólogo de sujeito para objeto. Essa força poderia ser apreciada como aquela inerente à autêntica dialogicidade, na qual seres-sujeito, éticos no respeito às autonomias, se permitem crescer em suas diferenças, sem subjugação de um pelo outro (FREIRE, 1996). Diálogo é, antes de tudo, um modo de ser e de se relacionar com o mundo e com os outros, não se trata de uma técnica ou de um método pedagógico (STRECK, 2014). Dialogar requer uma curiosidade que almeja conhecer mais, uma autenticidade no respeitar as diversidades e uma generosidade e tolerância na relação com o outro e suas diferenças pessoais e culturais (FREIRE, 2019). O ato de educar para Freire é uma (re)criação do contexto que nos cerca por meio de diálogos e reflexões críticas (GADOTTI, 2018). Portanto, por se (re)criar e (re)inventar através do processo dialógico, a educação pode ser vista como um processo em construção, que promove um conhecimento crítico e libertador, capaz de transformar o mundo.

4. Inédito Viável

A estrada da vida é uma reta marcada de encruzilhadas.
Caminhos certos e errados, encontros e desencontros
do começo ao fim.
Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
O melhor professor nem sempre é o de mais saber,
é sim aquele que, modesto, tem a faculdade de transferir
e manter o respeito e a disciplina da classe. (CORALINA, 1997)

Poetizar sobre a estrada da vida ser marcada de encruzilhadas, nos leva a imaginar caminhos possíveis a serem tomados e escolhas a serem feitas, o que pode suscitar uma correlação com o conceito de inédito viável de Freire, que “representa uma alternativa que não se situa no campo das certezas, mas sim no das possibilidades” (PARO, 2020). É a compreensão de uma visão oposta à de uma realidade fatalista e engessada: aqui, a realidade é um estar sendo contínuo (FREITAS, 2005). Diante da incerteza que a encruzilhada-pergunta causa, os homens buscam caminhos-resposta, descobrindo infinitas oportunidades de se realizar e conscientizar. As situações-limite são as barreiras que, a princípio, se mostram insuperáveis para a transformação da realidade e que funcionam, por isso, como validadoras da permanência em um mesmo lugar de opressão (PARO, 2020). O convite diante das situações-limite é atravessar o medo e agir. Diante do assombro frente a encruzilhada-limite, pode-se escolher um caminho-ação, mas somente se houver o desenvolvimento de uma consciência crítica. A construção do inédito viável é algo que o homem sonha coletivamente, sabedor que através da consciência crítica, é possível superar

as situações-limite que o oprimem no processo do conhecimento, levando a uma ação transformadora e libertadora (PARO, 2020; FREITAS, 2005). Sonhar coletivamente requer o compromisso de denunciar as situações-limite e anunciar as possibilidades ineditamente viáveis (FREITAS, 2005). É nessa fronteira entre denúncia e anúncio que se constrói a ação necessária para a transformação do sonho inédito em realidade viável.

CONCLUSÃO

A leitura de alguns autores atíça uma reflexão naquele que lê, que pode nunca ter sido igual à preocupação daqueles que escreveram (FREIRE, 1996). Essa reflexão foi trazida pela leitura da poesia de Coralina, a partir da qual buscou-se criar uma ponte dialógica entre a palavra da grande poetisa e a palavra do grande educador. Espera-se que este artigo contribua no fortalecimento da palavra de Paulo Freire ao trazer a compreensão de alguns de seus conceitos pedagógicos no diálogo com a elegia de Cora Coralina ao professor. Palavra dinâmica atual que, “como discurso verdadeiro, se fará e refará; jamais é ou terá sido, porque sempre estará sendo. Nosso discurso diferente, – nossa palavrção – tem de ser um discurso permanente”. (FREIRE, 2001, p. 7).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C.R. **O que é método Paulo Freire**. Brasiliense, 2013.

BRITTO, C.C. **“Sou Paranaíba pra cá”**: Literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2006.

CORALINA, C. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. Global, p. 151, 1997.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’** – Edição 2022. Videoaula 11 - A atualidade da metodologia Freiriana para a educação de jovens, adultos e idosos. Ministrada por Sonia Couto. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022.

FREIRE, A.M.A. **A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire**. Cedes, Campinas, v.35, n.96, p.291-298, 2015.

FREIRE, N. **Palavra Aberta** – O legado da obra de Paulo Freire para a educação global contra hegemônica. Educ. em Revista, v.35, 2019.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 1996.
- _____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Paz e Terra, 2001.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 2004.
- FREITAS, A.L.S. **Pedagogia do inédito-viável: contribuições de Paulo Freire para fortalecer o potencial emancipatório das relações ensinar-aprender-pesquisar**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 setembro, 2005.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Ed e Livraria Paulo Freire, 2011.
- GADOTTI, M., CARNOY, M. **Reinventando Freire: A práxis do Instituto Paulo Freire**. Inst. Paulo Freire, 2018.
- KOHAN, W. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Vestígio, 2019.
- MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Vozes, 2019.
- PADILHA, P.R. **Currículo Intertranscultural: por uma escola curiosa, prazerosa e aprendente**. Dissertação (Doutorado), USP-SP, 2003.
- PARO, C.A.; VENTURA, M.; SILVA, N. E. K. **Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde**. Trab. Educ. Saúde, v.18, n.1, 2020.
- STRECK, D.R. **Ecos de Angicos: temas freireanos e a pedagogia atual**. Pro-Posições, v.25, n.3, p.83-101, 2014.

ARETUZA C. SANTOS

é formada em Fisioterapia -Centro Universitário IBMR, Psicologia -Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ, especialista em Acupuntura -Universidade de Guiyang–China, mestranda em Ciências da Reabilitação -Centro Universitário Augusto Motta- UNISUAM. Contato: aretuza.fisio@yahoo.com.br.

Letramento digital de adultos e o combate às *fake news*

SILVA, Cátia Luzia Oliveira da

RESUMO

Este artigo objetiva descrever a experiência de oficinas de combate às *fake news* (notícias falsas) e de uso seguro das redes sociais, ofertadas como parte do projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade”, que trata do letramento digital de adultos. O trabalho desenvolvido nas oficinas, cuja fundamentação teórica é baseada em Paulo Freire e na Educomunicação, busca a construção de uma visão cidadã no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação, mais preocupada com o processo de aprendizagem em si e menos com resultados quantificáveis. A partir de uma metodologia de trabalho que busca a dialogicidade, a afetividade e a construção coletiva de conhecimento, as oficinas do Projeto de Extensão universitária UFC e A Comunidade tem se preocupado em oferecer subsídios para que seus participantes transitem nas redes com mais segurança e criticidade. O artigo propõe também uma reflexão à luz do referencial teórico do Curso ‘Paulo Freire em Tempos de *Fake News*’, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, especialmente trabalhado nas videoaulas, um, três e onze. O artigo discute o processo de desinformação dos dias atuais e conclui que o uso significativo e cidadão das tecnologias pode ser aprendido em qualquer idade.

Palavras-chave: Letramento digital. Extensão. Fake News. Paulo Freire.

ADULT DIGITAL LITERACY AND THE FIGHT AGAINST FAKE NEWS

ABSTRACT

This article aims to describe the experience of workshops that combat fake news and the safe use of social networks, offered as part of the university extension project “UFC e

A Comunidade”, which deals with digital literacy for adults. The work carried out in the workshops, whose theoretical foundation is based on Paulo Freire and Educommunication, seeks to build a citizen vision in the use of digital information and communication technologies, more concerned with the learning process itself and less with quantifiable results. Based on a work methodology that seeks dialogicity, affectivity and the collective construction of knowledge, the workshops of the outreach project UFC and A Comunidade have been concerned with offering subsidies so that their participants transit in the networks with more security and criticality. The article also proposes a reflection in the light of the theoretical framework of the Course ‘Paulo Freire in Times of Fake News’, by EaD Freiriana of the Paulo Freire Institute, especially worked in the video classes, one, three and eleven. The article discusses the current misinformation process and concludes that the meaningful and citizen use of technologies can be learned at any age. **Keywords:** Digital literacy. Outreach. Fake News. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo descrever a experiência do projeto de extensão universitária “UFC e A Comunidade” na oferta de oficinas de combate à desinformação. O projeto tem ofertado, desde 2017, oficinas de letramento digital de adultos para um grupo de artesãs do bairro Planalto Pici, da cidade de Fortaleza, onde está situado um campus da Universidade Federal do Ceará (UFC). Criado no Instituto UFC Virtual com o intuito de buscar uma aproximação saudável com a comunidade - por ocasião da inauguração do novo bloco didático do Bacharelado em Sistemas e Mídias Digitais (SMD), o projeto já abordou diferentes temas relacionados ao uso das mídias (utilização do celular, fotografia digital, uso de aplicativos como *Instagram*, *Pinterest* e *Facebook*, cuidados no uso de redes sociais e com as *fake news* etc). Com o retorno às atividades presenciais, após o período de trabalho remoto durante a pandemia de Covid 19, as atividades didáticas do projeto se desenvolvem nas dependências do referido bloco didático, em dia e horário convenientes às cursistas. O projeto conta com o apoio de uma aluna bolsista. Outros alunos, como será explicado a seguir, trabalham como voluntários (tutores).

Participam desde o início do projeto um grupo de artesãs de meia-idade, de um grupo denominado “Brilho da Lua”, engajadas em atividades de economia solidária. Elas confeccionam, sobretudo, bonecas de pano que são vendidas em feiras promovidas pela prefeitura da cidade de Fortaleza. As alunas são moradoras do bairro Planalto Pici, um bairro com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de Fortaleza e tiveram, ao longo da vida, pouco acesso à educação formal, apresentando dificuldades de leitura e escrita. A partir do primeiro semestre de 2022, começaram a participar também

do projeto artesãs de outros bairros de Fortaleza, participantes da Rede Estrela de Iracema, uma rede de economia solidária, do qual o grupo Brilho da Lua também é integrante

A cada novo semestre letivo, as atividades de planejamento, criação e oferta das oficinas do projeto iniciam do zero: análise das necessidades de aprendizagem, reuniões com a comunidade, trabalho de formação didática do(a) bolsista do projeto, criação das atividades didáticas segundo princípios que atendam às características das cursistas e oferta propriamente dita das oficinas, seguindo uma agenda previamente acordada entre todos. É um trabalho demorado e que não faz imposições de conteúdo.

Participam das oficinas, além das artesãs, alunos da UFC, sobretudo do Bacharelado em Sistemas e Mídias Digitais. Eles se apresentam voluntariamente e tem a oportunidade de trabalhar como tutores nas oficinas, acompanhando de perto o processo de aprendizagem das alunas. Desta forma, complementam sua formação acadêmica, praticam o princípio do retorno social e exercitam o encontro com o outro. O projeto permite ainda aos estudantes de graduação em formação, sejam bolsistas ou voluntários, a oportunidade de compartilhamento de conhecimento aprendido na Universidade, favorecendo uma consciência cidadã sobre a responsabilidade de uma instituição pública de atuar com vistas à transformação social, ao mesmo tempo em que exercitam a prática da docência. Aprendem também o respeito ao ritmo das alunas e ao seu processo de aprendizagem, o diálogo, o afeto, que são valores do projeto de extensão que buscam ter em Paulo Freire e na Educomunicação seu pilar. O trabalho realizado no projeto segue também princípios de Design Instrucional para a construção das oficinas, além de princípios educacionais.

Na videoaula três do Curso Paulo Freire em Tempos de *Fake News* (EAD FREIRIANA, 2022b), por exemplo, aborda-se a Educomunicação como herança dialógica freireana. Segundo argumenta o Prof. Ismar Soares, a Educomunicação nasce com Paulo Freire e é um campo de estudo e de prática que se desenvolve na interface entre educação e comunicação. Segundo a perspectiva educacional, busca-se justamente uma educação que não seja voltada para os conteúdos nem para produzir efeitos pré-definidos, mas sim para que seja um processo em construção. Tem uma prática dialética que valoriza a cultura e o direito à comunicação, de acordo com um processo onde todos se educam permanentemente. Para além de uma formação que privilegie os conteúdos ou os insumos tecnológicos, busca-se uma reflexão crítica e um uso consciente e cidadão das mídias digitais para que haja uma contraposição ao trânsito exacerbado das notícias falsas nas redes atualmente. A comunicação é um direito fundamental do ser humano. E, segundo afirma o Prof. Ismar Soares, “o combate às *fake news* se dá por uma prática alternativa educacional” (EAD FREIRIANA, 2022b).

A VULNERABILIDADE ÀS *FAKE NEWS*

As participantes do projeto de extensão, mulheres adultas de meia-idade, relatam várias ocasiões em que recebem notícias de cunho duvidoso através das redes sociais, sobretudo por meio do aplicativo *Whatsapp*. Correntes e tentativas de golpes são outras ocorrências relatadas com certa frequência. Embora essa situação de vulnerabilidade não seja privilégio exclusivo dessas mulheres, pode-se dizer que elas são alvos constantes dessas práticas, e a questão da disseminação de notícias falsas tende a se agravar se há baixo letramento digital. O acesso às tecnologias de informação e comunicação, cada vez maior em nossa sociedade, não necessariamente significa o uso competente e cidadão dessa tecnologia. Na videoaula 1 do Curso Paulo Freire em Tempos de *Fake News* (EAD FREIRIANA, 2022a), debate-se a noção de *fake news*, de pós-verdade e a contribuição de Paulo Freire. Vivemos na era em que há grande circulação de informação, o que é potencializado pelas redes sociais. “Não necessariamente estar bem informado é saber o que está acontecendo”, adverte o Prof. Moacir Gadotti (EAD FREIRIANA, 2022a). Sobre a notícia falsa, Casero-Ripollés (2020) afirma que:

Trata-se de um tipo de informação fabricada que imita habilmente as notícias e aproveita as crenças públicas existentes para influenciar e desestabilizar a sociedade e as instituições, gerando confusão e ansiedade entre os cidadãos. (Casero-Ripollés, 2020, p.111)

Há grande disseminação de desinformação, a favor de determinados interesses (geralmente políticos e econômicos). Cada vez mais aprimoradas, as notícias falsas têm sua origem:

(...) na perda de credibilidade na mídia tradicional, algo que facilita sua expansão e fortalece seus efeitos sobre os cidadãos crédulos. Este fenômeno também está associado ao crescimento de fontes alternativas de informação vinculadas ao populismo e à direita radical, que perseguem objetivos e interesses geopolíticos, gerando caos e confusão por meio da informação. Portanto, suas consequências para a democracia são altamente prejudiciais. (Casero-Ripollés, 2020, p.111)

Essa profusão de notícias de toda ordem confunde os cidadãos e dificulta separar a verdade da mentira. Diante desse fato, alguns mecanismos de checagem das notícias passaram a existir. E algumas atitudes de cautela podem ser ensinadas. Uma vez que na educação

se busca a verdade da informação e se tem o dever de esclarecer os acontecimentos, o projeto de extensão UFC e A Comunidade criou, tanto em 2019 quanto em 2022, oficinas que abordam a identificação e o combate às notícias falsas, bem como a questão da segurança nas redes sociais. A partir de entrevistas semi-estruturadas realizadas com as cursistas ao fim do primeiro semestre de 2022, reportaremos aqui alguns resultados.

OFICINAS DE LETRAMENTO DIGITAL: FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Participar das oficinas de letramento digital é um momento ímpar na vida das mulheres do Brilho da Lua e da Rede Estrela de Iracema. É o momento de pisar o chão da universidade, ao qual não tiveram acesso por terem tido um reduzido tempo na educação básica formal e devido a diversos fatores socioeconômicos que as obriga a continuar buscando renda para suas famílias através do artesanato. Segundo a cursista M. F., a oportunidade de participar de um momento didático como a oficina foi uma novidade: “Foi a primeira vez numa oficina. Achei muito importante. A experiência foi algo que me surpreendeu”.

Para além de uma formação instrumental focada nos insumos tecnológicos ou de uma formação que busque o aprimoramento de atividades produtivas com as tecnologias da informação e comunicação, há a preocupação de uma formação cidadã para o uso das mídias, conforme o pensamento de Paulo Freire:

É exatamente porque sei que mudar é difícil mas é possível que eu me dou ao esforço crítico de trabalhar num projeto de formação de educadores, por exemplo, ou de operários de construção. De formação e não de puro treinamento técnico-profissional. Na formação não dicotomizo a capacitação técnico-científica do educando dos conhecimentos necessários ao exercício de sua cidadania. Na visão pragmático-tecnicista, contida em discursos reacionariamente pós-modernos, o que vale é a transferência de saberes técnicos, instrumentais, com que se assegure boa produtividade ao processo produtivo. (Freire, Paulo, 2000, p. 43)

O mundo contemporâneo oferece o desafio de se aprimorar a experiência humana com as tecnologias disponíveis, tais como a Internet, as ferramentas multimídia e os recursos baseados na web. Embora o contato com a tecnologia seja cada vez mais intenso, existe ainda uma carência de conhecimento sobre os usos críticos e criativos das ferramentas tecnológicas. Assim sendo, o trabalho pedagógico deve garantir oportunidades de usos

significativos da tecnologia como forma de se aprimorar os processos criativos e, sobretudo, críticos com vistas à construção da cidadania.

A proposta metodológica das oficinas do projeto dialoga com o conteúdo da videoaula 11 (EAD FREIRIANA, 2022c). Por exemplo, ao expor a atualidade da metodologia de trabalho freireana, a Profa. Sônia Couto discorre sobre a atualidade do pensamento de Paulo Freire e sobre como esse pensamento é revolucionário, pois objetiva que o educando seja mais e tenha voz. As situações tradicionais de educação, geralmente bancárias, negam a participação, a opinião e as impressões dos alunos. Ao participar das oficinas do projeto de extensão, as alunas são encorajadas a todo momento a expressar sua subjetividade a respeito dos temas tratados. E é a partir de suas falas que todo o momento didático se desenrola.

Com relação aos momentos da metodologia freireana, também podemos traçar alguns paralelos com suas fases: no momento em que há a pesquisa sociológica de investigação do universo vocabular dos educandos e estudo dos modos de vida na localidade, ou seja, o estudo da realidade para se selecionar palavras geradoras, identificamos que o mesmo se dá no projeto de extensão. Especialmente devido ao fato de haver novas matrículas a cada semestre, realiza-se uma investigação contextual das cursistas, a fim de se saber mais sobre suas características e seus desejos e necessidades de formação. Tal atividade se dá de forma presencial e também on-line, usando o grupo de *Whatsapp* do projeto. Dessa maneira, todo semestre há modificações implantadas no projeto, de modo a atender aos anseios das cursistas, na medida do possível – afinal, há escassez de recursos financeiros e de pessoal, devido aos crescentes cortes de verbas que as universidades públicas federais têm sofrido. O material de aula contém algumas especificidades: como a maioria das alunas tem pouca educação formal e dificuldades de leitura e escrita, a oficina não pode ser um momento acadêmico tradicional, com mera exposição de conteúdo. Aprendemos ao longo do tempo que o material didático deve ser diferenciado: muitas imagens, metáforas e pouco texto. Vocabulário acadêmico e técnico também é substituído por termos de mais fácil compreensão e vai sendo construído ao longo dos momentos de oficina. Critérios de acessibilidade também são importantes, especialmente os relacionados à legibilidade do material trabalhado. Através da observação do local de trabalho das artesãs no salão Brilho da Lua, percebemos que elas confeccionam suas bonecas de pano e outros artefatos ao redor de uma longa mesa. Transpusemos essa lógica para o ambiente de aula na universidade. Passamos a ocupar o ateliê de desenho do curso de Sistemas e Mídias Digitais, onde se encontram duas grandes mesas. Assim, intercaladamente, alunas e tutores sentam todos juntos, dividindo o espaço que prova ser muito propício às trocas de saber. A cursista D. R. manifestou: “Não tive nenhuma dificuldade. O método foi fácil pois cada uma usou seu próprio celular. Mas achei pouco tempo para tanta informação.” Espera-se melhorar essa relação entre tempo e conteúdo em novas edições das oficinas, a partir da crítica da cursista.

Já o momento da Problemática da metodologia freireana, em que se desvela o que está oculto nos temas, busca-se, através do diálogo, trazer para o momento das oficinas as situações-problema enfrentadas pelas cursistas e discutir, coletivamente, as possíveis saídas. Utilizando o recurso didático de uma personagem inspirada nas características gerais das cursistas- a D. Maria, artesã – faz-se uma “provocação” inicial baseada em situações que já surgiram no grupo de *Whatsapp*. A partir daí, várias outras situações começam a aparecer e a serem discutidas. No caso particular da oficina sobre notícias falsas, partiu-se de um exemplo previamente compartilhado por uma aluna. O grupo discutiu, então, sobre outros exemplos além daquele e sobre como verificar se as notícias seriam verdade ou não. Um dos exemplos que veio à tona foi o de que nas universidades públicas se pratica a balbúrdia e de que só há “maconheiros”. Partindo da observação da realidade daquele próprio grupo (professores, alunos e comunidade) de estar trabalhando num sábado pela manhã, engajado em atividades didáticas, as próprias alunas refutaram tal notícia. A própria vivência refutou a mentira.

Já como exercício prático com a tecnologia, a primeira estratégia de checagem apontada foi fazer uma busca geral em ferramenta on-line de pesquisa. A partir de então, outras dicas foram surgindo: checar a fonte das notícias, procurar ler o restante da história, verificar o autor e a data, verificar se há disseminação de preconceitos. A bolsista do projeto também apresentou uma relação de ferramentas gratuitas de verificação que foram postas em prática com a checagem de outras notícias duvidosas. Também se trabalhou a questão da ansiedade em se encaminhar as notícias para outras pessoas ou grupos e de que é preciso investigar a veracidade das notícias antes de repassá-las.

Esse momento de problematização segue o ritmo do grupo e não há a obrigação de se esgotar determinado tema durante aquele encontro. Se for necessário, mais tempo é alocado depois para se continuar trabalhando o conteúdo.

A videoaula também coloca outros elementos que são buscados nas oficinas de letramento digital: a humanização (em contraposição à educação bancária), a valorização da cultura e da arte de todos os envolvidos, a dialogicidade, a politização do ato educativo. Esta última não se dá em termos político-partidários, mas segundo a noção de que toda ação humana é política porque não é neutra. A intencionalidade presente nas oficinas é de que haja leitura do mundo a fim de que ações pessoais e coletivas sejam transformadoras.

Após esse momento didático sobre notícias falsas, outro encontro tratou do uso seguro das redes. Através de similar metodologia e modo de produção de material didático, temas tais como invasão de perfis, *bullying* virtual, roubos de identidade, venda de dados pessoais, ataques aos sistemas operacionais dos equipamentos etc foram abordados. Soluções foram trabalhadas com a turma: instalação de antivírus, bloqueio e denúncia de perfis no *Whatsapp* e *Facebook*, criação de senhas seguras, criação de cópias de segurança para restauração dos sistemas etc.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

As notícias falsas estão cada vez mais elaboradas e mais rapidamente difundidas, alinhadas à onda de difamação, por exemplo, da atividade docente e do trabalho nas universidades públicas. É um movimento harmônico com as atividades da Escola Sem Partido que busca calar os professores. Doutrinação e alienação se misturam ao discurso de ódio. Contudo, é papel da própria educação esclarecer, elucidar, desvelar o que está oculto nesse jogo de intenções.

O combate às notícias falsas pode ser aprendido. E pode ser aprendido coletivamente, em movimento de contraposição, consubstanciando valores que são justamente refutados pelas forças motrizes de desinformação. Esses valores são a humanização, o diálogo, a politização, o respeito à diversidade, o afeto.

Em tempos violentos e de censura como o que vivemos, a formação do cidadão para o uso crítico das mídias nunca se fez tão necessário. A discussão superficial a respeito de nativos e imigrantes digitais apenas mascara as reais razões desse *apartheid* informacional da sociedade brasileira. Excluídas digitalmente – além de sócio-economicamente, chamar as alunas do projeto de extensão aqui discutido (assim como a qualquer outro cidadão que não tem acesso à educação, à saúde, à garantia de seus direitos, à educação midiática) de imigrantes digitais é excluí-las duplamente. A culpa não reside nelas, mas na exclusão promovida pelo capitalismo e pela degradação de direitos. As notícias falsas atingem a todos e todas, inclusive aos mais jovens que são denominados de nativos digitais. Toda e qualquer habilidade pode ser aprendida (como a de refutar notícias falsas) em qualquer idade.

Finalmente, as oficinas do projeto de extensão buscam, apesar das dificuldades impostas pelo atual governo federal, perseverar em suas ações e em seu alcance. O uso cidadão das mídias pode ser uma utopia. Porém, segundo o professor Moacir Gadotti, “a utopia é o verdadeiro realismo do educador” (EAD FREIRIANA, 2022a).

REFERÊNCIAS

CASERO-RIPOLLÉS, Andreu. **Impacto da Covid-19 nos sistemas de mídia:** consequências comunicativas e democráticas do consumo de notícias durante o surto. In: Revista Comunicação e Educação, vol 25, n 1, 109-129.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em Tempos de Fake News.** Videoaula 1 – A Noção de *Fake News*, de Pós-/verdade e As Contribuições de Freire à Educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em Tempos de *Fake News***. Videoaula 3 – Educomunicação: uma herança dialógica freireana. Ministrada por Ismar Soares. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em Tempos de *Fake News***. Videoaula 11 – A Atualidade da Metodologia Freireana para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos Ministrada por Sônia Couto. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SILVA, Cátia Luzia Oliveira. **Letramento Digital de Adultos: uma experiência extensionista fundamentada em Paulo Freire**. In: Como Alfabetizar com Paulo Freire. Orgs. Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha. 1a. Ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020.

SILVA, Cátia Luzia Oliveira. **Letramento Digital de Adultos: reflexões sobre o idadismo e o ato de aprender**. In: Paulo Freire e a Educação Popular. Orgs. Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha. 1a. Ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022

CÁTIA LUZIA OLIVEIRA DA SILVA

é professora associada da Universidade Federal do Ceará, onde leciona no Instituto UFC-Virtual, desde 2010. Possui doutorado em Learning, Design and Technology pela University of Georgia, EUA (2011), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2001) e graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1994). Contato: catia@virtual.ufc.br

O pensamento freiriano na educomunicação

Potência para enfrentar a desinformação climática

MORAES, Cláudia Herte de

RESUMO

A crise climática é considerada o maior desafio da humanidade nos tempos atuais. Para seu enfrentamento, será necessário que governos e sociedade em geral busquem entendimento sobre quais os caminhos podemos trilhar, para evitar o mal maior: a própria catástrofe da extinção da espécie humana. Somando-se a isso, destacamos cada vez mais a preocupação que se volta para o fenômeno da desinformação. Com a ampla proliferação de informações, conexões e plataformas digitais, de que forma podemos considerar seres e saberes múltiplos para decidir coletivamente com responsabilidade e respeito à vida? Neste cenário, o foco do capítulo se dá na década 2012-2022 no Brasil, em que há comprovado desmonte ambiental e perseguição aos povos indígenas, os quais guardam a floresta e, portanto, são essenciais para o enfrentamento da crise climática. O texto foi produzido a partir de pesquisa bibliográfica com o objetivo de pensar como a desinformação climática pode ser combatida pela educomunicação, campo inspirado no pensamento de Paulo Freire. Concluímos que a educomunicação deve aproximar-se cada vez mais com temas de vivência comunitária e cidadã. Como exemplo, no recorte sobre os povos indígenas, estes atuam tanto na defesa ambiental e do clima, quanto no combate à desinformação sobre a emergência climática. **Palavras-chave:** Educomunicação. Desinformação. Paulo Freire.

FREIREAN THINKING IN EDUCOMMUNICATION:

Power to face climate misinformation

ABSTRACT

The climate crisis is considered the greatest challenge facing humanity today. To face it, it will be necessary for governments and society in general to seek understanding about which paths we can take to avoid the greatest evil: the very catastrophe of the extinction of the human species. Adding to this, we increasingly highlight the concern that turns to the phenomenon of misinformation. With the wide proliferation of information, connections and digital platforms, how can we consider multiple beings and knowledge to collectively decide with responsibility and respect for life? In this scenario, the focus of the chapter is on the decade 2012-2022 in Brazil, in which there is evidence of environmental dismantling and persecution of indigenous peoples, who guard the forest and, therefore, are essential for facing the climate crisis. The text was produced from bibliographical research with the aim of thinking about how climate misinformation can be fought through educommunication, a field inspired by Paulo Freire's thinking. We conclude that educommunication must increasingly approach themes of community and citizen experience. As an example, in the focus on indigenous peoples, they act both in environmental and climate defense, as well as in combating misinformation about the climate emergency.

Keywords: Educommunication. Misinformation. Paulo Freire.

A esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las.
(Santo Agostinho)

INTRODUÇÃO

O Brasil está no centro de um verdadeiro desmonte das políticas e do cuidado com o ambiente, especialmente na década de 2012-2022. Ações distanciadas, portanto, do conceito de desenvolvimento sustentável, construído nos anos 1980 e repercutido globalmente pela Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Eco-92 ou Rio-92. O desmonte no Brasil se dá no momento em que o mundo discute formas de enfrentamento à crise climática, declarada uma emergência (RIPPLE et. al, 2019). O alerta dos cientistas trouxe seis recomendações: substituir combustíveis fósseis, reduzir emissões de metano, restaurar e proteger ecossistemas, entre eles as florestas, mudar a dieta alimentar, promover uma economia livre de carbono e por fim diminuir o crescimento populacional com justiça social e econômica. (IHU, 2019). Ações que devem ser tomadas de forma concreta e urgente.

Mesmo que em nosso entorno tenhamos sinais da mudança climática, cada vez mais nítidos, alguns creem que o curso dos fatos está associado a mentiras e manipulações, alimentando a desinformação climática. (CLIMAINFO, 2022). Isso exige, daqueles que querem modificar as relações de exploração ambiental e social, um trabalho convocado pela ecopedagogia (GADOTTI, 2009).

Este capítulo foi instigado pelas reflexões do Curso **‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire**. A reflexão é resultado de pesquisa bibliográfica que busca “a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas” (BOCCATO, 2006, p. 266), portanto, baseada em autores publicados em revistas científicas e livros acadêmicos, contextualizando dados com sites oficiais, de informação pública e jornalística de credibilidade.

Neste capítulo, pretende-se responder à questão norteadora, sobre de que forma a educomunicação, a partir do pensamento freiriano, pode potencializar o combate à desinformação climática. Desta forma, o objetivo é refletir sobre o pensamento freiriano - que inspira a educomunicação, como fundamental neste cenário, em face da desinformação climática atual.

Um dos focos da desinformação no governo Bolsonaro (2019-2022) foi a demarcação das terras indígenas. Os povos originários foram alvo do próprio presidente e de seus seguidores, ao montarem resistência à tese do marco temporal que “define terem direito à demarcação somente povos que tiverem, comprovadamente, posse sobre a terra em 05 de outubro de 1988” (RODRIGUES, 2020, p.285). O marco temporal impede a demarcação de terras indígenas ancestrais e, por consequência, impacta na falta de proteção ambiental no Brasil.

Nesta perspectiva, o pensamento de Paulo Freire, ele próprio tão combatido por meio da desinformação nas redes sociais disparadas especialmente nos últimos anos, nos ajuda a questionar esse movimento da desinformação sobre o papel e os direitos dos indígenas em meio à crise climática.

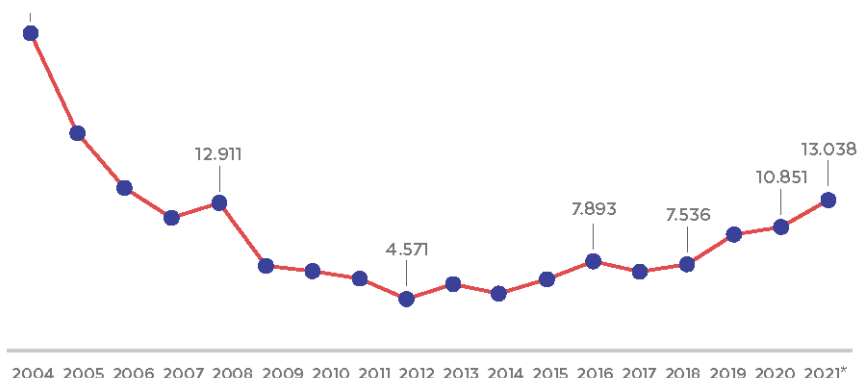
Com este recorte temático, trazemos inicialmente algumas informações sobre a crise do clima e a importância das terras indígenas no cenário de proteção ambiental brasileiro. Nesta conjuntura, é preciso então situar o ataque aos indígenas, no bojo da desinformação sobre o clima que, historicamente, busca amenizar os efeitos das atividades humanas, como poluição e a super exploração do ambiente. Depois, discutimos as bases da educomunicação - inspiradas no pensamento de Paulo Freire (EAD FREIRIANA, 2022a) que nos ajudam tanto na ação ambiental quanto no combate à desinformação. Com exemplo de reportagem educacional, mostramos a inspiração no dialogismo e na busca da leitura de mundo, essencial para a transformação da sociedade.

QUESTÕES AMBIENTAIS E A DESINFORMAÇÃO SOBRE CLIMA

Houve um nítido retrocesso das políticas públicas no período do governo federal do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022). O desmatamento da Amazônia “[...] viveu em 2021 o seu pior ano em uma década. De janeiro a dezembro, foram destruídos 10.362 km² de mata nativa [...]” (IMAZON, 2021). Outro exemplo está no Pantanal brasileiro, bioma campeão da biodiversidade, que teve 30% de destruição por queimadas em 2020, conforme estudos feitos por Organizações Não-Governamentais atuantes na região. (GIMENES, 2021). O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) apontou que houve um aumento de quase 200% em queimadas no Pantanal entre 2019 e 2020. (ACN, 2020).

Com dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), publicados pelo Tribunal de Contas da União TCU, demonstrou-se o crescimento do desmatamento na Amazônia entre 2012 e 2021, no Gráfico 1:

Gráfico 1 - Taxa anual de desmatamento da região amazônica



Fonte: TCU

Os dados foram analisados, tendo a grave situação reforçada pelo Tribunal:

O desmatamento na Amazônia Legal, que apresentou significativa redução entre 2004 e 2012, aumentou desde então, especialmente de 2019 a 2021. A área desmatada em 2021 (13.038 km²) quase triplicou em relação à extensão desmatada em 2012 (4.571 km²). (TCU, 2022)

Em 2022, houve redução de 11,2% no desmatamento em relação ao ano anterior, porém o governo Bolsonaro passa um recorde para seu sucessor Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que assume em 2023. Como apurado pela Folha de SP, “Jair Bolsonaro (PL) entrega, em 4 anos, desmate 59% superior às gestões anteriores”. (AMARAL, 2022).

As mudanças climáticas agravadas por desmatamentos e queimadas, bem como as desigualdades socioeconômicas no Brasil, figuram no horizonte da ação ambiental e, de acordo com Werneck et. al (2021), somaram-se às crises resultantes da pandemia Covid-19 e de sua gestão desastrosa no Brasil. Tudo isso é ameaça à vida e, ainda mais, se você é um brasileiro indígena. No Brasil, os indígenas ficaram entre os grupos mais atingidos pela pandemia. Oficialmente, “[...] 46.820 pessoas indígenas foram contaminadas pela Covid-19. Dessas, 640 morreram”, dados contabilizados desde o início da pandemia até 20 de abril de 2021. (OXFAM BRASIL, 2021).

Antes da pandemia, a visão do governo Bolsonaro já era contrária aos direitos dos povos indígenas. Em mais de uma ocasião, o governo atuou no enfraquecimento dos órgãos de apoio às políticas indigenistas, como indicou Santos (2021), sobre a implementação de medidas inconstitucionais de agenda ultraliberal, diminuindo debate público e impondo discursos autoritários, além do desrespeito aos povos do campo e indígenas “[...] inclusive ameaças de revisão e redução das Unidades de Conservação e incentivos e apoio à mineração em terras indígenas” (SANTOS, 2021, p.673).

Com isso, neste período, os governantes atuaram em favor da tese do marco temporal, tema que se encontra no Supremo Tribunal Federal (STF), em julgamento suspenso em setembro de 2021 e ainda não finalizado até esta data (10 de dezembro de 2022). Neste contexto, houve o registro de mais invasões a terras indígenas, tanto por garimpeiros em busca de minérios, quanto por empresários que “passaram a se autointitular donos de determinadas áreas tradicionalmente ocupadas pelas comunidades”.

A desinformação climática é bastante danosa aos planos de mudança socioambiental para diminuir os riscos das catástrofes. É considerada, em verdade, “uma grande ameaça à ação climática” pois no lugar de “negar a existência das mudanças climáticas induzidas pelo homem, a desinformação cria ceticismo quanto à necessidade de ações e cria receios sobre suas consequências.” (CLIMAINFO, 2022). A desinformação é decorrente de circulação de conteúdos que enganam, fraudam ou distorcem os fenômenos já ratificados em consensos por cientistas renomados mundialmente.

A desinformação e as informações climáticas erradas se referem a conteúdos enganosos e fraudulentos que distorcem a existência ou os impactos das mudanças climáticas, suas causas humanas, e a urgência de agir, de acordo com a Climate Action Against Disinformation – CAAD. A desinformação pode incluir representações enganosas ou omissão de dados científicos, ou pode ser divulgada como sendo parte dos esforços para apoiar as metas de mudanças climáticas, quando, na verdade, ela está indo contra o consenso científico. (CLIMAINFO, 2022).

No VI Relatório do IPPC (2022) há menção específica e crítica a “interesses econômicos e políticos velados” que colaboram para uma retórica composta por informações enganosas, sabotando as ciências climáticas, com efeito contrário aos sentidos de risco e urgência nas ações. No governo Bolsonaro (2019-2022), os próprios agentes públicos promoveram a desinformação climática e, ainda mais, fizeram ataques aos direitos dos indígenas brasileiros. Em vários discursos, o próprio presidente atacou os povos originários e, especialmente, “sempre se manifestou de forma contrária à demarcação de terras indígenas no Brasil”. (YAHOO, 2022).

Nita Freire (2019) joga luz sobre como a formação do Brasil contribui para uma cultura ainda carente de respeito aos direitos humanos:

Somos um país cuja formação político-social se baseou por séculos na exclusão e na opressão determinadas pela escravidão, pelo senhor dono de terras e de gentes que em tudo e em todos mandava; na precariedade dos bens de consumo para o bem-estar da sociedade em geral. Assim, herdamos na própria carne e em nossa mente, como classe privilegiada, ou apenas dita “superior”, a prática da desumanização, que nega a própria existência humana: a humanidade em processo permanente de humanização, que pode fazer dos indivíduos Seres Mais. Fizemo-nos assim um povo sem a capacidade de ver o outro e a outra, de lhes assistir na garantia de ter todos os Direitos Humanos respeitados, consagrados. (FREIRE, N., 2019, p.17)

Diante destes desafios socioambientais e políticos, que estão profundamente interligados, é necessário organizar e fortalecer os espaços de comunicação e educação ambiental, quanto mais neste cenário de desinformação que está tomando corpo, desfazendo os esforços de ambientalistas e cientistas para conter a mudança climática. Ao associarmos a luta socioambiental, os direitos humanos e a educação ambiental, temos a atualidade de Paulo Freire, pois precisamos nos empenhar contra a massificação do pensamento, este que se encontra “dominado pelas forças dos mitos e comandado pela propaganda ideológica” (EAD FREIRIANA, 2022b). Desta forma, instauramos também alguns pontos da ecopedagogia, pois:

Precisamos de uma ecopedagogia e uma ecoformação hoje, justamente porque sem essa pedagogia para a re-educação do homem/mulher, principalmente do homem ocidental, prisioneiro de uma cultura cristã predatória, não poderemos mais falar da Terra como um lar, como uma toca, para o “bicho-homem”, como fala Paulo Freire. (GADOTTI, 2009, p.3)

Com isso, podemos pensar que seja fundamental, ao tratarmos da educação ambiental, promover a visão crítica da realidade e entorno. Pela destruição de mitos, podemos ainda reforçar a coragem de mediar nosso conhecimento de mundo, o mesmo que precisamos mudar. Neste cenário, importante também atuar como educadores, fazendo frente à desinformação, ponto que abordamos a seguir.

A POTÊNCIA DA EDUCOMUNICAÇÃO DE BASE FREIRIANA

Levando em conta os desafios da sociedade da informação e, também, da desinformação, é preciso posicionamento e disposição para buscar repensar nossa cultura, calcada em autoritarismo e colonialismo. Conforme Soares (2014, p.26), “as ideias freirianas sobre a interface Comunicação e Educação têm sido fontes inspiradoras para a adoção da perspectiva dialógica”, na relação que temos com os vários meios de comunicação.

Pensar a educomunicação implica compreender que, de acordo com Freire, que “na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo”. (FREIRE, 2011a. p.58).

Silva (2019) atribui relevância aos autores Freire e Kaplún para a educação popular na contemporaneidade, pois eles postulam “[...] uma mudança ideológica na forma de produzir mensagens, considerando o contexto educativo e comunicativo das comunidades populares.” (SILVA, 2019, p.18).

Freitas (2015) postula que o entendimento da educomunicação deve se dar “como ferramenta de ação e protesto das classes oprimidas da sociedade às formas de dominação sociais, políticas e econômicas”. Desta forma, toda e qualquer tecnologia envolvida no processo comunicativo deve também estar a serviço da emancipação. Com isso, “[...] a educomunicação desponta como novo campo do saber em favor da construção da cidadania”. (FREITAS, 2015, p.156).

Entendemos a educomunicação como “um movimento político e pedagógico que nasceu na sociedade civil, visando, essencialmente, ao desenvolvimento da solidariedade em processos de relacionamento.” (SOARES, 2014, p.30).

Propomos que a mediação educacional deve estar a serviço do processo de conscientização, pois neste processo as pessoas “tomam uma atitude ativa na exploração de suas temáticas, nessa medida sua consciência crítica da realidade se aprofunda e anuncia estas temáticas de realidade.” (FREIRE, 1980, p. 32). Por isso, a educomunicação não se refere a uma metodologia, mas a uma abordagem que se inspira em Freire e se estrutura “a partir da compreensão ideológica e libertadora da ação humana no mundo para transformá-lo.” (FREITAS, 2015, p.159).

Importante incluir, portanto, na base freiriana da Educomunicação, a ideia de que “a tomada de consciência abre caminho para a expressão da insatisfação social e a assunção de posturas rebeldes e de resistência” (SILVA, 2019, p.6). Com isso, a autora indica que precisamos produzir nossa própria visão de mundo “[...] desmistificando temas e abordagens tendenciosas e parciais” (idem, p.9).

Levando em conta as ideias discutidas até aqui, e o cenário da desinformação sobre o clima e sobre os direitos dos povos indígenas, podemos pensar sobre a importância dos processos educacionais, na produção e consumo de informação para a leitura do mundo, em processo permanente de conscientização a respeito das opressões e na luta por direitos e cidadania.

Tendo em vista a transformação do mundo por meio da palavra, ilustramos este texto com notícias da mobilização de produção comunitária indígena, em que identificamos a educomunicação de base freiriana, calcada no diálogo, abordando temáticas aderentes à conscientização e à liberdade (EAD FREIRIANA, 2022b). No trecho a seguir, podemos ver de que forma os povos indígenas estão se organizando para a luta, pela comunicação e pela educação, fazendo contrapontos ao que o governo fala a respeito dos seus direitos.

Em junho de 2021, Kauê participou do Levante pela Terra, movimento de mobilização contra iniciativas legislativas, executivas e judiciárias que ameaçam a sobrevivência dos povos originários em Brasília. Lá, ele fez contato com o Mídia Índia, projeto de comunicação de grande alcance, direcionado só para pautas indígenas, o que lhe inspirou a juntar outros jovens de sua etnia e criar a Mídia Terena para divulgar o que se passa nas sete terras Terena. (LEI.A, 2021)

A reportagem intitulada “Marco Temporal: como furar a bolha quanto ao interesse por pautas indígenas” (LEI.A, 2021) traz histórias de como povos indígenas estão buscando romper a falta de informação e combater a desinformação sobre suas lutas. Entre as lutas dos povos, a busca da derrubada do marco temporal, tese esta que pode expulsar os povos originários de seus territórios e trazer grande impacto na proteção ambiental que os mesmos realizam pelo Brasil e pelo planeta.

Diante da luta necessária pela sobrevivência, em que os indígenas são considerados os verdadeiros guardiões das florestas, e dos biomas em geral, da diversidade biológica e cultural, é relevante observar que os próprios indígenas promovem a construção de contradiscursos, tomando para si a palavra, construindo, portanto, um polo de comunicação, atuando como emissores-receptores, em busca do diálogo. Como Kaplún pontua: “A verdadeira comunicação não acontece com um emissor que fala e um receptor que escuta, mas por dois ou mais seres ou comunidades humanas que intercambiam e compartilham experiências, conhecimentos, sentimentos”. (KAPLÚN, 2002, p. 58).

Assim, a comunicação realizada pelas comunidades são espaços educativos, como autores de suas próprias letras e imagens, podendo ser consideradas produção de conteúdo dialógico, para ampliar a leitura do mundo. Entendemos que podem ser considerados ainda espaços que se tornam “uma trincheira contra a desinformação e a manipulação do sistema midiático” (SILVA, 2019, p.9).

Pensando nos cenários dos desmontes ambientais e da desinformação quanto aos direitos dos povos indígenas, é preciso acionar o “ecologismo dos pobres”, como “parte do movimento global de justiça ambiental.” (MARTINEZ-ALIER, 2015, p.10). Além disso, no Brasil, “grande parte das áreas preservadas que foram ou serão transformadas em parques só existem porque foram habitadas e manejadas por comunidades tradicionais, sejam elas indígenas, quilombolas [...]” (PEREIRA; LOPES, 2021, p. 117). Os espaços preservados são, em sua grande maioria, obra de povos originários que são considerados os verdadeiros “guardiões das florestas”, indicados no relatório “Povos indígenas e comunidades tradicionais e a governança florestal”, da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e do Fundo para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas da América Latina e do Caribe (FILAC):

As taxas de desmatamento na América Latina e no Caribe são significativamente mais baixas em áreas indígenas e de comunidades tradicionais onde os governos reconhecem formalmente os direitos territoriais coletivos. Melhorar a segurança da posse desses territórios é uma maneira eficiente e econômica de reduzir as emissões de carbono. (ONU BRASIL, 2021).

Entendemos, portanto, que a forma educ comunicativa usada pelos povos indígenas, pobres e pessoas periféricas no Brasil, fazem frente às invasões, opressões e violências, colaborando para a ação climática. Para além disso, também reconstróem narrativas de suas histórias e culturas, abafadas pelos interesses econômicos desde a colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão realizada em diálogo com autores e inspirados por Paulo Freire, demonstra como o autor pode ser referência para práxis da resistência no combate à desinformação, por meio da educação. Paulo Freire nos convoca a prestar atenção na realidade, naquilo que temos de relações sociais, ao nosso entorno e, desta forma, repensar concepções e práticas, discursos e ações.

Os temas recortados neste capítulo – a crise climática, o desmonte das políticas indigenistas e o debate sobre o marco temporal – acionam os componentes da resistência

e do contraponto, necessários para a construção dos direitos humanos, incluindo o direito a comunicar.

Os protagonistas que ilustraram nossa abordagem são exemplos educacionais para a defesa dos indígenas e seus territórios. O movimento indígena, portanto, resiste desde sempre pela proteção ambiental, das florestas e do clima e, nesta década de 2012-2022, podemos concluir que os povos atuaram também contra o movimento da desinformação climática no Brasil.

REFERÊNCIAS

ACN - Agência Câmara de Notícias. **Inpe confirma aumento de quase 200% em queimadas no Pantanal entre 2019 e 2020.** 30/09/2020. Disponível em: <http://bit.ly/3VPFPpk> Acesso em 10 dez. 2022.

AMARAL, Ana Carolina. **Lula herda desmatamento recorde, apesar de alívio na taxa anual.** Folha de SP. 30/11/2021. Disponível em: <http://bit.ly/3uLbewY>. Acesso: 10 dez. 2022.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CLIMAINFO. **A desinformação climática impede ações e alimenta divisões.** Disponível em: bit.ly/3FgPb6h. Acesso: 10 dez. 2022.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2022.** Videoaula 3 – Educomunicação: uma herança dialógica freiriana. Ministrada por Ismar Soares. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2022.** Videoaula 1 – Atualidade de Paulo Freire para a educação ambiental. Ministrada por Ismar Soares. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

FREITAS, José Vicente. **Educomunicação: contextualizando o processo de atribuição de sentidos e significados no delineamento do conceito.** **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 10, n. 2, p. 149-162, 2015.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** SP: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**. Editora Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Apresentação. In: FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo**. Editora Paz e Terra, 2019. p.11-22.

GADOTTI, Moacir. **Ecopedagogia, pedagogia da terra, pedagogia da sustentabilidade, educação ambiental e educação para a cidadania planetária**. Conceitos e expressões diferentes e interconectados por um projeto comum. Creative Commons, 2009. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/3397>

GIMENES, Erick. **Se queimadas continuarem, Pantanal tende a virar um deserto, afirma biólogo**. Brasil de Fato. 08/01/2021. Disponível em: <http://bit.ly/3W6Xjgv>. Acesso: 15 set. 2022.

IHU - Instituto Humanitas Unisinos. **Emergência climática: o alerta de 11 mil cientistas. Seis coisas a fazer para sair da crise**. Disponível em: <http://bit.ly/3UOSEyA>. Acesso: 15 set. 2022.

IMAZON. **Desmatamento na Amazonia cresce 29% em 2021 e é o maior dos últimos 10 anos**. 17/01/2022. Disponível em: <http://bit.ly/3Bp1wEz>. Acesso: 15 set. 2022.

IPCC. (2022). Sixth Assessment Report. **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability**. Disponível em: <https://bit.ly/3wPDu3x>. Acesso: 15 set. 2022.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación: (el comunicador popular)**. Editorial Caminos, 2002.

MARTINEZ-ALIER, Joan; MILANEZ, Felipe (entrevistador). **Ecologismo dos pobres, Colonialismo e Metabolismo Social**. Brasília, v.1, n.2, 2015.

MINAYO, M.C.S. (org) et. al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ONU BRASIL. **Novo relatório da ONU: povos indígenas e comunidades tradicionais são os melhores guardiões das florestas da América Latina e do Caribe.** Disponível em: <http://bit.ly/3UIHTy5>. Acesso em: 05 out. 2022.

OXFAM BRASIL. **A pandemia da Covid-19 e suas consequências para a população indígena.** 20 abr 2021. Disponível em: <http://bit.ly/3FmJXWy>. Acesso em: 05 out. 2022.

PEREIRA, Viviane Camejo; LOPES, Claudemira Vieira Gusmão. **O ecologismo dos pobres e o racismo ambiental: reflexões sobre sociedade e natureza para uma educação ambiental crítica.** *Divers@!*, v. 14, n. 2, p. 110-125, 2021.

RIPPLE, William; WOLF, Christopher; NEWSOME, Thomas; BARNARD, Phoebe, MOOMAW, William; GRANDCOLAS, Philippe. World scientists' warning of a climate emergency. *BioScience*, 2019.

RODRIGUES, Hanna Cláudia Freitas. A legitimação do etnocídio pelo Estado Brasileiro: sobre medidas anti-indigenistas do Governo Bolsonaro no contexto pandêmico. *Vukápanavo: Revista Terena*, nº 04, Out/Nov, 2020. p.277-286.

SANTOS, Anderlany Aragão dos et. al. Ameaças, fragilização e desmonte de políticas e instituições indigenistas, quilombolas e ambientais no Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 29, n. 3, p. 669-698, 2021.

SARMENTO, Eliomar Osias Rezende. **A pandemia da Covid-19 na vida dos povos indígenas: uma reflexão autoetnográfica, a partir dos ritos sagrados do povo Tuyuka-Utapinôponã.** 2020.

SILVA, Merli Leal. Pedagogia freireana na perspectiva da educomunicação popular. *Em Extensão*, v. 18, n. 3, 2019.

SOARES, Ismar de O. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. *Revista FGV online*, v. 4, n. 1, p. 19-34, 2014.

TCU. **Relatório de Fiscalizações em Políticas e Programas de Governo - REPP.** 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3iHEXEn>. Acesso: 10 dez. 2022.

WERNECK, Felipe; SORDI, Jaqueline; ARAÚJO, Suely; ANGELO, Claudio. **“Passando a boiada”:** o segundo ano de desmonte ambiental sob Jair Bolsonaro. Observatório do Clima, 2021. Disponível em: <http://bit.ly/3FgKk5b>. Acesso em: 22 set. 2022.

YAHOO Notícias. **Relembre 7 vezes em que Bolsonaro atacou direitos dos indígenas.**
Disponível em: <http://bit.ly/3VNLZX3>. Acesso em: 22 set. 2022.

CLÁUDIA HERTE DE MORAES

é jornalista e mestre em Comunicação (Unisinos), especialista em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global (PUCRS), doutora em Comunicação e Informação (UFRGS). Professora na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen. Contato: claudia.moraes@ufsm.br.

Atualidade de Paulo Freire contra a desinformação

Letramento científico inclusivo também para sujeitos Surdos

GOMES, Danila Ribeiro

RESUMO

O presente texto destaca a contribuição da obra de Paulo Freire para a Educação Inclusiva de forma geral, e a Educação de sujeitos Surdos em particular, bem como seu potencial de encorajar, fortalecer e esperar a luta em torno da inclusão nos processos educativos. Para tanto, foram feitas pesquisa bibliográfica e reflexões em diálogo com estudiosos de Freire no Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. Os resultados destacam aspectos da especificidade do que aqui é chamado Letramento Científico Inclusivo para grupos socioeconômicos desfavorecidos, dentre os quais estão os sujeitos Surdos, que infelizmente ainda são muito lesados pelo desrespeito sistemático de seu direito humano a uma educação de qualidade. Entendendo que a educação científica pode contribuir com a ampliação da educação emancipadora também desses sujeitos, este texto é um convite a sujeitos educadores-educandos a investirem na formação contínua sobre Cultura Surda, língua de sinais e necessidades educativas específicas desses sujeitos.

Palavras-chave: Letramento Científico Inclusivo. Paulo Freire. Sujeitos Surdos.

PAULO FREIRE’S TOPICALITY AGAINST DISINFORMATION:

Inclusive scientific literacy for Deaf people as well

ABSTRACT

This text highlights the contribution of Paulo Freire's work to Inclusive Education in general, and the Education for Deaf people in particular, as well as its potential to encourage, strengthen and hope for the struggle around inclusion on educational processes. To this purpose, bibliographic research and reflections were carried out in dialogue with Freire scholars in the course 'Paulo Freire em tempos de *fake news*' - Edition 2022, by EaD Freiriana of the Paulo Freire Institute. The results highlight aspects of the specificity of the called Inclusive Scientific Literacy for disadvantaged socioeconomic groups, among which, the Deaf. Understanding that scientific education can contribute to the expansion of emancipatory education for these subjects as well, this text is an invitation to educators-students to invest on continuous education on Deaf Culture, sign language and the specific educational needs of these subjects.

Keywords: Inclusive Scientific Literacy. Paulo Freire. Deaf People.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, a obra de Paulo Freire tem sofrido muitos ataques disseminados mediante as chamadas *fake news* ou notícias falsas. Alguns deles dizem respeito a uma suposta desconsideração pelo conhecimento científico, e a uma alegada indiferença ao público-alvo da Educação Inclusiva, inclusive os sujeitos Surdos. Como contraposição a essas desinformações, o presente ensaio pretende oferecer uma contribuição ao debate em torno da atualidade e da pertinência dos pressupostos freirianos à luta pela educação inclusiva, focando a educação científica, e destacando a atenção necessária a uma minoria linguística que está entre nós, as comunidades Surdas. Para tanto, propomos um diálogo entre elementos relevantes para o letramento – amplo e científico – desses sujeitos e alguns aspectos destacados no **curso 'Paulo Freire em tempos de *fake news*' - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire.**

A história que estamos escrevendo na atualidade está marcada por movimentos em torno da pós-verdade, caracterizada pela crença e pelo espalhamento desmedidos das chamadas *fake news* ou notícias falsas. Esse lamentável fenômeno social, político e ideológico é caracterizado pela ausência de rigor na leitura de inverdades, disseminadas sobretudo pela internet, com desprezo pela investigação da autenticidade das fontes, inexistência de criticidade, além de intencionalidade beligerante.

Na contramão desse movimento, a obra de Paulo Freire se destaca como um legado altamente útil, atual e provedor de esperança quanto ao combate desse fenômeno de deseducação, o que se faz mediante diálogo. Alguns aspectos que evidenciam essa

atualidade se aplicam especificamente ao letramento científico negado também às pessoas que pertencem aos grupos socioeconômicos de baixo poder aquisitivo, inclusive sujeitos Surdos¹. Nesse referencial, chamamos essas formas de educação de letramento científico inclusivo.

RELEITURA DE LACUNAS EM PAULO FREIRE

Adotamos a contraposição proposta por Jason Mafra (EAD FREIRIANA, 2022e) entre ataque e crítica. O primeiro é fortemente marcado pela intolerância, por agressões que suprimem o diálogo numa prática fragmentadora que, entende-se aqui, como isoladoras de certos modos de pensar como únicos aceitáveis, dado sua relação com ideias em torno de uma verdade absoluta. Ao contrário, a crítica se relaciona com a promoção da conscientização, a partir da análise de fatos, dos diversos conhecimentos e saberes produzidos pela humanidade – como os tradicionais e os científicos –, da constatação de evidências e, sobretudo, da avaliação a partir da referência dos direitos humanos.

Nas ondas de desinformação disseminadas no Brasil nos últimos tempos, é possível encontrar ataques à obra de Freire quanto a uma suposta ausência de rigor científico e de uma abordagem que considere os sujeitos Surdos. Sobre isso, destacamos dois aspectos. O primeiro diz respeito à impossibilidade da obra de um único indivíduo de contemplar todo e qualquer tema desejável, mesmo que, para tanto, dedique toda sua vida. Assim, chamamos atenção para o fato de que, em menor ou maior medida, as transformações sociais são processos históricos e coletivos. Portanto, no trabalho de qualquer pessoa sempre haverá lacunas. Trata-se de uma característica humana, que envolve limitações espaço-temporais e que, justamente por isso, apontam para a relevância fundamental da educação, em seu potencial de formar povos num processo contínuo e inesgotável ao longo da história.

O segundo aspecto diz respeito à coexistência entre lacunas específicas e o potencial de apontar para elas. Isto é, tamanha é a assertividade dos princípios preconizados por Freire, que lá se encontram defesas e denúncias a respeito da desatenção a muitos sujeitos “esfarrapados” (FREIRE, 1987, p. 12), mesmo que esses não tenham sido especificamente citados. Assim, a obra de Freire constitui-se em um legado não somente atual, mas prospectivo, posto que seus princípios em torno de uma educação conscientizadora e libertadora agregam e promovem novos temas no sentido de disseminar essa educação emancipadora, ampliando sua dimensão inclusiva e seu alcance social e histórico.

1 O termo “Surda(o)(s)” é grafado com inicial maiúscula para demarcar um referencial adotado, no qual esses Sujeitos não são caracterizados por sua condição biológica, mas por pertencerem a um grupo minoritário que, em geral, identifica-se com um tipo de cultura particular cuja língua materna ou língua de conforto é a Língua de Sinais (Moura, 2000; Bizol, 2010).

Por isso, as reflexões propostas aqui foram feitas com inspiração nos destaques de Moacir Gadotti (EAD FREIRIANA, 2022a) acerca da defesa de Freire contra a doutrinação e alienação, e de sua aceitação e valorização das críticas enquanto meio para prover atualização e avanço. Nessa direção, o professor Gadotti destaca que é preciso complementar a Pedagogia do Oprimido com outras Pedagogias, que sejam humanizadoras de todos os seres humanos. E, sem dúvida, como Gadotti mesmo destaca, vamos aprendendo com os erros desde que tenhamos humildade. Por isso propomos reflexões em torno de uma Pedagogia do Letramento Científico Inclusivo também para sujeitos Surdos.

LETRAMENTO CIENTÍFICO INCLUSIVO E OS DIREITOS HUMANOS

Conforme sintetiza Francisca Pini (EAD FREIRIANA, 2022d), os direitos humanos defendem a nós, seres humanos, das violações e discriminações contra nossas diferenças culturais, religiosas e políticas. Acrescemos aquelas relativas a condições biológicas que constituem formas de manifestação da diversidade humana. Essas condições delineiam modos de ser que compõem nossas culturas e nossas identidades. Por isso, quando deixam de ser consideradas, a garantia de vários direitos corre risco.

A esse respeito, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, oficializada pela Organização das Nações Unidas (ONU) aponta que a expressão “Pessoa(s) com Deficiência” (PCD) como referindo-se às pessoas

que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2014, Art. 1).

Aqui propomos uma reflexão no tocante a um aspecto de grande relevância para os movimentos de promoção da Educação Inclusiva em geral: a atenção que devemos ter ao poder das palavras em reafirmar ou contrapor formas de opressão social. O movimento Surdo, por exemplo, reivindica o reconhecimento da identidade Surda, essencialmente distinta da identidade de uma pessoa com deficiência auditiva, já que esta “usa comunicação auditiva, tendo restos auditivos que podem ser corrigidos com aparelhos”, enquanto o sujeito Surdo “usa comunicação visual (línguas de sinais) e não usa comunicação auditiva” (FENEIS, 1999, Art. 53). Ainda assim, quanto às demais pessoas classificadas como PCD, continua posta a problemática dos termos e dos sentidos e poderes que carregam. Seguimos com o diálogo conscientes da limitação dos termos que demarcam a diversidade representada por esses sujeitos

É possível notar na obra de Freire que seus pressupostos de uma educação que respeita e emancipa os sujeitos estão em consonância com o documento supracitado, corroborando o reconhecimento da deficiência como um conceito em evolução. Na dinâmica da atividade humana, esse conceito resulta da interação entre essas pessoas e as barreiras devidas a atitudes e ao ambiente que impedem sua plena participação na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

Além disso, a obra freiriana promove não somente o respeito à diversidade – de cuja gama fazem parte as mais distintas comunidades e categorias de PCD –, mas também sua valorização mediante o reconhecimento de seus potenciais e suas contribuições para a formação humanizadora e o bem-estar comum. A professora Pini (EAD FREIRIANA, 2022d) também destaca o caráter indivisível e interdependente dos direitos civis, político, social, econômico, socioambiental e cultural, de modo que a violação de um compromete a garantia dos outros.

De fato, muitas pessoas ouvintes ainda promovem certas formas de desrespeito aos sujeitos Surdos por crerem em desinformações acerca dos mesmos e das línguas de sinais, perpetuando o abismo entre a língua oral e as culturas ouvintes – majoritárias e ainda muito excludentes – e as línguas de sinais e Culturas Surdas. Algumas dessas desinformações são: as línguas de sinais são universais; o alfabeto manual é língua de sinais; as línguas de sinais são versões sinalizada das línguas orais; os sujeitos Surdos são surdos-mudos; os sujeitos Surdos precisam ser oralizados para se integrarem à sociedade majoritariamente ouvinte; os sujeitos Surdos têm dificuldade de ler e escrever porque não sabem falar; todos os sujeitos Surdos fazem leitura labial (GESSER, 2009). Essas pessoas desconhecem que os sujeitos Surdos têm identidade e cultura própria e tais desinformações são exemplos do que a professora Pini (EAD FREIRIANA, 2022d) afirma: sem direitos humanos não é possível avançarmos em direção a uma educação emancipadora.

Por isso, os trabalhos educativos com objetivos emancipadores, como aqueles orientados pelo referencial freiriano, têm o potencial de fortalecer nos sujeitos excluídos nas mais diversas esferas sociais o senso de pertencimento à sociedade e de seu direito e dever de contribuir para o avanço do desenvolvimento humano, social e econômico da sociedade.

No que concerne aos sujeitos Surdos, é preciso entender debates sobre inclusão e Educação de forma ampla feitos há mais de duas décadas, pautados no respeito à diversidade, conforme destacam Jacinto et al. (2020), para quem respeitar essa diversidade em particular implica em acolhimento de diferenças. Na práxis educativa, isso significa o oferecimento de atendimentos especializados que contemplem as especificidades desses sujeitos. Mas como é possível oferecer conscientemente algo que não se conhece? Não é possível! Só se pode operacionalizar processos de construção consciente de uma educação emancipadora que inclua também os sujeitos Surdos mediante o conhecimento deles.

E isso é possibilitado pelo diálogo. Por isso, há que se promover esse diálogo em conjunto com as comunidades Surdas e a mobilização em torno do conhecimento de sua língua e suas culturas.

De modo geral, as práticas educativas inclusivas têm um interesse comum de mitigar e eliminar barreiras diversas, como as manifestações de violência e discriminação destacadas por Francisca Pini citadas no início desta seção. Há inúmeros desdobramentos dessas práticas que devemos combater, inclusive no âmbito do conhecimento científico, que é garantido com relativa qualidade para os grupos sociais com maior poder aquisitivo e negado na prática para os ditos esfarrapados do mundo.

PROMOÇÃO DO LETRAMENTO CIENTÍFICO INCLUSIVO

Concordamos com a professora Luiza Cortesão (EAD FREIRIANA, 2022b) acerca do potencial da Educação de oferecer contribuições para a construção coletiva de um mundo menos discriminatório e menos injusto. Dentre os conceitos-chave da obra de Freire, a estudiosa destaca a cultura. O lugar em que se coloca a cultura dos sujeitos educandos num determinado referencial de educação gera e condiciona alguns desdobramentos. A consideração das diversas culturas, por exemplo, é relevante na adoção e implementação dos currículos, que podem ser menos engessados e mais flexíveis, de modo a promover a valorização da experiência pessoal e da relação com o contexto.

Além disso, como destaca a professora, outra implicação ocorre na utilização de materiais didáticos. Para que o letramento científico seja mediador na promoção de uma educação emancipadora, esses materiais são demanda de produção contínua da Educação Inclusiva, para atender as necessidades educativas específicas de estudantes com as mais diversas deficiências. No caso de sujeitos Surdos, há grande demanda de produção de materiais pedagógicos que respeitem as representações visuais próprias da Cultura Surda, a qual detém relação íntima com as particularidades da língua de sinais, que é de natureza visual-gestual, diferente das línguas majoritárias, com sua natureza oral-auditiva. A atenção a esse traço linguístico-cultural tem profundas implicações na prática educativa, conforme destacam Quadros e Karnopp (2004), Silva e Reis (2011), Lodi (2013) e Silva (2019).

Outro aspecto diz respeito à relação entre leitura do mundo e leitura da palavra, conforme apontam Freire e Macedo (1990). No âmbito da educação de pessoas Surdas, essa relação tem as suas especificidades, pois, conforme apontam Jacinto, Valadão e Silva (2019), o processo de alfabetização e letramento desses sujeitos é essencialmente diferente em relação às pessoas ouvintes, para as quais o processo se pauta na relação gráfico-fonológica. Ao contrário, para sujeitos Surdos, os processos de letramento – mais amplo e, por extensão, o científico – envolve a visualização das palavras em sua globalidade. Isso se mostra, por exemplo, na recorrência de troca ou de omissão de letras durante a escrita

e na confusão de palavras com grafia semelhante. A partir de essas e outras peculiaridades, é notório que a metodologia de alfabetização proposta por Freire demanda adequações para certas categorias de sujeitos Surdos², posto que ela apregoa a indissociabilidade entre leitura, escrita e oralidade.

Essas e outras especificidades podem ser assimiladas mediante imersão na Cultura Surda, que tem uma infinidade de aspectos a nos ensinar. Destacamos algumas reivindicações da comunidade Surda participante do Pré-Congresso ao V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, no documento “A educação que nós surdos queremos” (FENEIS, 1999). Entre outros fatores, esses sujeitos desejam: a implementação do ensino voltado para eles “onde quer que eles estejam” (Idem, Art. 9); o uso da tecnologia na comunicação com Surdos “em escolas e locais públicos” (Idem, Art. 10); os “mesmos conteúdos que os ouvintes”, mas por meio de comunicação visual (Idem, Art. 15); e o uso da língua de sinais “em escolas, universidades, entidades e órgãos públicos e privados” (Idem, Art. 58).

Outro aspecto fundamental no século XXI para a promoção do letramento científico inclusivo é assertivamente destacado por Ladislau Dowbor (EAD FREIRIANA, 2022c). Sua denúncia acerca da distinção entre internet para rico e internet para pobre chama atenção para a necessidade de empreendimento de luta para se garantir o acesso gratuito ao conhecimento para todo mundo, independentemente do poder aquisitivo e, acrescentamos, do idioma e da condição biológica. Assim, é fácil perceber que, se para uma massa de pessoas ouvintes há uma gigante lacuna quanto ao acesso democrático a informação legítima e conteúdo científico de qualidade, o abismo é muito maior para as comunidades Surdas, cuja língua é uma língua minoritária, que lamentavelmente ainda não foi devidamente disseminada nos mais diversos serviços e meios de comunicação no Brasil. Inclusive, por isso, a existência desse tipo de discussão que ora desenvolvemos sequer é conhecida por muitos desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM GANHO BILATERAL

Pela limitação de espaço, destacamos em nosso ensaio apenas alguns aspectos para promoção de uma Pedagogia do Letramento Científico Inclusivo. Há muito o que se fazer para ampliação da educação emancipadora mediante a educação científica propriamente dita, mas, como últimas palavras, destacamos mais uma vez as reivindicações dos sujeitos Surdos, que nos impelem a propor alguns convites aos sujeitos educadores-educandos

2 Sujeitos que não foram ouvintes ou não passaram por alfabetização oral quando foram ouvintes.

que “se descobrem” nessa categoria de “esfarrapados do mundo” (FREIRE, 1987, p. 12). Convites à expansão da disseminação das línguas de sinais. Convites ao investimento em uma formação contínua acerca da Cultura Surda. Convites à disseminação do aprendizado das línguas de sinais. Convites ao aprendizado das especificidades dos processos de ensino-aprendizagem no âmbito da educação científica por esses sujeitos. Convites ao uso dessas línguas nos mais diversos espaços, inclusive mediante a exploração das tecnologias dirigida à inclusão. Convites a com esses sujeitos aprender num contínuo incansável e, parafraseando as palavras de Oscar Jara (EAD FREIRIANA, 2022f), alfabetizar-nos com a vida, com a cultura, com as histórias e com as comunicações desses sujeitos, educando-nos com base em uma filosofia da transformação da História, que vai nos transformando como pessoas num processo inesgotável. Com o fator singelo – mas poderoso – destacado por Alessio Surian (EAD FREIRIANA, 2022g), a conectividade com generosidade, acreditamos que pequenas ações como essas, que são possíveis hoje, representam possibilidades de fazer amanhã o impossível de hoje e, assim, contribuirmos um bocado mais para o inédito viável.

REFERÊNCIAS

BIZOL, C. Discursos sobre a Surdez: Deficiência, Diferença, Singularidade e Construção de Sentido. *Psicologia: Teorias e Pesquisas*, 26(1), 2010, 7-13.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 2 out. 2022.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 1 – A noção de *fake news*, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Ladislau Dowbor. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 8 – Contribuição de Paulo Freire à Educação em Direitos Humanos. Ministrada por Francisca Pini. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022d.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 9.1 – Paulo Freire no contexto do “Império contra-ataca”. Ministrada por Jason Mafra. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022e.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 9.2 – Paulo Freire: um método ou uma filosofia? Ministrada por Oscar Jara Holliday. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022f.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 12 – O pensamento vivo e generativo de Paulo Freire. Ministrada por Alessio Surian et al. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022g.

FENEIS. **A educação que nós surdos queremos**. 1999. Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/documento_a_educacao_que_nos_surdos. Acesso em: 2 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JACINTO, C. A., VALADÃO, M. N., SILVA, A. Língua Portuguesa como L2 para surdos: análise dos elementos linguísticos e textuais empregados por um estudante surdo bilíngue. **Muiraquitã: Revista De Letras E Humanidades**, 7(2). 2019.

JACINTO, C. A.; OLIVEIRA, C. L. R de; GOMES, D. R.; CHAVES, I. O.; SOUZA, V. C. de. Práticas inclusivas no curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Viçosa: atuação multidisciplinar de um Projeto de Letramento voltado à formação de uma discente Surda. **Revista Brasileira De Educação Do Campo**, 5, e9044, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e9044>>. Acesso em: 2 out. 2022.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 39, nº 1, p. 49-63, jan/mar. 2013.

MOURA, M. C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Maria Odete Emygdio da. Da exclusão à inclusão: concepções e práticas. **Revista Lusófona de Educação**, 2019, 13, pp. 135-153.

SILVA, Livia R. de S.; REIS, Marlene B. de F. Educação inclusiva: o desafio da formação de professores. **REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG – Inhumas**, v. 3, nº 1, p. 07-17, mar. 2011.

DANILA RIBEIRO GOMES

é licenciada em Matemática (Centro Universitário Adventista de São Paulo), licenciada em Física, mestra em Ensino de Física e doutoranda em Ensino de Física (Universidade de São Paulo), professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Contato: danilaribeiro@ufv.br.

Contra o autoritarismo

A educação freiriana em oposição à militarização da escola pública no Brasil

MESQUITA, Delma Lúcia de

RESUMO

Nos últimos anos, o aumento expressivo da implantação de escolas cívico-militares no Brasil, provoca a necessidade de reflexão sobre os rumos da educação básica brasileira, uma vez que integrantes das forças armadas têm atuado nas áreas de gestão educacional, didático-pedagógica e administrativa das unidades educacionais militarizadas. O presente estudo, em diálogo com os conteúdos desenvolvidos no **Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire**, tem por objetivo relacionar conexões entre princípios da educação democrática e o pensamento freiriano em oposição à militarização da escola pública brasileira. Foi realizado um estudo de caráter bibliográfico e documental, buscando responder à questão central: Que projeto educacional está sendo desenvolvido pelas escolas cívico-militares no Brasil e a qual modelo de sociedade ele está vinculado? Evidencia-se, que o projeto educacional das escolas militarizadas, por meio de pressupostos autoritários, subordinação dos estudantes a um regime hierárquico, disciplinar e arbitrário, tende a formar o aluno-soldado obediente e subserviente às autoridades, desviando a escola pública de seu papel primordial de educar e de formar os alunos na perspectiva do cidadão preparado para a vida em uma sociedade de Estado Democrático de Direito.

Palavras-chave: Educação Democrática. Militarização da Escola. Paulo Freire.

AGAINST VISION BLINDNESS:

Freiriana education as opposed to the militarization of public schools in Brazil.

ABSTRACT

In recent years, the significant increase in the implementation of civic-military schools in Brazil, provokes the need to reflect on the direction of Brazilian basic education, since members of the armed forces have acted in the areas of educational, didactic-pedagogical and administrative management of militarized educational units. The present study, in dialogue with the contents developed in the course 'Paulo Freire in times of *fake news*' - Edition 2022, by EaD Freiriana of the Paulo Freire Institute, aims to relate connections between principles of democratic education and Freirean thought in opposition to the militarization of the Brazilian public school. A bibliographical and documental study was carried out, seeking to answer the central question: What educational project is being developed by civic-military schools in Brazil and to which model of society is it linked? It is evident that the educational project of militarized schools, through authoritarian assumptions, subordination of students to a hierarchical, disciplinary and arbitrary regime, tends to form the student-soldier obedient and subservient to the authorities, diverting the public school from its primary role of educating and training students from the perspective of citizens prepared for life in a society based on the Democratic State of Law. **Keywords:** Democratic Education. Militarization of the School. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O projeto de militarização da escola pública brasileira, posto em prática pelo grupo político no poder no país entre 2018-2022, assemelha-se a um processo de distorção do olhar sobre o verdadeiro sentido da educação escolar. É como se estivesse em curso o que aqui se entende como uma lenta e gradativa cegueira da visão, a partir da apresentação ao público (pais, alunos, professores, sociedade) de imagens de sucesso, paz, harmonia e respeito criadas de maneira artificial e manipulada e que, no fundo, encobrem outro propósito.

As escolas públicas cívico-militares ou militarizadas proclamam, em seus documentos orientadores, a formação de cidadãos críticos para atuarem em prol de uma sociedade democrática, contudo, veremos que o processo educativo nelas desenvolvido se constitui em verdadeira ameaça à existência da escola pública como espaço de formação humana, para o convívio democrático e o respeito à diversidade.

Organizado em dois tópicos, inicialmente o texto explora aspectos do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), e destaca diretrizes do manual que norteia as Escolas Cívico-Militares (ECIM), publicado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2020 e reeditado em 2021 pontuando contradições entre o anunciado em documentos oficiais e o que efetivamente ocorre na prática.

A segunda parte é dedicada a apresentar fundamentos da educação freiriana em oposição à militarização da escola pública e também a explicar o que se quer dizer com a metáfora da cegueira da visão e como ela contribui para enfraquecer o propósito constitucional do sistema público educacional de formação para a cidadania em uma sociedade democrática.

Ao final, reserva-se um espaço para descobertas, aprendizagens e considerações finais.

1. É PRECISO ENXERGAR O QUE SE VÊ NO PROGRAMA NACIONAL DAS ESCOLAS CÍVICO-MILITARES (PECIM)

Inicialmente, se faz oportuno um breve esclarecimento sobre o modelo de escola militar desenvolvido pelos colégios militares no Brasil, o qual serviu de base para a implementação das escolas públicas militarizadas.

Os colégios militares são instituições geridas por corporações das forças armadas, como Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. São constituídos como escolas militares vinculadas às Forças Armadas e às Secretarias de Segurança, não estando associados a Secretarias de Educação. Fazem parte do Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB). Sua proposta de ensino está fundamentada nos princípios e valores cultuados pelo Exército Brasileiro, tais como respeito, patriotismo, civismo, meritocracia etc. No que se refere à disciplina, esta é compreendida como rigorosa obediência às leis, aos regulamentos; pressupõe a correção de atitudes dos alunos e exige obediência às ordens dos superiores. (SCMB,2021).

Instituído pelo Decreto nº 10.004/2019, o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM) promove ações destinadas ao fomento e ao fortalecimento das Escolas Cívico-Militares (ECIM), as quais são instituições públicas de ensino regular, estaduais, municipais ou distrital que aderiram ao Programa. São responsáveis por ministrarem a educação básica, nas etapas de ensino fundamental (do 6º ao 9º ano) e ensino médio. As ECIM integram a estrutura da rede pública de ensino da sua respectiva Secretaria de Educação. Em janeiro de 2019, por meio do decreto 9.465/2019, foi criada a Subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-Militares (SECIM), visando o apoio técnico do Ministério da Educação (MEC) às ECIM. (BRASIL,2020, p.6)

No Manual das ECIM encontram-se diretrizes e orientações para que estas desenvolvam a prática educativa em seu cotidiano. O Art. 5º do Manual apresenta que o objetivo das ECIM é “prover uma educação básica de qualidade [...] a preparação para o exercício da cidadania e a capacitação para prosseguir nos estudos [...]” (Ibid).

Em relação a este objetivo, há que se questionar que sentidos, definições ou sinônimos estão associados à concepção de cidadania que as escolas militarizadas pretendem desenvolver. Igualmente, convém indagar qual perfil de cidadão que as ECIM intencionam formar e para qual modelo de sociedade?

Alguns termos muito conhecidos no vocabulário da educação tradicional, se apresentam como sinônimos de cidadania e concepção de cidadão na visão militar, na contramão de uma educação que prepara o cidadão para a vivência em uma sociedade democrática. Nesse sentido, as constatações de Lima (2018, p.153-158) revelam que

[...] a escola militarizada forma ‘cidadãos’ passivos a serviço da ordem instituída [...] sem espaço para autonomia, valores e diversidade cultural na construção de uma nova sociedade mais harmônica contra as desigualdades sociais. [...] Escolas com valores militares ‘educam’ futuros cidadãos passivos, que formarão uma sociedade civil despolitizada.

Na sequência, o Art. 6º do referido Manual descreve os princípios direcionados à formação dos alunos que, teoricamente estariam de acordo com o que preconizam tanto a Constituição Federal quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dentre os quais destacam-se: igualdade de condições para o acesso e a permanência; liberdade de aprender; respeito às diferenças individuais; gestão democrática. (BRASIL, 2020, p. 6) Entretanto, encontram-se na literatura críticas à prática dos princípios citados, em escolas que adotam o modelo militarizado. É o que concluem os estudos de Santos (2021, p.16) realizados em escolas militarizadas no Distrito Federal, ao apontar que

A militarização das escolas desfigura a instituição escolar como espaço de formação, bem como seus objetivos formativos, e leva à negação de princípios, como:

- Liberdade de aprender, ensinar, quando os estudantes são submetidos não só às normas rígidas e hierárquicas, mas também obrigados a seguir não preceitos humanos universais, mas sim do militarismo;
- Gestão democrática do ensino público, quando substitui as relações horizontais pela hierarquia e a obediência próprias do meio militar;
- A diversidade étnico-racial, quando impõem a uniformização de vestimentas, cortes de cabelo, comportamentos e imposição da cultura militar, provocando a homogeneização e negação dos sujeitos.

De acordo com o Manual, Art. 7º, os valores a serem praticados pelas ECIM são cinco: civismo; dedicação; excelência; honestidade e respeito. Já o Art. 8º descreve os fundamentos que compõem sua proposta pedagógica, dentre eles: acesso dos alunos aos conhecimentos historicamente construídos; desenvolver nos estudantes autonomia, atitudes crítico-reflexivas, relações interpessoais, baseadas em princípios democráticos, respeito aos direitos humanos e às divergências de opiniões. (BRASIL, 2020, p. 7)

O projeto de militarização das escolas públicas brasileiras chama a atenção pelas contradições entre o anunciado em seus documentos oficiais e o que efetivamente acontece na prática. Ao que tudo indica, pela forma hierárquica, punitiva, controladora e disciplinar que praticam com os estudantes, também as afirmações dos Artigos 7º e 8º não passam de subterfúgios para viabilizar a ocultação do verdadeiro propósito de coibir a formação do aluno crítico. A esse respeito, a pesquisa de Miranda (2021) realizada em escolas públicas militarizadas no estado de Goiás, conclui, a partir da análise de entrevistas com docentes que o

[...] excesso de disciplina não cria indivíduos com capacidade crítica e dispostos a lutar por uma sociedade melhor, cria apenas indivíduos obedientes e que não questionam o que e por que estão obedecendo, [...] essas práticas repressivas atrapalham a formação de jovens porque os ensinam a ter medo e obedecer às hierarquias. (p. 127)

A mesma autora, apresenta excertos de falas de professores entrevistados que evidenciam o cerceamento da liberdade de expressão e da autonomia, como na seguinte passagem em que uma entrevistada afirma que

os militares pregam uma única forma de vestimenta, de comportamento e de atitudes, ou seja, querem a padronização e o controle. [...] Há muitos estudantes tensos e insatisfeitos com a postura dos militares. Uma das falas que mais ouço: “tratam a gente sempre como suspeito”. (MIRANDA, 2021, p. 129-130)

Até o momento é possível observar que na redação dos artigos 6º, 7º e 8º do manual das ECIM verificam-se contradições ou divergências também entre princípios, valores e propósitos ali indicados e as próprias regras para condutas, comportamentos e atitudes estabelecidas para os alunos. Estas últimas preveem classificação e julgamento de faltas comportamentais e atitudinais dos discentes, definidas como qualquer violação dos preceitos, deveres, regras de convivência e padrões de comportamento. São classificadas em faltas leves, média, grave ou gravíssimas e seguem uma graduação com atribuição de valor numérico de acordo com critérios que vão de “grau 0 a 2,99 pontos” classificando o aluno como mau; seguido de outros graus que classificam alunos insuficientes, regulares, bons, ótimos, até chegar ao grau 10, atribuído ao aluno excelente (BRASIL, 2020, p. 7-11). Após essa classificação, os alunos estão sujeitos às chamadas “medidas educativas” tais como: advertência; repreensão; atividade de orientação educacional; suspensão; e transferência compulsória. (Idem, p.12).

Como sinalizado anteriormente, a militarização da escola pública está prevista no PECIM, enquanto um programa governamental (2018-2022) em âmbito nacional, se configurando como uma política pública. O que é no mínimo preocupante, uma vez que, a formação dos alunos ali proposta revela a centralidade na postura verticalizada de decisões e no controle do comportamento dos estudantes baseado em punições, prêmios, julgamentos e classificações.

Mas, é preciso ver, como afirma Guillermo Williamson, que “há sinais de esperança que apontam para que a sociedade democrática avance socialmente e se reconstitua” (EAD FREIRIANA, 2022).

2. EDUCAÇÃO FREIRIANA: CONEXÕES NO CAMINHO INVERSO À CEGUEIRA DA VISÃO PROVOCADA PELO IDEÁRIO DAS ESCOLAS MILITARIZADAS NO BRASIL

Vale lembrar que Paulo Freire, ao denunciar as bases valorativas que fundamentam a educação bancária, também conhecida como tradicional, conservadora (diria atualmente, militarizada), fez duras críticas aos métodos disciplinares rígidos, hierarquizados, verticalizados e punitivos como princípios orientadores do processo ensino e aprendizagem desse modelo de educação. Igualmente, condenou a sua forma transmissiva de conteúdos descontextualizados. Enfim, o modelo bancário, se fundamenta em métodos que são contrários à educação que promove o desenvolvimento cognitivo, afetivo e ético, dificultando assim que os alunos possam conquistar graus cada vez mais elevados de autonomia e liberdade.

O pensamento de Paulo Freire ilumina nossa compreensão para o entendimento da educação como prática de liberdade e a escola como o locus privilegiado para promovê-la praticando a democracia em curso em seu cotidiano.

Em diálogo com Benevides (1996), entende-se que a educação para a democracia deve ser voltada à formação política do cidadão e para a cidadania ativa, ou seja, aquela que prepara o cidadão para atuar na vida pública e é reforçada como a educação para saber discutir e escolher. Em sintonia com a educação para a democracia, a pedagogia freiriana conflui e se conecta a ela em princípios, fundamentos e pressupostos, dentre outros eixos constituintes.

Paulo Freire (1996) defende que educar é impregnar de sentido o ato cognitivo. Os conteúdos a serem ensinados devem ir além daqueles meramente curriculares, técnicos ou científicos. Devem considerar as experiências de vida e o contexto em que os estudantes estão inseridos e a partir desta leitura contribuir para que os mesmos aprendam a pensar sobre a realidade social em que estão inseridos. Pensar não para reproduzi-la, mas para mudá-la.

Freire (2019), em sua assertividade, nos fala de uma gênese de sentido crítico e transformador na educação libertadora e reafirma a necessidade de construirmos cotidianamente uma escola com uma nova qualidade.

Essa nova qualidade não será medida apenas pelos palmos de conhecimento socializado, mas pela solidariedade humana que tiver construído e pela consciência social e democrática que tiver formado, pelo repúdio que tiver manifestado aos preconceitos de toda ordem e às práticas discriminatórias correspondentes (p. 67).

A aprendizagem de valores democráticos, consciência social e convivência respeitosa, está fortemente atrelada a uma educação que busque realizar um trabalho consciente, crítico e significativo voltado para a formação de estudantes capazes de conviverem em uma sociedade plural e de reconhecerem a importância da presença da solidariedade e do respeito em nosso cotidiano, dando maior qualidade às relações interpessoais que estabelecemos no convívio social.

A militarização da escola pública, por sua vez, provoca em uma parcela da população o que aqui se denomina cegueira da visão. Apresenta-se como uma proposta educacional capaz de eliminar a desordem, as diferentes formas de violência, a má formação intelectual dos estudantes e outros males que atacam a escola pública, camuflando os verdadeiros propósitos que desenvolve na prática escolar.

A cegueira da visão é sinônimo de miopia, a qual torna opaco o olhar e assim distorce e desvirtua o verdadeiro sentido da educação escolar pública.

Há distorção do olhar sobre o verdadeiro sentido da educação escolar em relação à formação intelectual dos estudantes, quando a escola pública militarizada “transpira” autoritarismo no processo ensino e aprendizagem, desenvolvendo-o por meio da memorização mecânica, do ensino técnico e fragmentado dos conteúdos, disseminando a ideia de que esta metodologia está vinculada à qualidade da educação. Quando na verdade o que há é a retirada do pensamento crítico, da reflexão, da problematização e do diálogo, negando a escola como um lugar de conflitos, de liberdade de expressão, do exercício do convívio, do respeito e da aprendizagem com o diferente.

Há distorção sobre o verdadeiro sentido da educação escolar em relação a aprendizagens de valores democráticos, quando a escola militarizada inculca padrões de hierarquia, de subserviência à ordem posta, de obediência a seus “superiores” e de acatamento das ordens, como princípios necessários à coexistência social. Dissemina essas concepções na intenção de formar opiniões e estabelecer convicções de que o papel da escola é instruir e formar o “bom cidadão” imbuído do amor à pátria e preparado para o convívio harmonioso na sociedade. Mas, na verdade, o que se tenta encobrir é o papel

da escola como local de práticas educativas voltadas à homogeneização de comportamentos e de produção de sujeitos adestrados.

Há distorção do olhar sobre o verdadeiro sentido da educação escolar quando a escola pública militarizada cria uma imagem de escola perfeita onde reina a paz, o respeito às diferenças e às autoridades escolares, sendo que na verdade, estas são aparências criadas a partir da vigilância constante, inclusive entre os pares, e do condicionamento ao medo de castigos, exposição da imagem pessoal e humilhações públicas. Artifícios que não garantem a conscientização sobre a cultura de convívio pacífico e respeitoso em meio à diversidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como procurou-se mostrar, a militarização da escola pública atua pela construção de uma cidadania passiva, em que os cidadãos formados nesse modelo de educação provavelmente não atuarão em defesa da pluralidade e nem pela valorização da cultura democrática. Ao invés disso, possivelmente serão preparados para viverem em uma sociedade idealizada, homogênea e unidimensional, muito diferente do que encontrarão na vida real.

A escola militarizada comporta em suas bases a formação antidialógica e antidemocrática, como fios condutores das relações interpessoais estabelecidas em seu cotidiano. Sem o necessário exercício do diálogo e de práticas democráticas no interior da escola, a formação na perspectiva da cidadania ativa, de uma educação emancipadora, humanista e voltada para a democracia fica comprometida e quiçá virá a existir.

Quem aprende apenas a obedecer e seguir regras não aprende a promover mudanças em estruturas sociais arcaicas. A educação como prática de liberdade é como um colírio para curar a cegueira da visão. É uma lupa que nos permite olhar para além do imediatamente visível, que nos ensina a enxergar com mais clareza a realidade para transformá-la.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Educação para a democracia. *Lua Nova*, n. 38, p. 223-237, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual das Escolas Cívico-militares**. 1. ed. Brasília, DF: Subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-Militares, 2020. 324 p. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2019/11/ECIM_Final.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 10 - O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado? Ministrada por Guillermo Williamson São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora**: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LIMA, Maria Eliene. **A educação para a cidadania e a militarização para a educação**. 2018. 187f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

MIRANDA, Edna M. Corrêa. **Currículo das escolas militarizadas no Distrito Federal**, 2021. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SANTOS, Catarina de Almeida. “**Sentido, Descansar, em Forma**”: escola-quartel e a formação para a barbárie. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e244370, 2021.

SCMB - Sistema de Colégios Militares do Brasil. **Projeto Pedagógico** (PP - 2021/2025), Distrito Federal, Brasília, 2021. Disponível em <https://cmbh.eb.mil.br/images/arquivos/2021/avisos/PPSCMB.pdf>. Acesso em: 22 nov 2022.

DELMA LÚCIA DE MESQUITA

é doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Mestra em Educação Currículo pela Pontifícia Universidade Católica (PUCSP). Pedagoga. Professora em cursos na graduação e pós-graduação. Revisora pedagógica e membro do Conselho Editorial da EaD Freiriana. Contato: delma.mesquita1@gmail.com

Brasil sim, Paulo Freire não

A desfaçatez das *fake news*

FERREIRA, Hellenice

RESUMO

Este trabalho, que nomeio artigo-conversa, tem por objetivo traçar considerações acerca da faixa exibida inúmeras vezes em manifestações políticas no Brasil, onde a figura do professor Paulo Freire é contraposta à nação, com base nas aprendizagens colhidas nas videoaulas do Curso ‘Paulo Freire em Tempos de *Fake News*’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire e leituras do poeta Bartolomeu Campos de Queirós. O presente formato é minha forma freiriana de estar no mundo, e venho tomando, cada vez mais, posse da minha escrita, mais próxima da prosa poética e do ensaio que de artigo propriamente dito. Dessa forma, permeio trechos das obras de Queirós, para inaugurar subcapítulos que discutem o tema central “*Brasil sim, Paulo Freire não*” até à conclusão, onde proponho, a *fortiori*, uma Educação Poética, carregada de significados e subjetividades, que seja capaz de promover formação integral do ser humano, sobretudo em nosso país, meu lugar de luta e fala.

Palavras chave: Bartolomeu Campos de Queirós. Educação Poética. Fake News. Paulo Freire

BRAZIL YES, PAULO FREIRE NO

The insolence of fake news

ABSTRACT

I present this article as a conversation-article. Its purpose is to outline considerations about one popular protest banner displayed countless times in political demonstrations in Brazil. The figure of professor Paulo Freire is presented on it as opposed to the nation itself. This article is based on the online lessons taken in the Course ‘Paulo Freire em Tempos de *Fake News*’ Edition 2022, by EaD Freiriana of Instituto Paulo Freire and readings by the

poet Bartolomeu Campos de Queirós. The present format is my Freirean way of being in the world, and I have been increasingly taking ownership of my writing, closer to poetic prose and essay than to an article itself. In this way, I permeate excerpts from Queirós' works to inaugurate subchapters that discuss the central theme of the banners showing “*Brazil yes, Paulo Freire no*” until the conclusion, where I propose, a fortiori, a Poetic Education, filled with subjectivities, that is capable of promote the integral formation of the human being, especially in our country, my place of speech.

Keywords: Bartolomeu Campos de Queirós. Fake News. Paulo Freire. Poetic education

“AS PALAVRAS SABEM MUITO MAIS LONGE”

Enquanto parlamentares que comporiam a Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988 foram eleitos, em 1986¹, o poeta mineiro Bartolomeu Campos de Queirós escreveu sua obra *Correspondência*. Com nomes extraídos da Bíblia cristã, as personagens da obra acordavam palavras para alimentar dias melhores e adormeciam as que provocavam dor. Aqui destaco a primeira frase, que escolhi para iniciar esta conversa-artigo: *As palavras sabem muito mais longe* (QUEIRÓS, 1986, p.1). De que longe nos falava Bartolomeu?

Subjetiva, mas nunca impedida de análise, a frase poética gritava por dentro de mim enquanto assistia às aulas do **Curso ‘Paulo Freire em Tempos de Fake News’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire**. Discente do curso pela terceira vez, degusto as videoaulas como novidades, inaugurais e provocativas que são a cada visualização. E desta vez, mesmo não participando dos fóruns reflexivos, pensei neste novo público, discente como eu, que já há quatro anos vê um Brasil apequenado, subtraído de sua alegria, adoecido em seus diálogos, ora transformados em guerras verbais ora em cabos de força contra nós mesmos, o que vem nos impedindo de crescer, sequer de respirar novas possibilidades. Quantas, como eu, se sentiram desgastadas por tantas palavras capciosas lançadas aos ventos? Assistimos mídias com sentidos cada vez mais distantes da realidade. Sarcásticas e tendenciosamente maléficas. Se as palavras sabem mesmo mais longe, como disse o poeta, o que elas sabem e escondem quando são emitidas? Sabemos que não há palavras vazias de sentido ou discurso vazio. Frágil sim, pode ser. Sem intenção nunca.

Então decidi participar do e-book para registrar minhas impressões e ressaltar algumas das aulas em que as provocações calaram ainda mais fundo dessa vez, quando pude

1 Disponível no site da Câmara dos Deputados, mas destaco abaixo o link para que seja visualizada a participação das mulheres parlamentares que participaram deste processo e seus discursos <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/destaque-de-materias/mulher-constituente>

muito bem esquecer para experimentar novamente a alegria de lembrar-me (QUEIRÓS, 2011, p. 16). E procuro agora fazê-lo da maneira como venho me compondo na seara da educação: através de Paulo Freire e Bartolomeu Campos de Queirós, dois meninos periféricos como eu, que se tornaram homens pesquisadores e poetas a um só tempo, acordando em quem os ouve ou lê essa vontade de compreender e anunciar as palavras sabedoras do *mais longe*, as palavras nossas, fruto de nossa autonomia e rompimento com os valores que nos oprimem.

Durante muito tempo, considerei minha escrita desencaixada do formato acadêmico convencional, digamos assim. Mas se Freire nos dizia que para fazer como ele precisamos fazer diferente dele, eis o meu jeito freiriano de estar no mundo: semeando uma *Educação Poética*. Uma educação em que a prática pedagógica seja capaz de olhar órgãos e cantos dos pássaros com a mesma importância e sensibilidade. Seja capaz de ouvir a tese e a antítese sem julgar por si e oferecer a síntese. Procuro exercer uma prática que me deixe no mesmo mundo que minhas discentes, oferecendo o que o caminhar de estudos e vivências me fez buscar: escolhas que não diminuam direitos, que enriqueçam afetos positivos.

As docentes² desse curso explicam de forma clara e cuidadosa seus temas, temas esses cadenciados de modo a facilitar nossa compreensão e deixar o desejo de ouvir de novo e ler mais sobre o que trazem, da primeira à última videoaula. No entanto, decidi começar citando um professor que nos fala no décimo encontro.

Na videoaula de número dez, o professor Guilherme Williamson convida-nos a recordar uma das faixas erguidas durante a campanha e decorrer do atual governo federal brasileiro, em que aparecia o dizer *Brasil sim, Paulo Freire não*. Professor Guilherme ressalta a absurdez da faixa em si e nos leva a ir além da simples frase.

Paulo Freire, eu o digo, é mesmo um homem perigoso para o Brasil que querem alguns. Afinal, os que oprimem, sem oprimidos o que seriam? Como ficariam? Quando contrapõe a imagem do professor Paulo Freire à do próprio país que ele tanto quis ver autônomo, aguerrido, senhor de si, é justamente pelo fato de sua proposta ser *libertadora demais* para a massa que os opressores desejam ver submissa.

“Freire é atual”, diz o professor Guilherme, “porque defende uma sociedade mais justa, consciente e democrática, produtora de ideias, de conhecimento, de valores e ações (EaD Freiriana, 2022a). Freire, portanto, é mesmo perigoso. Mas, as palavras têm, naquela faixa, outro significado. Ao dizer sim a este país como está, será necessário dizer não a Freire, porque seu desejo é oposto. É ver libertos homens e mulheres que vivem metade

2 Escolho este ponto da conversa-artigo para esclarecer minha opção pelo gênero feminino englobando o masculino. Trata-se de uma opção política colocar desta forma, marcando nossos anos de opressão e apagamento mesmo em textos acadêmicos. Com esta escolha não ignoro minhes parceiros de gêneros neutros ou afins, apenas demarco meu lugar de luta e fala.

das vidas que poderiam viver, em decorrência da fome que as torna menos dedicadas às reivindicações, à miséria que lhes nega acesso aos sorrisos plenos, leves, à extrema pobreza que começa quando sequer têm direito ao parto digno, aos estudos, à leitura, à reflexão amadurecida que as faria agir mais certas de seus direitos e não apenas esmagadas sobre a égide do cumprimento de deveres.

As que sustentavam os cartazes podem não ter lido uma só linha das obras freirianas, mas demonstram gostar do status quo. Não querem equidade, sequer igualdade. A elas interessa deixar o Brasil no sim que está.

“AS PALAVRAS ERAM FEITAS DE PEDAÇOS, E CABIA À GENTE JUNTÁ-LOS.”

Volto ao poeta mineiro. Em sua obra *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (QUEIRÓS, 2004), Bartolomeu nos conta a infância escolar de um menino que leu a primeira palavra no frasco de remédio de sua mãe - *morfina*, mas a dor não o fez desistir de amar pessoas e palavras.

Assim como no cartaz das manifestações a que me referi acima, “As palavras eram feitas de pedaços, e cabia à gente juntá-las” (QUEIRÓS, 2004, p. 17), dizia o garoto pelas mãos do autor. Nos dois casos, cabe a nós, que já sabemos juntar os pedaços e ler as palavras, descortinar os sentidos outros, explícitos para umas e disfarçados de patriotismo para outras. Cabia e cabe a nós juntar os pedaços para ler as intencionalidades.

Na videoaula de número doze, a professora Mariateresa Muraca (EaD Freiriana, 2022b) nos conta de uma amiga que julgava traição o motivo de sua pesquisa de doutorado, cujo título dizia *Reinventar Freire*. Então explica a ela, e a nós, que considera a reinvenção como única forma de não trair um autor, como o próprio Freire desejava que fosse, ou seja, *para fazer como ele fazia, precisamos fazer do nosso jeito*. Sendo freirianas, seremos nós mesmas, em nosso loco, nossa realidade, nosso lugar de fala e ação. A referida professora nos dá um exemplo do que expôs. Narra sobre dois grupos de mulheres de países diferentes que, lutando por seus direitos, se assemelham entre si; estão irmanadas na construção de sociedades mais justas, com suas vozes e mãos.

Em uma de suas últimas entrevistas, Paulo Freire³ declarou desejar ver um mundo cheio de *marchas: marcha dos sem terra, marcha dos que não têm escola, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que querem ser e são proibidos de ser, marcha dos que têm fome...* E essas mulheres, distantes geograficamente, marcham. Aprenderam a dizer suas próprias palavras e anunciam aos ventos. Na força poética de suas vidas, reivindicam bravamente lugares menos dolorosos para ocupar e viver bem.

3 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MZQtP-7Ezbw>> Último acesso em 10 de dezembro de 2022

Juntos esses exemplos nos ajudam a ler os propósitos do mundo. Ajudam-nos a despertar para a decisão de sacudir as águas paradas do *status quo*, a deixar de ser oprimidas por fora e por dentro. Se digo *Paulo Freire*, *sim* preciso desconstruir esse país do *não* em que temos vivido a duras penas e perdas.

A desfaçatez das *fake news* são como o lobo em Chapeuzinho Vermelho, disfarçado de zelosa avó, convidando a neta para estar ao seu lado. Neste ponto convido as leitoras de agora e as colegas do curso que concluímos, a pensar: se sabemos quem é o lobo, podemos fingir inocência e figurar como mais uma personagem dessa história chamada Brasil? Ou temos que juntar palavras e atos para dizer: *Sabemos bem de quem (de quê) se trata?* O final não é a morte (do lobo ou do Brasil), mas o início de uma educação poética, potente e para todas, o despertar das consciências, através de diálogo e criticidade. Juntar palavras e ações novas para reinventar as sociedades.

“O TEMPO AMARROTA LEMBRANÇA E SUBVERTE A ORDEM”

Estamos no primeiro quarto do século XXI. A ditadura civil-militar brasileira vai distante das que hoje adentram a maioria. *O tempo amarrota a lembrança e subverte a ordem* (Queirós, 2004, p.2). Na Era da Pós-Verdade, essas jovens brasileiras, abarrotadas de informações, pouco sabem das agruras dos *Anos de Chumbo*. Essa, sem dúvidas, é uma responsabilidade a que a sociedade fugiu. Noticiar a história da crueza brasileira teria sido desmontar *o país da alegria e da receptividade*, mas seria também conferir maturidade de entendimento ao que foi feito e que, se não cuidarmos, sempre pode voltar a acontecer. Uma geração inteira que nasceu após abertura política - erroneamente irrestrita, a igualar as vítimas aos algozes - não percebeu a espantosa reverência feita a um dos generais da tortura, quando do impedimento da presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Fatos como esse não poderiam passar impunes. Todas as que estavam lá naquele dia sabiam que não, mas nada foi feito. Como desdobramento, vimos recrudescer ânimos e posicionamentos políticos. As notícias falsas, que sempre existiram na história da humanidade, agora nomeadas *fake news*, cresceram a passos largos. A voos inalcançáveis. Uma presidenta, ex-vítima da tortura, foi afastada (injustamente, como ficaria provado) e seus *avaliadores exaltados*. Nasceram homens-mitos. A sociedade foi acreditando cada vez mais nas *fake news*, sem nenhuma disposição de investigar mais, de ir à fonte ou fazer leituras críticas. Recebiam notícias de amigos e familiares e iam replicando. O professor Moacir Gadotti, testemunha ocular dos Anos de Chumbo, companheiro de Paulo Freire em pesquisas, lutas e exílio, nos explica sobre isso na primeira videoaula, *A noção de fake news, de pós-verdade e as contribuições de Freire à Educação* (EaD Freiriana, 2022c). Como não havia (e ainda não há) reflexão crítica, voltamos a criticar várias pessoas e condutas. A sociedade se volta outra vez contra Paulo Freire. O educador que, em seu desejo de dialogar para

promover entendimentos, foi preso e exilado. Sempre adepto ao diálogo e não à doutrinação, foi encarcerado por trabalhar por um Brasil leitor. Sem direito a defesa, se viu proibido de praticar os *Círculos de Cultura* e seus diálogos reflexivos. Se isso se deu enquanto vivia, neste início de século tentaram macular sua memória e apagar suas contribuições na área da educação, cultura e vida. E ele, que sempre aceitava críticas, se debruçava sobre elas e devolvia novas reflexões, fora acusado de doutrinador. Sua obra *Pedagogia da esperança* (1992) relê sua *Pedagogia do oprimido* (1968), a partir de críticas que recebeu. Ela revela o caráter construtivo e nada doutrinador de Paulo Freire.

Na videoaula ministrada pela Professora Jaciara de Sá Carvalho (EaD Freiriana, 2022d), vemos elencados variados tipos de *fake news*, dentre eles o que tem como intenção macular a imagem de instituições e pessoas, como o que vimos acontecer com Freire. Notícias produzidas para enganar, para *subverter a ordem* das propostas freirianas.

Apesar de sempre existirem na história da humanidade, hoje, com os recursos da tecnologia digital, as *fake news* são mais danosas por se espalharem mais rapidamente entre pessoas que, cada vez menos procuram outra opinião, outra fonte, ou refletem sobre o que lêem, porque em sua maioria recebem os conteúdos de pessoas que confiam.

De falsidade em falsidade segue a desfaçatez. Pessoas e sociedades enganadas porque desacostumadas de ver a fundo as questões. Desacostumadas de refletir, pesquisar. Ver o lado denso, danoso, rude e mau de nossas instituições e pessoas. Porque sim, existem. O caso mais denso sequer foi a ditadura de 1964. Não esqueçamos que o Brasil foi o último país latinoamericano a abolir a escravização de pessoas.

Com lembranças *amarrotas*, de julgamentos divididos (há quem diga que foram bons os anos de chumbo), os que não conhecem os meandros dolorosos do Brasil, querem devolvê-lo aos que massacram, sem se saberem próximos massacrados. Sem conhecer e refletir sobre suas lutas, suas classes, elencam este ou aquele nome como de mal pendor. O escárnio, reiteradas vezes, é ver nomes de verdadeiros líderes *ecopolíticossociais* no rol dos destruidores do país. De Paulo Freire a Marielle Franco, passando por Chico Mendes e Margarida Maria Alves, tantos outros homens e mulheres, vamos seguindo as *fake news*, lendo lembranças *amarrotadas* pelos que desejam o Brasil desse *sim* que não é justo, e *subvertendo* a coragem de muitos em desordem.

“ERA SILENCIOSOS O AMOR...” OU POR UMA CONCLUSÃO ESPERANÇANTE

Ao citar Marielle Franco e Margarida Maria Alves a esperança renasce. Mesmo na dor do esfacelamento, como as sementes, ela renasce. Renascer como as sementes é nascer em progressão geométrica. Pouco conheço sobre a líder Margarida, que deixou milhares de outras mulheres como semeadoras de sua luta plural, mas Marielle Franco estava por perto. Um ex-discente, que foi a última visita que recebi antes do período de isolamento

social de 2020, Wesley Teixeira, aos 24 anos, me contava sua trajetória ao lado desta colega que, como eu, atuou em creches. Que como poucas aprendeu a lutar por direitos, seus e nossos, das mulheres e de todes. Marielle Franco é semente. O jovem Wesley é semente dela - hoje aos 27 anos é primeiro suplente da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro. Eu sou semente de Marielle Franco. E também você que me lê. Porque se está aqui neste e-book, como autora ou leitora, como pesquisadora ou semeadora de boas notícias, você também é a semente de Marielle Franco. Também poderíamos inaugurar outras marchas, como a que Margarida Maria Alvez fez nascer, multiplicando em *Marcha das Margaridas*. Ela que nos dizia *medo nós tem, mas não usa*⁴.

Sim, senhoras leitoras, aquela faixa fazia sentido para as que a carregavam e patrocinavam. E ainda tentam fazê-lo. Nela não está o Brasil que queremos. Nela não pode estar Paulo Freire, nem Bartolomeu Campos de Queirós, nem quaisquer uma que deseje uma sociedade mais dialógica e amorosa e *esperançante*.

Queremos mais que uma, duas, mil faixas, queremos ser nós, cada uma de nós, notícia viva de uma construção social que valha a pena. Uma em que não haja melhor modelo de educação senão o que inclui teorias e práticas, temáticas densas e poesias fluidas, ambas enriquecedoras da vida, uma educação poética.

Como disse Bartolomeu *Era silencioso o amor* (QUEIRÓS, 1988, p. 16). Concorde que seja. Sabe brigar, mas prefere semear. Pode correr, mas prefere marchar. É gigante, mas enxerga a potência de metalúrgicas, professoras, lavradoras, sem teto.

No Brasil em que as *fake news* não sejam fortes, não serão necessárias faixas. Nossos corpos são as palavras a dizer de todas que nos antecederam e foram fortes na luta por uma sociedade melhorada.

Não seria possível ser diferente se o Professor em que nos embasamos desejava ser lembrado como *um sujeito que amou profundamente*⁵.

REFERÊNCIAS

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022’. Videoaula 10 - O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado? Ministrada por Guillermo Williamson. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

4 Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34194>> Último acesso em 10 de dezembro de 2022.

5 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=J170pf5e5No>> Último acesso em 10 de dezembro de 2022

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022’. Videoaula 12 - O pensamento vivo e generativo de Paulo Freire. Ministrada por Aline Galvão, Alessio Surian e Mariateresa Muraca. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022’. Videoaula 1 - A noção de *fake news*, de pós-verdade e as contribuições de Freire à educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022’. Videoaula 14 - Introdução ao fenômeno *fake news* e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022d.

QUEIRÓS, Bartolomeu. *Correspondência*. Belo Horizonte: Editora RHJ, 1986.

QUEIRÓS, Bartolomeu. *Vermelho Amargo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

QUEIRÓS, Bartolomeu. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. São Paulo: Global, 2004.

QUEIRÓS, Bartolomeu. *Índex*. Belo Horizonte: Miguilim, 1988.

HELLENICE FERREIRA

é escritora, professora, atuando com séries iniciais do Ensino Fundamental na rede pública municipal de Duque de Caxias, mestra em Humanidades, Culturas e Artes pela Universidade do Grande Rio, especialista em Arteterapia pela Universidade Cândido Mendes e graduada em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: helleniceferreira@yahoo.com.br.

Megaminería Y Fake News

Una lectura Freiriana del “Chubutazo”

GONZALEZ MAZZIOTTI, Juan Ignacio

RESUMEN

En Chubut (Argentina), la lucha contra la megaminería tiene más de veinte años y, en diciembre de 2021, frente a la prepotencia del poder político y económico de imponerla, fue que se vivió la mayor movilización de la historia de la provincia conocida como “Chubutazo”. En este ensayo se presenta una de las tantas lecturas freirianas posibles de esta lucha, indagando el contexto, el rol de los medios de comunicación, el lugar de las *fake news*, y el rol de las asambleas ciudadanas. Se concluye que el “Chubutazo” representa un proceso de resistencia concientizadora frente a la depredación ambiental capitalista porque puso en tensión dialéctica la denuncia de una realidad deshumanizante y el anuncio de otra realidad posible, al tiempo que contribuyó al proceso de democratización fundamental del que habla Paulo Freire. Las *fake news*, al igual que los medios de comunicación hegemónicos estuvieron al servicio del *lobby* minero, por eso fue clave el trabajo de educomunicación desarrollado por las asambleas ciudadanas para la construcción colectiva de conocimiento. **Palabras-claves:** Fake news. Chubutazo. Megaminería.

MEGAMINERAÇÃO E FAKE NEWS

Uma leitura Freiriana do “Chubutazo”

RESUMO

Em Chubut (Argentina), a luta contra a megamineração já dura mais de vinte anos e, em dezembro de 2021, frente a arrogância do poder político e econômico para impô-la, viveu-se a maior mobilização da história da província conhecida como “Chubutazo”. Este ensaio apresenta uma das muitas leituras freirianas possíveis dessa luta, indagando o contexto, o papel da mídia, o lugar das *fake news* e o papel das assembleias cidadãs.

Conclui-se que o “Chubutazo” representa um processo de resistência conscientizadora contra a depredação ambiental capitalista, pois coloca em tensão dialética a denúncia de uma realidade desumanizadora e o anúncio de outra realidade possível, ao mesmo tempo em que contribui para o processo de democratização fundamental do que fala Paulo Freire. As *fake news*, assim como a mídia hegemônica, estiveram a serviço do *lobby* mineiro, razão pela qual foi fundamental o trabalho de educomunicação realizado pelas assembleias cidadãs para a construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: Fake news. Chubutazo. Megamineração.

MINING AND FAKE NEWS

A Freirian reading of the “Chubutazo”

ABSTRACT

In Chubut (Argentina), the fight against mining has been going on for over twenty years and, in December 2021, faced with the arrogance of the political and economic power to impose it, the largest mobilization in the history of the province, known as “Chubutazo”, took place. This essay presents one of the many possible Freirian readings of this struggle, investigating the context, the role of the media, the place of fake news, and the role of citizen assemblies. It is concluded that the “Chubutazo” represents a process of conscientious resistance against capitalist environmental depredation because it put in dialectical tension the report of a dehumanizing reality and the announcement of another possible reality, while contributing to the process of fundamental democratization that Paulo Freire refers to. Fake news and the hegemonic media were at the service of the mining lobby, thus making the educommunication work carried out by the citizen assemblies a key factor in the collective construction of knowledge.

Keywords: Fake news. Chubutazo. Mining.

INTRODUCCIÓN

En diciembre de 2021, en cada rincón de la provincia del Chubut (región de la Patagonia, al sur de la Argentina), y durante siete días, se vivió la mayor movilización popular de la historia provincial, a la que se le dio el nombre de “Chubutazo”. Personas de todas las edades, familias, asambleas de vecinos, sindicatos de obreros, docentes, en

las calles de las diferentes ciudades y aldeas rurales manifestando su rotundo rechazo a la aprobación de una ley que habilitaba la megaminería¹.

Esos siete días fueron de máxima tensión social. La respuesta inicial del poder político fue desplegar el aparato represivo contra las y los manifestantes. Esto, lejos de disuadir el reclamo popular, lo enardeció: cada día más personas se sumaron a las protestas en las calles. El gobierno finalmente derogó la ley tan cuestionada y, así, la megaminería quedó frenada en Chubut.

Pero la lucha contra la megaminería en Chubut no empezó ni terminó allí. En realidad, y como se explora en este artículo, la génesis del Chubutazo empezó mucho tiempo atrás: hace más de veinte años. Forma parte de una larga historia de resistencia popular contra el saqueo extractivista en la provincia. Un saqueo que se extiende por toda Latinoamérica y que es una de las peores caras del neoliberalismo.

En esta oportunidad se intenta hacer una de las tantas lecturas freirianas posibles del Chubutazo, de su contexto, de las *fake news* que estratégicamente utilizó el poder político y económico para manipular la opinión pública, como así también de las acciones comunitarias de lucha, siempre autogestivas, que se llevaron a cabo. Esta lectura resulta enriquecida por los diferentes aportes recuperados del **Curso Paulo Freire em tempos de fake news - Edición 2022, de la EaD Freiriana del Instituto Paulo Freire**.

En primer lugar, se presentan algunos aspectos claves para leer el contexto en el cual se inscribe el Chubutazo. Luego se analiza el rol de los medios de comunicación y de las *fake news* en el contexto de resistencia popular contra la megaminería, como así también las luchas iniciadas en el campo de la educomunicación como forma de anunciar lo que el poder buscaba silenciar.

Finalmente, se presentan algunas lecciones aprendidas del Chubutazo pensando en la construcción del futuro y en la re-inención de la lucha contra la depredación socioambiental que impone el neoliberalismo.

EL CONTEXTO DEL CHUBUTAZO

Sería de una gran ingenuidad creer que la resistencia contra la habilitación de la megaminería en la provincia del Chubut empezó y terminó en diciembre de 2021. Más ingenuo sería reducir las expresiones del pueblo movilizado en las calles a un acto de “fanáticos ambientalistas anti-progreso”, como se dijo en algún momento desde el poder político y económico. Por esta razón, una lectura freiriana del Chubutazo requiere una

1 El término Megaminería se usa aquí para referirse a la explotación minera metalífera a gran escala, operada por empresas transnacionales que suponen importantísimos impactos socioambientales negativos en los territorios donde se establece

“rigurosa lectura del contexto” (FREIRE, 2002, p. 100). En este sentido, el Cuadro 1 reseña los principales acontecimientos registrados en la historia de la resistencia del pueblo chubutense contra el avance de la megaminería en su territorio.

Cuadro 1 – Algunos datos claves de la resistencia contra la megaminería en Chubut

FECHA	ACONTECIMIENTO
2002	Vecinas y vecinos de la ciudad de Esquel se organizan en rechazo al proyecto de megaminería de oro y plata en la cordillera de los Andes. Nace el movimiento “No a la mina”.
2003	Por la presión social, el gobierno convoca a una “Consulta Popular”: el 81% votó por el NO a la mina. Se sanciona la Ley 5001 que prohíbe la actividad minera metalífera en toda la provincia del Chubut, a cielo abierto y con uso de cianuro (Art.1°). Pero el Art.2° establece un plazo de 120 días para definir una “zonificación” (una zona de excepción a lo prohibido en el Art.1°).
2009	La empresa multinacional Pan American Silver compra el “Proyecto Navidad” en la meseta central de la provincia del Chubut, considerado el yacimiento de plata y plomo más importante de la región.
2012	El gobierno intenta aprobar un “Marco Regulatorio” que favorece a las empresas mineras. Crecen las movilizaciones populares en rechazo. La respuesta del gobierno es represión con la fuerza policial y con patotas sindicales aliadas. Nace la Unión de Asambleas Ciudadanas de Chubut (UACCH), un espacio de participación horizontal y autogestivo.
2013	La UACCH elabora un proyecto de ley para prohibir la megaminería en Chubut. Se inicia un proceso educomunicativo para la obtención de avales (firmas) de la población, y así presentarlo ante el poder legislativo como “iniciativa popular” (un mecanismo de democracia semidirecta contemplado en la Constitución Provincial, Art. 263°).
2014	Con el aval de 12.947 firmas, se presenta el proyecto de ley por iniciativa popular ante la Cámara de Diputados, quien modifica el texto y lo convierte en una ley a favor de la megaminería.
2016	La Cámara de Diputados deroga la ley minera frente al rechazo social creciente.
2020	En plena pandemia por COVID-19, la UACCH vuelve a presentar el proyecto de ley elaborado por las asambleas y bastardeado por el gobierno. Se reunieron 30.916 avales.

En mayo, la Cámara de Diputados rechaza el proyecto de ley por iniciativa popular.

El 15 de diciembre, la Cámara de Diputados aprueba una ley de zonificación minera.

2021

Los siguientes días, el descontento social se extiende por todo Chubut. Las fuerzas policiales reprimen ante el silencio cómplice de la justicia.

El 21 de diciembre, la Cámara de diputados deroga la ley de zonificación minera.

2022

La UACCH inicia por tercera vez un proceso de iniciativa popular.

Fuente: Elaborado por el autor (2022).

En estos veinte años de resistencia popular contra el avance de la megaminería en Chubut es posible identificar algunas recurrencias que no pueden soslayarse. Todas las gestiones políticas que gobernaron la provincia en este período mostraron un profundo interés en habilitar la megaminería y jamás establecieron un espacio de diálogo con el movimiento “No a la mina”. En campaña electoral, muchos candidatos políticos prometían defender la provincia de las empresas mineras pero, luego en el poder, resultaba que defendían los intereses de tales empresas. El caso más emblemático es el del actual gobernador de Chubut, Mariano Arcioni².

La complicidad política para imponer la megaminería en Chubut se extiende hasta el gobierno nacional, quien siempre coincidió en el desarrollo de esta actividad económica en contra de la voluntad popular.

El accionar inescrupuloso del sector político alcanzó un nivel de escándalo tal que, por ejemplo, un diputado fue fotografiado recibiendo indicaciones por mensaje de texto de un importante empresario minero, en plena sesión donde se ultrajó el primer proyecto de ley por iniciativa popular en 2014³. Más adelante, en 2020, se viralizó una cámara oculta a otro diputado ofreciendo sus “servicios” para el *lobby* minero a cambio de dinero⁴.

Este diputado no renunció a su banca, votó en contra del segundo proyecto de ley por iniciativa popular, y luego votó a favor de la ley de zonificación minera.

2 Algunas de las contradicciones públicas del gobernador Arcioni pueden verse en <https://bit.ly/3FMFNbW>

3 Para mayor información sobre este escandaloso episodio se puede consultar en <https://bit.ly/3UJRt3v>

4 El caso tuvo repercusión nacional y una de las coberturas periodísticas puede consultarse en <https://bit.ly/3FnG04h>

La organización de la resistencia popular y lucha contra la megaminería fue creciendo y fortaleciéndose con el tiempo, manteniéndose la horizontalidad y la pluralidad en la toma de decisiones, y la autogestión de las diferentes acciones desarrolladas. Las comunidades de pueblos originarios (mapuche – tehuelche) se involucraron desde el principio y encontraron aquí un espacio de denuncia y anuncio, negado hasta entonces por el poder político. Un espacio de denuncia de la violación que supone la megaminería a los derechos indígenas consagrados en el Convenio 169 de la Organización Internacional del Trabajo (OIT) – de validez legal en la Argentina-, y el anuncio de su cosmovisión de la Madre Tierra como invitación colectiva planetaria⁵.

Estas dos décadas de lucha en territorio chubutense son un fuerte testimonio de la dialéctica entre la práctica de la denuncia de la realidad constatada y la del anuncio de su superación, fundamentales para la lectura del mundo desde la perspectiva freiriana que da origen a un nuevo proyecto de mundo (FREIRE, 2012a). Se denuncian los grandes e irreversibles impactos socioambientales que encarna la megaminería en los territorios. Se suman las voces desde otros lugares de Argentina (Jáchal, Andalgalá, Jujuy) y del mundo (Guatemala, Canadá) donde estos impactos ya son innegables. Se denuncia la imposición de una actividad completamente ajena a la cultura local, que refuerza el colonialismo, el sometimiento del pueblo al poder económico de capitales transnacionales, lo que en definitiva lleva a la alienación y deshumanización reforzadora de la opresión (FREIRE, 2012b). Se denuncia la retirada del Estado en los lugares donde se quiere habilitar la megaminería y el consecuente abandono de sus comunidades, para darle lugar al asistencialismo como herramienta más perversa de *lobby* minero en el territorio⁶. Se anuncia que hay alternativas a la minería que pondrían en valor saberes locales y permitirían la creación de redes de trabajo comunitario sostenibles⁷. Se anuncia la decisión irrevocable de intervenir en la construcción de un futuro mejor para quienes habitan la provincia de Chubut.

MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y *FAKE NEWS* AL SERVICIO DE LA MEGAMINERÍA

En todo este tiempo, los medios masivos de comunicación desempeñaron un papel trascendental en la difusión de la propaganda oficial pro-minera, mostrando las “bondades” económicas de la minería para la provincia (especialmente para

5 Para conocer más sobre la resistencia indígena al Proyecto Navidad en la meseta central de Chubut se puede consultar en <https://bit.ly/3rpQZDq>

6 Pan American Silver ha hecho importantes “donaciones” en las comunidades y sus instituciones. También ha financiado eventos sociales, culturales, educativos y deportivos.

7 Al respecto, desde las diferentes asambleas de vecinos y vecinas, se ha realizado un importante relevamiento territorial para identificar alternativas económicas a la megaminería.

la meseta), y presentando esta actividad como “la única alternativa” para sus comunidades. Estas prácticas periodísticas podrían enmarcarse dentro de lo que Darío Aranda (2015) denominó “periodismo extractivo”, un periodismo al servicio de las corporaciones multinacionales agrarias, petroleras y mineras, que reduce su labor comunicativa a repetir el discurso empresario, silenciando, subestimando y descalificando cualquier otra voz que la contradiga. Un discurso legitimado, por supuesto, por el poder político. Tal es así que, hasta el propio gobernador de Chubut llegó a decir: “No me van a callar 500 ruidosos”⁸. Y un funcionario nacional dijo que el rechazo chubutense a la megaminería se debía a una “confusión progresista”⁹.

Pero esas voces silenciadas resultaron ser cada vez más y más fuertes. Así es que el periodismo extractivista recurrió a las *fake news* como estrategia de manipulación de la opinión pública. Abundaron “noticias” en los medios gráficos, radiales y televisivos hegemónicos del tipo: “La minería es una necesidad para el desarrollo económico”, “Si se aprueba la Iniciativa Popular no se podrá usar detergente”, o “quienes se oponen a la megaminería son extremistas ecologistas fanáticos y destructivos”.

Fue escandalosa la tergiversación de un informe científico por parte de la denominada “Red de Académicos por la Minería Sustentable”. Esta organización manipuló los datos de un trabajo de investigación del Dr. Guillermo Velázquez, del Instituto de Geografía, Historia y Ciencias Sociales dependiente del CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de la Argentina), para argumentar una relación positiva entre el desarrollo minero y la mejora de los índices de calidad de vida. Sin embargo, el informe original sostenía exactamente lo opuesto. La Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad de Buenos Aires (UBA) fue una de las diversas instituciones académicas que expresó su repudio ante el hecho mediante Resolución N° 1311/20 (IGEHCS, 2020).

Estaba claro que, a la lucha contra la megaminería, se sumaba la lucha contra las *fake news*. En este sentido, y ante la negativa de la radio LU 17 AM 540 de la ciudad de Puerto Madryn de ofrecer el derecho a réplica por las *fake news* expresadas al aire sobre el segundo proyecto de ley por iniciativa popular, la Asamblea en Defensa del Territorio de dicha ciudad (ADT) formalizó una denuncia ante la Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual de la Nación. Luego de un largo proceso administrativo, este organismo público nacional obligó a la radio en cuestión a otorgar quince minutos de aire radial a ADT para ejercer el derecho a réplica (ARGENTINA, 2021).

El lobby minero también invadió las redes sociales tales como Facebook y Twitter, desde donde se replicaban las *fake news* o se atacaban publicaciones y referentes del movimiento No a la Mina, valiéndose de cuentas falsas (trolls), tal como lo describen Svampa y Viale (2021).

8 Una cobertura periodística de tales expresiones del gobernador chubutense puede consultarse en: <https://bit.ly/3Ee8KNI>.

9 Al respecto, se puede consultar una cobertura periodística en: <https://bit.ly/3Cqrecq>.

EDUCOMUNICACIÓN Y LUCHA CONTRA LA MEGAMINERÍA

Frente a la desinformación y tergiversación de la realidad promovida desde los medios de comunicación hegemónicos, desde diferentes sectores de la sociedad civil se produjeron pronunciamientos de apoyo a la resistencia popular contra la megaminería. Incluso, un nutrido grupo de periodistas, comunicadores y comunicadoras también se expresó por el derecho a una “información pública clara, precisa y transparente” (ANRED, 2020). Su labor periodística desde medios alternativos y populares, y desde las redes sociales, articulada con las asambleas ciudadanas, fue clave para la conformación de redes de comunicación confiables.

La lucha contra las *fake news* generó una práctica alternativa educomunicativa, donde las asambleas ciudadanas tuvieron un rol clave. Como señala Ismar Soares, la educomunicación nace como una forma de comunicación alternativa a la comunicación de masas, donde los grupos sociales marginados o silenciados por los medios hegemónicos empiezan a producir nuevos conocimientos, integrando educación, comunicación y acción popular (EAD FREIRIANA, 2022a).

Las prácticas educomunicativas implicaron un trabajo social autogestivo y sostenido en el tiempo que incluyó: talleres populares, marchas (Figura 1), asambleas públicas, peñas culturales, pintada de murales (Figura 2), expresiones musicales, eventos en línea, difusión en redes sociales, producción y distribución de materiales informativos (Figura 3). Las actividades siempre fueron abiertas, reuniendo familias y personas de todas las edades y de todos los sectores de la sociedad civil. Asimismo, se establecieron redes educomunicativas con otras asambleas argentinas, de Latinoamérica y de Canadá.

Figura 1 – Marcha en Puerto Madryn contra la megaminería



Fuente: Elaborado por el autor (2020)

Figura 2 – Mural contra la megaminería en la aldea rural Yala Laubat



Fuente: Elaborado por el autor (2022)

Figura 3 – Algunos materiales informativos elaborados por las asambleas



Fuente: Compilado por el autor (2022)

De esta manera, tal como señala Ladislau Dowbor, la lucha contra las *fake news* vino a fortalecer la lucha por el conocimiento; un conocimiento construido colaborativa, interactiva y democráticamente (EAD FREIRIANA, 2022b).

ALGUNAS LECCIONES APRENDIDAS DEL CHUBUTAZO

Como señala Martín Ulacia (2022), el Chubutazo se inscribe dentro de los “numerosos procesos de resistencia a la depredación ambiental capitalista en todo el mundo, frente a sus implicancias políticas y económicas” (p. 11). Una resistencia concientizadora que puso en tensión dialéctica la denuncia y el anuncio. Para Paulo Freire, la concientización implica una reflexión crítica sobre la realidad y, al mismo tiempo, el anuncio de otra realidad posible que hace imprescindible la acción transformadora para la concreción del anuncio (FREIRE, 2001).

Quedó claro que donde entra la megaminería, se corrompe la democracia. El *lobby* minero en Chubut fue asquerosamente escandaloso y salpicó de corrupción a todas las instituciones democráticas. Los medios de comunicación hegemónicos y *fake news* estuvieron a su servicio. Sobre esto alerta Guillermo Williamson cuando denuncia la falta de ética profunda que acompaña a las noticias falsas y que surge de las fuerzas más conservadoras y poderosas de la sociedad (EAD FREIRIANA, 2022c). Sin embargo, el diálogo establecido entre las diferentes asambleas chubutenses con otras asambleas argentinas y del exterior, unidas por una lucha común de resistencia en el territorio a la invasión extractivista, generó un espacio de construcción colectiva de conocimiento poniendo en valor la conectividad planetaria de la que habla Ladislau Dowbor (EAD FREIRIANA, 2022b).

Finalmente, el Chubutazo podría inscribirse dentro de lo que Paulo Freire denominó el proceso de democratización fundamental: “Con la ruptura de la sociedad, las masas comienzan a emerger y esta emersión se traduce en una exigencia de las masas por participar: es su presencia en el proceso” (FREIRE, 2002, p.38). El involucramiento creciente de las clases populares, consciente y crítico, en los diferentes frentes de la lucha contra la megaminería, fue un aviso a los poderosos de que el pueblo chubutense tiene un compromiso irrenunciable en la construcción de su proceso histórico, que es distinto al de ellos.

REFERENCIAS

ANRED. **Chubut:** Periodistas se pronuncian por el derecho a la información clara y transparente sobre la megaminería, 9 de diciembre de 2020. Disponible en: <<https://bit.ly/3y9c5db>>. Acceso en: 2 oct. 2022.

ARANDA, Darío. **Tierra arrasada: Petróleo, soja, pasteras y megaminería**. Radiografía de la Argentina del siglo XXI. Buenos Aires: Sudamericana, 2015.

ARGENTINA. Resolución N° 105/21, de 29 de diciembre de 2021. Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual, 2021.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edición 2022**. Videoaula 3 – Educomunicação: uma herança dialógica freiriana. Dictada por Ismar Soares. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edición 2022**. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Dictada por Ladislau Dowbor. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edición 2022**. Videoaula 10 – O pensamento de Paulo Freire está ultrapassado?. Dictada por Guillermo Williamson. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

FREIRE, Paulo. **La importancia de leer y el proceso de liberación**. 14. ed. México D.F.: Siglo XXI, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educación y cambio**. 5. Ed. Buenos Aires: Galerna, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogía de la indignación: Cartas pedagógicas en un mundo revuelto**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogía del oprimido**. 5. ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012b.

IGEHCS. **Repudio por la falsificación del informe realizado por trabajadores del IGEHCS, CONICET-UNCPBA**, 29 de diciembre de 2020. Disponible en: <<https://bit.ly/3EdlRPq>>. Acceso en: 2 oct. 2022.

SVAMPA, Maristella; VIALE, Enrique. “**En Chubut, las grandes mineras pretenden redactar las normas**”. Perfil, 4 de febrero de 2021. Disponible en: <<https://bit.ly/3roYZVf>>. Acceso en: 2 oct. 2022.

ULACIA, Martín. **No fue no: Una crónica del Chubutazo**. Trelew: Remitente Patagonia, 2022.

JUAN IGNACIO GONZÁLEZ MAZZIOTTI

é licenciado em gestão ambiental (Universidad Blas Pascal – Argentina), mestre em mudanças climáticas (Universidad Europea del Atlántico – Espanha), doutorando em ensino das ciências exatas e naturais (Universidad Nacional del Comahue – Argentina), e professor itinerante na ruralidade (Escola N° 7712 – Chubut – Argentina). Contato: jgonzalezmazziotti@gmail.com.

O pensamento freireano e a perspectiva crítico-superadora

Aproximações possíveis

SILVA, Leonardo Alves da

RESUMO

O presente texto tem como objetivo geral compreender as aproximações possíveis entre o pensamento Freireano e a perspectiva crítico-superadora. Para tal, buscamos tecer um caminho metodológico em formato de ensaio delimitando nossa investigação às principais obras do Patrono da Educação Brasileira e na Metodologia do Ensino de Educação Física, mais comumente conhecida como Coletivo de Autores. Nossa intenção se dá, especificamente, em trazer, neste estudo de base teórica, a importância do pensamento de Freire alinhada com a perspectiva crítico-superadora que sugere num outro e necessário olhar para a escola e, portanto, desenha nesse âmbito transformações possíveis no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Paulo Freire; Perspectiva Crítico-Superadora; Educação Física Escolar.

FREIRE'S THINKING AND THE CRITICAL-OVERCOMING PERSPECTIVE:
Possible approximations

ABSTRACT

This text has the general objective of understanding the possible approximations between Freirean thought and the critical-overcoming perspective. To this end we seek to weave

methodological path in an essay format delimiting our investigation to the main works of the patron of Brazilian education and in the methodology of physical education teaching, more commonly known as Coletivo de Autores. Our intention is specifically to bring in this theoretical-based study the importance of Freire's thought aligned with the critical-overcoming perspective that suggests a different and necessary look at the school and therefore outlines in this context possible transformations in the process of teaching-learning. **Keywords:** Paulo Freire; critical-overcoming perspective; school physical education.

INTRODUÇÃO

Discutir o pensamento de Paulo Freire e sua relação com a perspectiva crítico-superadora para a Educação Física se coloca não somente como tarefa importante, mas necessária nos dias atuais. Tais reflexões de articulação nasce mediante os estudos advindos do **Curso Paulo Freire em tempos de *fake news* – Edição 2022**, especificamente da videoaula 6, em que se discutiu as contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas globais com o Professor Dr. Florenço Mendes Varela da Universidade de Cabo Verde.

Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, entre seus grandes feitos, tornou-se conhecido mundialmente pela criação e elaboração de um método de alfabetização único, baseado em palavras geradoras partindo da realidade dos educandos.

Esse método foi colocado em prática no ano de 1962 na cidade de Angicos, sertão do Rio Grande do Norte, alfabetizando 300 pessoas em 40 horas. Por essa proposta de ensino e pela sua trajetória na educação, hoje, congrega diversos títulos como Doutor honoris causa em universidades espalhadas pelo mundo todo, sendo considerado, também, patrono da educação brasileira.

Dentre os pressupostos teóricos levantados por Freire, encontramos o conceito de educação libertadora. A educação nesse viés está relacionada a emancipação, mas também a humanização entre educador e educando, a amorosidade e o engajamento com a causa dos oprimidos; imprescindíveis quando falamos de uma educação crítica presente na atualidade em diversas áreas, mas especialmente na Educação Física Escolar, através do Coletivo de Autores, obra que se tornou um clássico por ser um marco teórico-metodológico no campo da produção do conhecimento e uma referência para as políticas educacionais.

Ao dialogarmos com essas duas bases teóricas, estamos aqui anunciando uma esperança de construção coletiva que busque transformar a escola num espaço cada vez mais inclusivo, que modifique as bases que nelas se estruturaram por muito tempo sendo colocada ao interesse do capital e, principalmente enxergue sua função social onde segundo Saviani

(2012, p. 14) está em “[...] propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber”.

Refletindo sobre a intencionalidade da pesquisa, nosso diálogo se pautou na relação de teorias e métodos alicerçados nas Ciências Humanas. Dessa forma, nosso trabalho se desenvolve numa abordagem de cunho qualitativo (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244), situando-a através da pesquisa em forma de Ensaio.

Entendemos que o Ensaio se configura como uma sessão destinada a artigos de revisão e/ou reflexão teórico-conceitual sobre um determinado tema escritos a partir da experiência autoral do(a) ensaísta. Os textos, nesse ponto, devem problematizar as compreensões já consolidadas no campo científico e apontar interpretações ainda não vislumbradas, sem necessariamente recorrer à revisão de literatura ou à produção de empiria.

Dessa forma, sua inserção no contexto da discussão é imprescindível por permitir livre acesso ao que vem sendo estudado acerca da temática investigada e possibilitar uma delimitação perante o objeto de estudo.

Nesse sentido, revisitamos o marco teórico da pesquisa, utilizando da literatura com a finalidade de compreender os pressupostos do pensamento Freireano através de suas principais obras como *Pedagogia do Oprimido* (2021) e *Cartas a Cristina* (2021) e da perspectiva crítico-superadora através da obra *Metodologia do Ensino de Educação Física* (2012) na prática pedagógica.

PENSAMENTO FREIREANO E A PERSPECTIVA CRÍTICO SUPERADORA: **Em busca de uma educação libertadora e crítica**

Trazer neste texto articulações pertinentes entre o pensamento Freireano e a perspectiva crítico-superadora se traduz como um desafio; desafio, principalmente, pela sua representatividade e importância no campo da Educação e da Educação Física.

Ao nos depararmos com o pensamento de Freire, nos colocamos no exercício de reflexão sobre nossas práticas cotidianas, onde o diálogo se coloca como elemento fundamental na relação com as coisas do mundo e na interlocução entre docente e discente, não sendo este apenas objeto, mas produtor de conhecimento. Afirmar Freire (2021, p. 91) que “é olhando por esse prisma que ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, superficialmente, porém se prolonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”.

Pensar em prática pedagógica pressupõe, portanto, ir além do professor e sua relação com o espaço de sala de aula. Enxergar o trabalho docente não só como profissão, que tem como tarefa preparar os estudantes para o mercado de trabalho, subordinado à produção na esfera capitalista. Mas, ter como pilares o compartilhamento de saberes, entender

o estudante como ser histórico, o qual carrega consigo experiências e conhecimentos através de sua realidade social, se faz imprescindível.

O conhecimento, nesse aspecto, não se coloca enquanto um simples objeto, mas um processo dinâmico em constante transformação. O saber não pode ser entendido como algo cumulativo, mas construído por todos, na relação professor-estudante-realidade social. Tal entendimento nos direciona a uma prática pedagógica crítica, que reconhece os estudantes como seres políticos e se coloca como elemento indispensável na reflexão/ação sobre a escola e a formação da pessoa humana.

Nesse aspecto, trazendo aproximações com a *Metodologia de Ensino da Educação Física* conseguimos evidenciar certas características que conversam com Freire, tais quais: a superação de uma visão instrumental, de mero “receituário de atividades”; oferecimento de elementos aos docentes de aspectos teóricos, princípios e procedimentos didático-metodológicos como pistas para o “como fazer” diante da estruturação e tematização de aulas e do processo avaliativo; orientação à reflexão pedagógica pela articulação entre o conhecimento científico e o saber do estudante; bem como, a apreensão do conhecimento específico de Educação Física tratado a partir de uma visão de totalidade.

Esses pontos ora citados reforçam a ideia trazida de articulação entre as possibilidades de aproximações de um novo olhar sobre a escola e desponta num direcionamento de compreender como urgência a lógica nela imposta exteriormente conduzindo o processo de ensino-aprendizagem num viés mecanicista, onde a educação é tratada como mercadoria a serviço do capital.

Freire (2021), na obra intitulada *Pedagogia do oprimido*, nos remete a refletir sobre a relação entre opressor-oprimido, onde percebemos sua dinâmica dialética, não contrária ou dicotomizada.

O autor diferencia a concepção da educação bancária e a educação problematizadora: a bancária que tem interesses exclusivos ao viés exploratório servindo à dominação, enquanto a problematizadora que fornece subsídios ao educador e educando de pensar, criticar, e ao fazê-lo serve unicamente à libertação desses sujeitos.

Essa educação bancária tem entrelaçamento direto com a opressão, pois traz em sua identidade um poder esmagador e necrófilo, já que seu amor não é pela vida, mas sim pela morte.

[...] No momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, espacializado da consciência e em que transforma, por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano (FREIRE, 2021, p. 91).

Sendo retirada a possibilidade de pensar, refletir, agir e intervir, esses mesmos sujeitos sofrem e isso os coloca numa posição de conformismo diante das circunstâncias impostas na/pela vida. Esse estado de incertezas, de frustração e sofrimento beneficia apenas aos opressores que se fortalecem desses sentimentos para cada vez mais alienar e explorar.

Diferentemente da concepção bancária, a educação problematizadora “[...] se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo com que e *em que* se acham” (FREIRE, 2021, p. 100).

Neste ponto, a educação problematizadora coloca como premissa o caráter histórico do ser humano e com tal a concepção de que se humano somos seres inconclusos, inacabados, ou seja, não somos seres prontos, estamos sendo, construindo cotidianamente a nossa história numa realidade que igualmente histórica também se coloca como inacabada. Freire (2021, p. 102) afirma que: “a educação se re-faz constantemente na práxis”.

Para *ser* tem que *estar sendo*. E nesse movimento permanente de estar sendo nos faz refletir sobre o sentido da comunhão entre os sujeitos e um trabalho constante pela solidariedade em comunidade, afinal de contas, a busca por ser mais, explicitado em linhas anteriores, não se faz pelo viés individualista, egoísta e no isolamento. Por isso mesmo que a educação bancária não pode vir a dar conta desse novo sujeito, por justamente estar numa relação antagônica entre opressores e oprimidos diferentemente da educação problematizadora.

[...] Para a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação [...] superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência de mundo (FREIRE, 2021, p. 105).

Esses traços revelam a uniformidade das formas de lidar com uma educação problematizadora, ou seja, as características que nela foram desveladas desperta em concepções ora voltadas para um caminho que leve de encontro com o real sentido da práxis. Práxis essa, que se dá na articulação entre a reflexão e ação sobre os saberes ora partilhados entre educador e educando, onde na relação existente entre os pares supera uma articulação hierárquica entre o saber mais e o saber menos, para o pensar e agir sobre o conhecimento que está sendo construído pelos sujeitos nesta mesma ação.

Nesse aspecto, atribuindo novamente relações com a perspectiva crítico- superadora, podemos tomar como exemplo a necessidade de rompimento com a aptidão física e o estabelecimento/ aproximação com um paradigma de natureza histórico-social há exatamente 30 anos atrás com a escrita da primeira edição da presente obra.

Lorenzini et al. (2021, p. 124) vem reforçar essa ideia quando falam que:

Em síntese, a nova teorização da área da Educação Física nasceu da busca pela superação do paradigma da aptidão física, tomando por base estudos acerca do projeto político pedagógico da escola, do currículo ampliado, da metodologia de ensino, da avaliação, tendo a história da área como referência central.

Nesse trecho torna-se nítido, assim como no pensamento de Freire, esse enfrentamento das estruturas dominantes, a defesa por uma educação que possibilitasse estreitamentos quanto a realidade dos estudantes, conteúdos que avançassem em seu papel de depósito, instrumental e técnico para o trabalho, mas despertassem a consciência crítica dos sujeitos, considerando seu papel e diferença no mundo sendo por ele responsável através de suas ações.

A obra ao considerar esses pontos traz consigo uma ideia central: a de que a realidade está, como exposto em linhas anteriores, estruturada numa base capitalista, onde se faz necessário a resistência política, sendo, portanto, seu diferencial quando a comparamos com outras perspectivas ou abordagens de ensino na Educação Física (LORENZINI et al.).

Mesmo cientes do processo de universalização da educação, principalmente a pública e do direito ao acesso que muitos são convidados, ainda precisamos garantir que os estudantes tenham possibilidades de adquirir os conhecimentos socialmente construídos de maneira elaborada e sistematizada a fim de avançarmos nas pautas que dignifique a pessoa humana.

Para tal, se faz urgente o *pensar verdadeiro*¹ que não é nada mais que o pensar crítico dos sujeitos sobre os acontecimentos e a realidade que os circundam; o *amor*, pois sem amor ao mundo, aos seres humanos, sem amor à vida, é impossível o diálogo acontecer; a *humildade* que nos põe em movimento permanente de encontro e não distanciamento com os sujeitos, bem como no ato de criação que só pode ser feito sem nenhum tipo de arrogância; a fé que se coloca como mais um elemento importante para o diálogo, o qual se diferencia de uma *fé* ingênua, é uma fé no homem que se instaura antes mesmo do encontro concreto entre os dois; a confiança que une os sujeitos e implica num maior companheirismo nesta pronúncia do mundo; e por fim e não menos importante, a *esperança* que assim como as demais é elemento crucial para o sujeito dialógico se concretizar, mas que difere do esperar por algo ou alguma mudança sem agir, e sim o de ir à luta.

Neste texto, procuramos compreender as aproximações possíveis entre o pensamento Freireano e a perspectiva crítico-superadora. Para tal, utilizamos de uma pesquisa teórica subsidiada através da pesquisa qualitativa e bibliográfica situando as obras e pensamento

1 Fundamentos que juntos criam o homem dialógico. Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & terra, 2021, p. 110-115.

de Paulo Freire e a *Metodologia de Ensino da Educação Física*, a fim de estabelecer nexos e relações em seus escritos.

Em síntese, conseguimos perceber a relevância dessas obras no sentido de reconfiguração do cenário da educação e educação física quando trazemos essa pluralidade de ideias para o chão escolar. Significa dizer que através do rigor científico e compromisso ético com o processo de ensino-aprendizagem as possibilidades de êxito e transformação das problemáticas encontradas em sala de aula se faz palpável.

Isso não retira o fato de que pelas estruturas dominantes encontradas em nossa sociedade, exploração do homem pelo homem/ sociedade de classes, seja uma tarefa fácil de se cumprir. Ao contrário, por nos depararmos com uma realidade cheia de mazelas e deficitárias, frente as limitações materiais da escola, baixos salários e desvalorização da profissão e do trabalho docente (COLETIVO DE AUTORES, 2012), torna-se um exercício em suma desgastante e dificultoso.

Entretanto, mesmo lidando com essa realidade nada favorável para os utópicos educadores, a leitura que se faz é de organização das massas, resistência na luta travada em nosso próprio contexto e o que consolidamos enquanto produção através dos saberes compartilhados em sala de aula. Tudo isso nos mune para a conquista coletiva de ser mais, que denuncia as injustiças e já não aceita e concorda com o que está posto, mas problematiza e constrói uma consciência crítica sobre o mundo que o circunda e aos que nele habitam.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

EAD FREIRIANA. *Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2022*. Videoaula 6 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas globais. Ministrada por Florenço Mendes Varela. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina*. 4. Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GIL, Antonio C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6.Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCASSA, Luciana Pedrosa; ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares de; NASCIMENTO, Carolina Picchetti (orgs.). *Ensino de Educação Física e formação humana*. – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2021.

MINAYO, Maria Cecília S; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 239-262, jul./set. 1993.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 42°. ed. Campinas SP: Autores Associados, 2012. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

LEONARDO ALVES DA SILVA

é mestrando em Educação Física (Programa Associado de Pós-Graduação UPE/UFPB), licenciado em Educação Física (Universidade de Pernambuco- UPE). Contato: leonardo.alves@upe.br.

Paulo Freire e a Educação no século XXI

Diálogo, reflexão e o dever de esperar

CARVALHO, Luciana da Silva Torturello de

RESUMO

Neste artigo, refletiremos sobre a Pedagogia Freiriana; uma pedagogia que estabelece um diálogo vivo com a atualidade, e suas contribuições para a Educação do século XXI. Paulo Freire vem sofrendo ataques, o que demanda a necessidade de análise em relação a gravidade da propagação das fake news, na escola e em todos os setores da sociedade. Em contrapartida, destacaremos a necessidade do incentivo à pesquisa, ao desenvolvimento da autonomia de pensamento e do conhecimento genuíno. O diálogo, a escuta, a amorosidade competente, a esperança, o respeito ao próximo, são requisitos que embasam os ensinamentos de Freire e são essenciais para uma vida plena e harmoniosa. Precisamos estar atentos ao combate das fake news, lutando pela verdade.

Palavras-chaves: Educação. Fake News. Paulo Freire.

AN EDUCATION FOR THE 21ST CENTURY

Paulo Freire: dialogue, reflection and the duty to have hope

ABSTRACT

In this article we will reflect on the Freirean Pedagogy, a pedagogy that establishes a lively dialogue with the present, and its contributions to the Education of the 21st century. Paulo Freire has been suffering attacks, which demands the need to analyze the seriousness of the spread of fake news, at school and in all sectors of society. On the other hand, we will highlight the need to encourage research, the development of autonomy of thought and genuine knowledge. Dialogue, listening, competent love, hope, respect for others are requirements that underlie Freire's teachings and are essential for a full and harmonious life. We need to be aware of the fight against fake news, fighting for the truth.

Keywords: Education. Fake News. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Neste texto vamos refletir acerca das diversas indagações levantadas pelo Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. Para tal dividimos o artigo em três tópicos: a pedagogia freiriana e a educação para o século XXI, as *fakes news* e a escola, e as *fakes news*, a reflexão e o verbo esperar.

Diante de tantas *fake news* que circulam, principalmente nas redes sociais, em relação as ideias e influências do educador Paulo Freire na educação brasileira, faz-se necessário ratificar a sua importante contribuição, não somente nos âmbitos educacionais, como outras tantas que enfatizam a melhoria da qualidade das relações humanas, bem como o cuidado com o planeta e o desenvolvimento social.

Muitas *fake news* afirmam que Paulo Freire encontra-se desatualizado, que suas ideias estão ultrapassadas, o que demonstra a perversidade de uma parcela da população que se preocupa em perpetuar ideologias elitistas, defendendo os seus interesses. Todos sabemos que Paulo Freire muito lutou para que a educação brasileira se desenvolvesse de maneira igualitária, sempre defendendo as classes mais empobrecidas para que elas tivessem acesso ao conhecimento e pudessem ampliar sua autonomia de pensamento, fazendo consequentemente melhores escolhas e participando mais ativamente das decisões políticas e sociais, pois assim nasceria novas possibilidades de romper o ciclo de pobreza e de exploração dos menos favorecidos.

Além das pessoas que se beneficiam diretamente com as propagações das *fake news*, existem as pessoas que repassam as falsas informações e acreditam nas mentiras disseminadas por elas porque desconhecem as obras e o pensamento de Paulo Freire. Muitas pessoas não têm conhecimento da gravidade das consequências que uma notícia falsa pode causar, repassam as *fake news*, de maneira desenfreada, repetindo suas inverdades como verdades absolutas e assim contribuem para a onda de mentiras e injúrias que são propagadas em relação não somente a Paulo Freire, mas relativas a muitos outros assuntos sérios e importantes para a sociedade.

Neste artigo vamos refletir sobre a Pedagogia Freiriana e suas contribuições para a Educação do século XXI. Entenderemos que infelizmente não é a primeira vez que Paulo Freire é perseguido e porque suas ideias incomodam tanto. Refletiremos sobre a atualidade de suas ideias, no nosso entendimento, a Pedagogia Freiriana é uma pedagogia que caminha com todas as outras, propiciando um diálogo e a construção de novos saberes.

Não poderíamos deixar de perpassar pela vivência de professores(as) e alunos(as) em relação as *fake news*, as quais podem influenciar negativamente tanto na formação de professores(as) quanto na aprendizagem dos(as) alunos(as), pois as mesmas enfraquecem a circulação de informações verídicas, podendo fortalecer uma “educação bancária”,

elitista, uma educação que doutrina e domestica, para que a sociedade siga as ideologias de quem encontra-se no poder, perpetuando as desigualdades e mazelas sociais.

Enfim, buscaremos refletir sobre a gravidade da propagação das *fake news* para os diversos setores da sociedade e refletiremos sobre a importância da pesquisa, do diálogo, da amorosidade competente, da escuta e da esperança, requisitos tão presentes na Pedagogia Freiriana e que precisam também estar presentes no desenvolvimento de uma vida plena.

A PEDAGOGIA FREIRIANA E A EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI

Quando falamos de Educação para o Século XXI podemos destacar os quatro pilares da educação para o século XXI definidos pela UNESCO e destacados por Jaques Delors. São eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. A partir da década de noventa ampliou-se as perspectivas em relação a formação do aluno no sentido de que o cidadão do século XXI, precisa ser um cidadão completo, consciente de suas responsabilidades consigo mesmo, com o outro e com o planeta.

O documento construído pela UNESCO, após o Fórum de Educação para Cidadania Global realizado em 2013 com a participação de representantes de diversos países, destaca que:

Houve uma mudança no discurso e na prática da educação. Essa mudança reconhece a relevância da educação e da aprendizagem para entender e resolver questões globais nas áreas social, política, cultural, econômica e ambiental. O papel da educação tem ido além do desenvolvimento de conhecimento e habilidades cognitivas para a construção de valores, soft skills e atitudes entre alunos. Espera-se que a educação facilite a cooperação internacional e promova a transformação social de uma forma inovadora em direção a um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável. Em um mundo cada vez mais interconectado e interdependente, é preciso uma pedagogia transformadora, que capacite os alunos a solucionar desafios persistentes que envolvem toda a humanidade, relacionados ao desenvolvimento sustentável e à paz. Estes incluem conflitos, pobreza, mudança climática, segurança energética, desigualdade na distribuição populacional, e todas as formas de desigualdade e injustiça que ressaltam a necessidade de cooperação e colaboração entre os países, além de seus limites terrestres, aéreos e aquáticos. (2015, p.11)

Se observarmos todas as mudanças descritas sobre as novas propostas de educação, podemos verificar que a Pedagogia Freiriana se encontra mais atual do que nunca,

o diálogo, a escuta, a amorosidade, a reflexão, a pesquisa são a base das ideias educacionais defendidas por Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Uma educação voltada para formar um cidadão humanizado, pesquisador, com autonomia de pensamento, crítico, preocupado com as questões ambientais, sociais, culturais e econômicas, buscando uma sociedade mais justa e democrática.

As *fake news* buscam denegrir a imagem de Paulo Freire, espalhando inverdades, e nos causam grande indignação porque conhecemos as suas obras e sua luta em prol de uma melhoria social. Em 2017, conforme destaca a professora Luiza Cortesão em sua videoaula, “as obras de Paulo Freire se tornaram patrimônio da humanidade” (EAD FREIRIANA, 2022a), pois elas possuem um valor imensurável. Paulo Freire é um dos três autores mais citado em trabalhos acadêmicos, suas teorias não contribuem apenas para a educação, mas possuem a amplitude de buscar uma melhoria social.

Ao analisarmos o texto do documento acima podemos observar que a maior preocupação para a educação do século XXI é uma transformação de uma educação que dava ênfase ao desenvolvimento do conhecimento e das habilidades cognitivas para uma educação mais ampla, uma pedagogia transformadora, que forme alunos capazes de solucionar problemas relacionados a humanidade e a vida em nosso planeta. Guillermo Williamson destaca que “Freire é atual porque defende uma sociedade mais justa, consciente e democrática, produtora de ideias, de conhecimentos, de valores e de ação” (EAD FREIRIANA, 2022b).

A Pedagogia Freiriana é uma “pedagogia caminhante” (EAD FREIRIANA, 2022c) essa é uma colocação muito pertinente feita pela professora Mariateresa Muraca, pois nos leva a refletir o quanto a Pedagogia Freiriana é reflexiva, sendo ao longo dos anos repensada permanentemente, gerando a possibilidade de muitas reflexões. É uma pedagogia que possui uma dinâmica interna de recriação através de diálogo constante, portanto não é ultrapassada, ao contrário, é extremamente atual, pois busca a superação das mazelas sociais por meio do respeito as diferenças, da escuta, da valorização do ser humano, desenvolvendo práticas baseadas no diálogo, que é uma das formas mais originais de aprender e ensinar.

O respeito ao ser humano, na essência da palavra, é um requisito fundamental para vida em sociedade, pois as diferenças precisam ser respeitadas, não há convívio harmonioso se não há amor pelo próximo, buscamos uma sociedade sem preconceitos, sem verdades absolutas. Portanto, o diálogo e a escuta se fazem necessários diante do desafio de formar cidadãos do século XXI, que convivem com grandes mudanças tecnológicas, com acesso a muitos conhecimentos e que precisam ser preparados para que respeitem os seus pares, saibam lidar com essas transformações e zelem pela qualidade de vida e pela paz em seu planeta.

AS FAKE NEWS E A ESCOLA

Nos últimos tempos as *fake news* se tornaram uma grande preocupação para toda a sociedade, por sua disseminação rápida e seu poder destrutivo, são como ondas de desinformações e podem causar grandes danos em todas as áreas da sociedade. Podemos citar, por exemplo, uma série de *fake news* sobre a vacinação contra o coronavírus que circularam durante a pandemia e circulam até hoje, elas influenciaram muitas pessoas a não se imunizarem com as vacinas, atrapalhando o combate ao vírus da Covid-19. Em 2016, o MEC também teve que elaborar uma declaração para desmentir as *fake news* que espalhavam boatos sobre a circulação de um denominado “kit gay” nas escolas brasileiras, uma desagradável situação causada pela propagação dessas inverdades.

As *fake news* podem causar danos em qualquer esfera da sociedade e na educação não é diferente, uma vez que nossos(as) alunos(as) e professores(as) tem contato com muita informação todos os dias, através da internet, nas redes sociais e em diversos sites de notícias. E, por isso, todos nós precisamos aprender a discernir as notícias falsas das verdadeiras, o que nem sempre é uma tarefa fácil, até mesmo porque elas são muito bem elaboradas e se disseminam em uma velocidade catastrófica. Os grupos que criam e disseminam *fake news* são geralmente especializados neste serviço que é aprimorado mais e mais a cada dia.

A falta de letramento digital na sociedade brasileira agrava as propagações das notícias falsas, como destacou a professora Jaciara Carvalho: as *fake news* são notícias elaboradas para enganar, então, muitas delas possuem muita sofisticação. Na realidade, elas ficam bem próximas da perfeição devido sua boa elaboração. Pesquisa recente destaca que : “as *fake news* tem 70% de chance de serem disseminadas, porque possuem as características apelativas de parecerem inéditas, possuem conteúdos que despertam o emocional das pessoas, sendo assim dissemina-las provoca uma sensação de prazer” (EAD FREIRIANA, 2022d), por isso combatê-las não é tarefa fácil.

Quando falamos de déficit de letramento digital não podemos esquecer de que nossos(as) professores(as) e alunos(as) enfrentaram grandes dificuldades relacionadas as novas tecnologias na educação. Uma situação concreta enfrentada por docentes e discentes foi a suspensão das aulas presenciais na pandemia da Covid 19, tendo sido necessário utilizar a internet, o computador, as plataformas, dentre outros recursos para ministrar e assistir aulas on-line, o que não foi tarefa fácil. Nem sempre esses recursos tecnológicos fazem parte da dinâmica do ensinar e aprender em nossas escolas. Muitos discentes e docentes não possuíam e ainda não possuem aparelhos e internet de boa qualidade para que possam desenvolver as demandas de uma educação online. Precisamos urgentemente de políticas públicas, nas esferas municipais, estaduais e federais voltadas para inserção desses aparatos tecnológicos tão necessários a educação do século XXI, nas escolas brasileiras.

Vale destacarmos também que as *fake news* exercem maior influência nas pessoas menos escolarizadas, atualmente no Brasil de acordo com PNADE (2018/2019) de cada 10 pessoas acima de 10 anos, 08 possuem celular para uso pessoal, e acessam a internet, portanto estas pessoas estão automaticamente mais propensas a receber em algum momento, alguma forma de *fake news* e este índice é formado por uma parcela muito grande da população brasileira. Uma pesquisa desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas indica que são 242 milhões de celulares inteligentes em uso no Brasil, país com um pouco mais que 214 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE. Então, a conclusão é de que temos mais de 1 aparelho de celular em uso por habitante.

Diante destes dados concluímos que todos nós estamos totalmente suscetíveis em relação as *fake news*. Precisamos estar atentos e aprender a detectá-las. Devemos sempre verificar as fontes de origem dessas notícias e não repassá-las antes de termos certeza se as informações que elas nos trazem são verdadeiras. Precisamos agir assim de forma cautelosa e incentivar as pessoas com as quais convivemos a fazer o mesmo para que possamos diminuir a propagação das *fake news*.

Paulo Freire foi um grande defensor do diálogo, da reflexão crítica, do saber científico e popular, e sempre acreditou que a ciência evolui através das contradições, avanços e críticas como nos especificou o professor Gadotti (EAD FREIRIANA, 2022e), portanto jamais foi um doutrinador, ele sempre lutou contra a alienação e a favor da libertação dos grupos mais marginalizados da sociedade.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. (FREIRE, 2010, p. 94)

A escola é um local onde o principal foco é a aprendizagem, cabe a nós, ensinantes e aprendentes, através do diálogo que liberta, analisarmos as origens das notícias que recebemos diariamente e orientarmos que todos façam o mesmo, para que não se deixem levar por mentiras. Sabemos que nenhuma ação é neutra, as mentiras propagadas são cheias de ideologias e intenções de grupos que defendem seus próprios interesses de maneira desonesta, não se importando o quanto estão prejudicando a sociedade em geral.

AS FAKE NEWS, A REFLEXÃO E O VERBO ESPERANÇAR

“... é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”.

(Paulo Freire)

Quando falamos de Paulo Freire, não podemos deixar de lembrar de que como educadores e humanos, somos pessoas reflexivas, dialógicas e esperançosas. A esperança faz parte da essência de todos os educadores, porque acreditamos em pessoas melhores, em uma sociedade mais justa e igualitária, em um planeta sustentável, com melhor qualidade de vida para todas as pessoas. Por isso, como destacou a professora Sônia Couto, assim como Freire buscamos uma educação transformadora, humanizada, uma educação que liberta e conscientiza (EAD FREIRIANA, 2022f). Gadotti também nos mostra em seu livro “A boniteza de um sonho” (2008), como a esperança faz parte da formação de todo(a) educador(a).

A esperança, para o professor, a professora, não é algo vazio, de quem “espera” acontecer. Ao contrário, a esperança para o professor encontra sentido na sua própria profissão, a de transformar pessoas, a de construir pessoas, e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam, por sua vez, construir uma realidade diferente, “mais humana, menos feia, menos malvada”, como costumava dizer Paulo Freire. Uma educação sem esperança não é educação. (2008, p. 106)

Em nome desta esperança que nos move precisamos nos juntar para que possamos lutar contra a disseminação das *fake news*, pois não podemos perder a esperança de que a verdade sempre prevalece.

O diálogo é a base da Pedagogia Freiriana, pois é uma ferramenta fundamental para o convívio social e para o aprendizado. Para que se estabeleça o diálogo é necessário que ambas as partes saibam respeitar-se acima de tudo. De acordo com a professora Francisca Pini: “a humanidade não pode ser violada em sua integridade” (EAD FREIRIANA, 2022g) e as *fake news* violam a integridade das pessoas, de fatos, por isso precisam ser severamente combatidas. Nesse sentido, enfatizamos a importância de uma mobilização

coletiva porque quando repassamos notícias falsas, estamos sendo negligentes com nós mesmos, com o outro e com todos e todas que vivem em nosso planeta.

Paulo Freire nos ensinou o verbo esperar e, por isso, não temos que nos acomodar e achar que nossos esforços em combater as *fake news* diante da velocidade de sua propagação são em vão. Precisamos lutar, jamais devemos esmorecer, esperancemos através da busca pela verdade, da valorização do conhecimento científico, do desenvolvimento do pensamento autônomo e da análise reflexiva, da amorosidade competente e da luta por um mundo melhor.

E como Paulo Freire nos diz em seu livro *Pedagogia da Esperança* (1992, p. 91): “Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”. E a mudança precisa partir da luta de cada um de nós, uma luta por uma educação cidadã e planetária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois das reflexões levantadas neste texto, podemos concluir que o nosso caminho como educadores freirianos não é fácil, na realidade lutamos ao lado dos que são discriminados, dos que são facilmente manipulados, dos que sofrem as mazelas sociais, e nossa luta nunca será fácil, mas acreditamos em outros mundos possíveis, onde todos tenham direito à alimentação, saúde e educação. Somos seres esperançosos e acreditamos que a mentira pode ser vencida pela verdade, que o ódio pode ser combatido com amor e diálogo, buscamos um mundo onde a paz reine, e todos as pessoas sejam respeitadas e possam viver em harmonia, diante de suas diversidades.

No prefácio do *ebook* “A Escolas dos Meus Sonhos” (2018) Gadotti nos diz:

Diante de ataques à concepção emancipatória da educação, a nossa resposta tem sido um convite ao diálogo. Nosso dever como docentes é esclarecer, sem arrogância, com humildade de quem deseja aprender na leitura do mundo presente. É claro que certas declarações, certos atos, preocupam-nos. Mas isso não nos intimida. A resposta ao cerceamento da palavra, frente à violência, ao silenciamento, é a reafirmação da nossa capacidade de lutar pelo sonho, lutar pelo direito à liberdade de expressão, ao pensamento crítico. Nossa força está na esperança como imperativo existencial e histórico, como dizia Freire. A esperança nos possibilita a superação, na prática, da visão mecanicista de história, na qual o futuro é pré-determinado e previsível. O futuro, a história, não é determinação. É possibilidade. E isso não vale só para os docentes. Vale para todos os seres humanos. Fazendo o possível de hoje, podemos, amanhã, fazer o impossível de hoje. (2018, p.11)

A luta por conscientização é uma luta contínua, pois lutamos contra ideologias que se perpetuam por muito tempo. As *fake news* sempre existiram, mas atualmente foram potencializadas pela força da internet, e tem invadido impiedosamente todos os lares da nossa sociedade, mas não podemos nos deixar enganar, precisamos ficar atentos e alertar nossos(as) alunos(as) e todas as pessoas do nosso entorno para que também fiquem alertas, pesquisem, se informem, busquem as fontes das informações, as datas das publicações, confirmando antes de repassá-las a sua veracidade e que não as repassem no caso de serem notícias falsas. Diante de tão belas palavras do professor Gadotti, destacadas no trecho acima, esperamos que sejamos luta, a luta travada pela verdade e pela vida.

REFERÊNCIAS

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir - Informe da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (7ª ed.). São Paulo: Editora Cortez, 2012.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 02 – Contribuições de Paulo Freire as ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 08 – Contribuições de Paulo Freire a educação em direitos humanos. Ministrada por Francisca Pini. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022g.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 10 – O pensamento de Freire está ultrapassado?. Ministrada por Guillermo Williamson. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 12 – O pensamento vivo e generativo de Paulo Freire. Ministrada por Alessio Surian, Aline Galvão, Mariateresa Muraca. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno fake news e as contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022d.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 01 – A noção de fake news, de pós-verdades e as contribuições de Paulo Freire à Educação. Ministrada por Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022e.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 11 – Atualidade da metodologia freiriana para a educação de jovens, adultos e idosos. Ministrada por Sônia Couto. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022f.

EAD FREIRIANA, [livro eletrônico]: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso A escola dos meus sonhos ministrados pelo professor Moacir Gadotti / Ângela Antunes, Janaina Abreu e Paulo Roberto Padilha, organizadores. --São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006 [original de 1992].

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** ensinar-e-aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. -- (Educação cidadã; 2)

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Uso de Internet, televisão e celular no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

MEIRELLES, Fernando S. **Panorama do Uso de TI no Brasil – 2022.** Fundação Getúlio Vargas, 2022. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/panorama-uso-ti-brasil-2022>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

LUCIANA DA SILVA TORTURELLO DE CARVALHO

é graduada em História e Pedagogia – Pós-graduada em Psicopedagogia/Gestão em Escola Pública/Supervisão, Inspeção e Orientação Educacional/Sociologia e Filosofia/Educação à Distância – Mestranda em Ciências da Educação – Professora SME de Barra Mansa e do Curso de Formação de Professores SEEDUC/RJ. Contato: lucianatorturello@terra.com.br

Criatividade e ludicidade na luta contra as *fake news* sobre o pensamento de Paulo Freire

SIMEONI, Maria Cristina

RESUMO

Destaca-se, neste estudo, a análise de conceitos relacionados à criatividade e ludicidade em quatro obras de Paulo Freire, pelo entendimento de sua importância para o bom desenvolvimento da sociedade, em tempos desalumiados. Sua maneira de ler e pensar o mundo vem sofrendo uma série de ataques, através das redes sociais, recheados de notícias falsas – *fake news*. Para combater tais notícias, a criação, a alegria e a amorosidade, tão presentes em suas obras, devem se exprimir. À vista disso, problematiza-se: Como estão expressas, nas obras de Paulo Freire, as ideias referentes à criatividade e ludicidade? De que maneira é possível estabelecer relações entre essas ideias e a luta contra tais *fake news*? De caráter bibliográfico-analítico-interpretativo, esse estudo tem como objetivos, apontar fundamentos teóricos a respeito da criatividade e ludicidade como instrumentos favorecedores da disseminação do pensamento do autor; compreender como tais conceitos contribuem na luta contra as *fake news*, dirigidas a Paulo Freire. Com base na análise realizada sobre os conceitos de criatividade e ludicidade, expostos na obra de Paulo Freire, considera-se que postagens em redes sociais também podem ser expressas a partir de uma construção alegre e criativa, referenciada em informações verídicas, capazes de contrapor-se às *fake news*, inclusive combatendo-as.

Palavras-chave: Fake news. Criatividade e Ludicidade. Pensamento freireano.

CREATIVITY AND PLAYFULNESS IN THE FIGHT AGAINST FAKE NEWS ABOUT PAULO FREIRE THINKING

ABSTRACT

In this study, the analysis of concepts related to creativity and playfulness in four books by Paulo Freire stands out, due to the understanding of their importance for the good development of society, in dark times. His way of reading and thinking about the world has been suffering attacks, through social networks, full of fake news. To combat such news, creation, joy and loveliness, so present in his works, must be expressed. In view of this, the question arises: How are the ideas regarding creativity and playfulness expressed in Paulo Freire's books? How is it possible to establish relationships between these ideas and the fight against such fake news? Bibliographical-analytical-interpretative in character, this study aims to point out theoretical foundations regarding creativity and playfulness as instruments that favor the dissemination of the author's thought; understand how such concepts contribute to the fight against fake news, directed at Paulo Freire. Based on the analysis carried out on the concepts of creativity and playfulness, exposed in the work of Paulo Freire, it is considered that posts on social networks can also be expressed from a cheerful and creative construction, referenced in true information, capable of opposing to fake news, including fighting them.

Keywords: Fake news. Creativity and Playfulness. Freirean thought.

INTRODUÇÃO

A educação libertadora de Paulo Freire propõe às sujeitas e aos sujeitos, assumirem as rédeas de suas próprias vidas. Toda tematização que perpassa essa ideia traz, também, a criatividade e ludicidade como elementos que a constituem e que, contraditoriamente, são podadas em grande parte da vida escolar. Cada homem e mulher têm um potencial criador e lúdico inato e que, por isso mesmo, são capazes de apreciar o mundo de forma única. Para que possamos intervir nesse mundo, de modo coerente, é fundamental uma educação libertadora.

Estamos vivendo um momento delicado no Brasil, tendo em vista o período das eleições presidenciais de 2022. São inúmeros os ataques contendo conteúdos absurdos com *fake news* (notícias falsas), através das redes sociais, com o agravante de que muitas pessoas acreditam por acreditar, sem saber o porquê. Mentiras não permitem o diálogo, a comunicação, a amorosidade, conceitos tão difundidos por Paulo Freire.

Desde o período da Ditadura Militar, no Brasil, Freire vem sofrendo ataques sobre suas obras e pensamento. Estamos em 2022 e essa perseguição continua, parece não ter fim.

Uma das possibilidades para o enfrentamento contra essas notícias é trazer a criatividade e ludicidade para o mundo das postagens, com notícias verdadeiras, reais (*true news*), com humor e amorosidade. À vista disso, problematiza-se: como estão presentes, nas obras de Paulo Freire, as ideias referentes à criatividade e ludicidade, bem como suas relações contra as *fake news*.

Para nortear a pesquisa foram construídos dois objetivos: apontar fundamentos teóricos a respeito da criatividade e ludicidade como instrumentos favorecedores da disseminação do pensamento de Paulo Freire; compreender como tais conceitos contribuem na luta contra as *fake news*, dirigidas a Paulo Freire.

REVISÃO DE LITERATURA

A luta contra as *fake news* a respeito do pensamento de Paulo Freire devem ser combatidas com as próprias ideias do referido educador. A resistência pode vir com canções, como as de Paulo Padilha; com poesias que expressam a liberdade, o sonho, a autonomia, o diálogo; com trechos de seus escritos que tanto gostamos, ou seja, com elementos que aflorem a sensibilidade das pessoas que publicam tais mentiras. Normalmente, são pessoas que nem conhecem a sua obra (EAD FREIRIANA, 2022).

Uma saída para tanta destruição seria “resgatar o poder do conhecimento” como relata Ladislau Dowbor. Árduo trabalho para uma minoria que realmente conhece tal poder, pois a maioria das pessoas não tem nem acesso a ele. A educação escolar seria uma das vias para acessá-lo e vivenciá-lo (EAD FREIRIANA, 2022a). O acesso ao conhecimento das pessoas privilegiadas economicamente é bem maior e melhor daquelas que vivem em classe desfavorecidas.

Lembro de Paulo Freire quando expressa que o conhecimento liberta. Estamos na luta para que as pessoas compreendam. A utopia nos leva a pensar num mundo conectado democraticamente para acesso ao conhecimento, interativo e colaborativo para todas e todos. Mas será possível num país que acredita em *fake news*?

A respeito dessas notícias falsas, Jaciara Carvalho orienta que é preciso verificar a procedência das postagens sempre, com muita atenção, para não sermos enganados mais de uma vez (EAD FREIRIANA, 2022b).

Está cada vez mais complexo lidar com essas *fake news*. Onde encontrar essa paciência epistemológica de Paulo Freire para tentar dialogar com as pessoas do mundo das *fake news*?

Para Luiza Cortesão, aqueles que precisavam compreender o pensamento freireano, são contra por opção política; alguns compreendem até, mas são contra também; outros

não compreendem e nem querem compreender. Como alguém consegue afirmar que a educação em nosso país está se afogando por culpa das ideias desse autor, do seu método de alfabetização? No momento político que estamos vivenciando se faz urgente ampliar as discussões a respeito do Patroão da Educação Brasileira e seus conhecimentos. É necessária a luta contra esse analfabetismo funcional que está adentrando o país, principalmente por intermédio do novo Ensino Médio e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (EAD FREIRIANA, 2022c).

As mentiras a respeito do pensamento de Freire, em algumas redes sociais e conforme Angela Antunes, são explicitamente ridículas para quem conhece um pouco do pensamento do educador, imagino para aqueles que estudam profundamente a sua obra. Dizer que Freire não é um intelectual, por exemplo, é dizer também que ele não foi professor na Faculdade de Educação da UNICAMP por 10 anos. Alguém com tamanho acervo bibliográfico e reconhecido no mundo inteiro como um dos maiores pensadores da educação, não pode ser considerado um não intelectual. A obra e o trabalho de Paulo Freire atravessam diversas áreas do conhecimento, não fica somente na educação. Também é reconhecido mundial, por meio de prêmios e títulos que ele recebeu em diversos países (EAD FREIRIANA, 2022d).

Rotulado como utópico por alguns críticos, Paulo Freire sonhava com uma educação que transformasse o mundo em um lugar melhor para se viver. Ele afirma que não havia “outro caminho senão a prática de uma pedagogia humanizadora” (FREIRE, 1987, p. 31). Para o educador, o potencial criador, ou seja, a criatividade presente em cada ser humano, mesmo no indivíduo mais alienado é o que o torna capacitado para o aprendizado (FREIRE, 1979).

Há um equívoco frequentemente associado a esse potencial criador, à palavra criatividade. Diversas vezes, esta é vista como um dom presente em apenas algumas pessoas e não a uma capacidade natural que pode ser alimentada. Paulo Freire (1986, p. 20) ressalta que “a criatividade precisava de liberdade”. Mas, muitas vezes, ela é podada em favor da ordem e dos bons costumes.

Já a palavra ludicidade é quase sempre associada à infância. Mais que isso, ludicidade está relacionada ao ápice do bem-estar, ao sentimento de plenitude na atividade (LUCKESI, 2002).

Ainda que não use especificamente o termo ludicidade em seus escritos, as obras de Paulo Freire estão recheadas de palavras que nos remetem a este. Como exemplo, o bom humor. Para o autor, “o bom humor não faz rir tanto quanto faz pensar seriamente sobre o assunto” (FREIRE, 1986 p. 99).

METODOLOGIA

De caráter bibliográfico-analítico-interpretativo e com abordagem qualitativa, a pesquisa é descritiva e trata das relações entre as *fake news* a respeito do pensamento freireano e a criatividade e ludicidade como elementos para combatê-las (SEVERINO, 2007).

Para esta pesquisa foram analisadas quatro obras do educador Paulo Freire, as quais foram muito comentadas durante o Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. São elas: *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Educação como prática da liberdade* (1967), *Medo e Ousadia* (1986) e *Pedagogia da Autonomia* (1996).

Todos os livros analisados foram encontrados em arquivo no formato PDF disponibilizados através da Plataforma Freire, possibilitando um trabalho de busca pela incidência de termos correlatos ao conceito de criatividade e de ludicidade, a fim de se estabelecer um paralelo entre esses conceitos e sua importância para combater as *fake news*.

No contexto da Criatividade foram considerados os seguintes termos: criatividade, criar, recriar, criador, criadora, criação, criativo, criativa, imaginar, imaginação. E, no contexto da Ludicidade, foram considerados os seguintes termos: humor, alegria, alegre, diversão, prazer, prazeroso, feliz e felicidade, amor, coração, jogo, brincar, brincadeira.

Quadro 1: Incidência dos conceitos de criatividade na obra *Pedagogia do Oprimido*

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO (1987)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Criatividade	6 vezes	[...] nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. p. 33.
Criar, recriar	6 vezes	Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. p. 46
Criador, criadora	9 vezes	A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora. p. 74-75

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO (1987)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Criação	2 vezes	Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. p. 45
Total de palavras encontradas 23		

Fonte: livro *Pedagogia do Oprimido*

Quadro 2: Incidência dos conceitos de criatividade na obra *Educação como Prática de Liberdade*.

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE (1981)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Criar, recriar	4 vezes	Como ajudá-lo a criar, se analfabeto, sua montagem de sinais gráficos? Como ajudá-lo a inserir-se? p. 114
Criador, criadora	21 vezes	A educação é um ato de amor. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. p. 104
Criação	10 vezes	Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação. p. 111
Total de palavras encontradas 23		

Fonte: livro *Educação como prática da liberdade* (1967)

Quadro 3: Incidência dos conceitos de criatividade na obra *Medo e ousadia*

MEDO E OUSADIA (1996)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Criatividade	16 vezes	Em tais momentos, não há solução e podemos até nos burocratizar mentalmente, perder a criatividade, arranjar desculpas, tornar-nos mecanizados – isso é a burocratização da mente, uma espécie de fatalismo. p. 36
Criar, recriar	11 vezes	O educador libertador tem de criar criando, isto é, inserido na prática, aprendendo os limites muito concretos de sua ação, esclarecendo-se sobre as possibilidades, não muito aquém nem muito além de nossos limites do medo necessário. p. 107
Criação	1 vez	A educação deve ser integradora – integrando os estudantes e os professores numa criação e recriação do conhecimento comumente partilhadas. p. 14
Criativo, criativa	21 vezes	Um professor que não é criativo pode liderar uma classe dialógica criativa? p. 100
Imaginar, imaginação	11 vezes	A reformulação do conhecimento acadêmico para que ele abranja a posição subjetiva dos alunos requer muita imaginação por parte do professor. p. 74
Total de palavras encontradas 60		

Fonte: livro *Medo e Ousadia*

Quadro 4: Incidência dos conceitos de criatividade na obra *Pedagogia da Autonomia*

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA (1996)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Criatividade	5 vezes	Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. p. 18

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA (1996)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Criar, recriar	2 vezes	Não temo dizer que inexistência de validade do ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode realmente aprendido pelo aprendiz. p. 12-13
Criador, criadora	7 vezes	Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. p. 16
Imaginar, imaginação	1 vez	O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. p. 53

Total de palavras encontradas 15

Fonte: livro *Pedagogia da Autonomia*

Quadro 5: Incidência dos conceitos de ludicidade na obra *Educação como Prática de Liberdade*.

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE (1981)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Amor	2 vezes	A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. p. 97

Total de palavras encontradas 15

Fonte: livro *Educação com Prática da Liberdade*

Quadro 6: Incidência dos conceitos de ludicidade na obra *Medo e ousadia*

MEDO E OUSADIA (1996)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Humor	25 vezes	[...] existe uma diferença muito grande entre humor e apenas rir. Um humorista não é apenas um produtor de risos, alguém que faz com que as pessoas riem. Não! Algumas vezes, até, o bom humor não provoca risos ou sorrisos. Ao contrário, o bom humor não faz rir tanto quanto faz pensar seriamente sobre o assunto. p. 99
Engraçado	1 vez	Um dos momentos mais engraçados e reveladores, para mim, é a capacidade dos alunos de caçar e imitar seus superiores. p. 75
Divertido	1 vez	Penso que essa crônica monotonia da escola contribui para que os alunos médios se tornem antiintelectuais. A vida deles fora da escola é divertida, e a comédia é uma das formas através da qual vivem sua própria subjetividade. Quando a aprendizagem não tem humor, nem emoção, está lhes negando dois valores subjetivos. p. 100
Alegre, alegria	4 vezes	Se você pensa na ênfase que é dada à cognição na universidade, você pode ver como isso exclui o humor e a emoção. O resultado é uma educação sem alegria ou inspiração. p. 100
Brincadeira, brincar	2 vezes	A luta pelo poder faz com que seja difícil brincar ou se descontraír. p. 99
Amor	2 vezes	Comecei, então, a ensinar gramática portuguesa, com amor pela linguagem e pela filosofia, e com a intuição de que deveria compreender as expectativas dos estudantes e fazê-los participar do diálogo. p. 25
Feliz, felicidade	1 vez	O conhecimento requer disciplina! O conhecimento é uma coisa que exige muitas coisas de nós, que nos faz sentir cansados, apesar de felizes. p. 54
Total de palavras encontradas 36		

Fonte: livro *Medo e Ousadia*

Quadro 7: Incidência dos conceitos de ludicidade na obra *Pedagogia da Autonomia*

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA (1996)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Alegre, alegria	14 vezes	Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. p. 43
Amor	2 vezes	Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? p. 40
Total de palavras encontradas 16		

Fonte: livro *Pedagogia da Autonomia*

Quadro 8: Incidência dos conceitos de ludicidade na obra *Pedagogia do Oprimido*

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA (1996)		
PALAVRAS PESQUISADAS*	INCIDÊNCIA	EXEMPLO DE CITAÇÃO ENCONTRADA
Alegre, alegria	1 vez	Nisto, a liderança revolucionária deve encontrar não só a sua razão de ser, mas a razão de uma sã alegria. p. 46
Amor	5 vezes	Crianças deformadas num ambiente de desamor, opressivo, frustradas na sua potência, como diria Fromm, se não conseguem, na juventude, endereçar-se no sentido da rebelião autêntica, ou se acomodam numa demissão total do seu querer, alienados à autoridade e aos mitos de que lança mão esta autoridade para formá-las, ou poderão vir a assumir formas de ação destrutiva. p. 88
Total de palavras encontradas 6		

Fonte: livro *Pedagogia da Autonomia*

Por meio das obras de Paulo Freire analisadas nesta pesquisa compreendeu-se, enfim, a necessidade de desmistificar os conceitos de criatividade e ludicidade para aplicá-los em

todos os tipos de educação. Essa capacidade criadora inata do ser humano não pode ser tratada como dom excepcional. Ela é potencializadora do ser e do agir de todo ser humano, desde sua origem, contribuindo para sua sobrevivência e adaptação às mais diversas situações e contribuindo, principalmente, para seu bem-estar e desenvolvimento intelectual.

CONCLUSÕES

Com base na análise realizada sobre os conceitos de criatividade e ludicidade, expostos na obra de Paulo Freire, considera-se que postagens em redes sociais também podem ser expressas a partir de uma construção alegre e criativa, referenciada em informações verídicas, capazes de contrapor-se às *fakes news*, inclusive combatendo-as. Vivenciamos um momento cheio de esperanças (do verbo esperar, como dizia Paulo Freire) para (espero eu) o povo brasileiro. Então esperamos pela redemocratização do Brasil; esperamos por uma sociedade com sujeitos e sujeitas que ensinam e aprendem, numa roda de alegria; esperamos mais saúde, educação e paz; esperamos o fim do racismo, da homofobia, da guerra entre religiões; esperamos que, através dos ensinamentos de Paulo Freire, consigamos enfrentar com vitória essa luta contra as *fake news*, que estão aí, a toda hora uma postagem do mal.

O importante é que estamos firmes e vendo que outros tantos também estão nesse enfrentamento. E como disse o professor Moacir Gadotti “a Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito, nos motivou a continuarmos”. E viva o curso de Direito da USP pela iniciativa. “No Brasil atual não há mais espaço para retrocessos autoritários. Ditadura e tortura pertencem ao passado. A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa necessariamente pelo respeito ao resultado das eleições”.

REFERÊNCIAS

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Vídeo do Encontro de lançamento do Curso Paulo Freire em Tempos de *Fake News*. Ministrada por Paulo Padilha e Jana Abreu. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 7 – Resgatar o poder do conhecimento. Ministrada por Ladislau Dowbor. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno *fake news* e as contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 4 – Acervo Paulo Freire: círculo de cultura e metodologias ativas. Ministrada por Ângela Biz Anunes. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022d.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e Experiências Lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). *Educação e Ludicidade – Ensaio 02*, GEPEL/FACED/UFBA, 2002, p. 22-60. Disponível em: <www.luckesi.com.br>.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARIA CRISTINA SIMEONI

é doutora em Educação (Universidad SEK de Santiago/Chile), Mestre em Educação (Universidade Estadual de Londrina-PR), licenciada em Pedagogia e Educação Física (Universidade Estadual do Norte do Paraná), professora no curso de graduação em Educação Física-Licenciatura (Universidade Estadual do Norte do Paraná), Contato: mcsimeoni@uenp.edu.br.

Água como temática problematizadora das questões socioambientais em uma escola do campo

Uma perspectiva para a aprendizagem significativa crítica

SCHOLLERT, Milene Matos¹

RESUMO

O presente texto procura analisar o processo de ensino e aprendizagem em ciências por meio de uma sequência de ensino investigativo realizada em uma Escola Pública do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, a partir da perspectiva da Aprendizagem Significativa (AUSUBEL, 2003) e do Ensino Crítico (FREIRE, 2021), e em diálogo com as reflexões construídas durante o Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. A sequência de ensino investigativo sobre a temática “Água”, apresenta características da pesquisa-ação e foi organizada em roteiros teórico-práticos para o formato de ensino remoto, visando a busca dos preceitos da Educação do campo (CALDART, 2002). Os resultados indicam possíveis caminhos para uma aprendizagem significativa, devido ao processo de ensino-aprendizagem ser pensado e construído considerando o reconhecimento do contexto cultural, social e ambiental da escola, dos estudantes e de suas vivências. Também, os momentos de diálogos do decorrer

1 Artigo em parceria com Karen Cavalcanti Tauceda. É professora adjunta no Departamento Interdisciplinar do curso Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte. ID Lattes:<http://lattes.cnpq.br/7261229213670963>. Contato: ktauceda@gmail.com.

das aulas emergiram relações e aproximações dos saberes das comunidades do campo com os conceitos de ciências apresentado dessa temática.

Palavras-chave: Ensino de ciências. Aprendizagem significativa crítica. Educação do campo.

WATER AS A PROBLEMATIZING THEME OF SOCIO-ENVIRONMENTAL ISSUES IN A RURAL SCHOOL

A perspective for critical meaningful learning.

ABSTRACT

The present text seeks to analyze the process of teaching and learning in science through a sequence of investigative teaching carried out in a Public School on the North Coast of Rio Grande do Sul, from the perspective of Meaningful Learning (AUSUBEL, 2003) and Teaching Critical (FREIRE, 2021), and in dialogue with the reflections built during the Course ‘Paulo Freire in times of fake news’ - Edition 2022, by EaD Freiriana of the Paulo Freire Institute. The investigative teaching sequence on the theme “Water”, presents characteristics of action research and was organized into theoretical-practical scripts for the remote teaching format, aiming at the search for the precepts of Rural Education (CALDART, 2002). The results indicate possible paths for meaningful learning, due to the teaching-learning process being designed and built considering the recognition of the cultural, social and environmental context of the school, the students and their experiences. Also, the moments of dialogues during the classes emerged relationships and approximations of the knowledge of the rural communities with the concepts of science presented in this theme.

Keywords: Science teaching. Critical meaningful learning. Field education.

INTRODUÇÃO

Os desafios históricos na educação dos povos do campo no Brasil foram agravados com a pandemia provocada pela COVID-19, devido ao histórico de condutas governamentais neoliberais que promoveram, entre outras ações, “políticas privatista de diminuição das responsabilidades do Estado” (MEDEIROS; HAGE, 2020, p. 209). Nesse contexto, Nóvoa e Alvim (2020) consideram que em tempos de profundas transformações e ajustes da sociedade, as ciências da aprendizagem contribuem para repensar sobre novos caminhos para a educação. O presente texto, então, busca analisar o processo de ensino e aprendizagem em ciências por meio da realização de uma sequência de ensino investigativo, a partir

da perspectiva da Aprendizagem Significativa (AUSUBEL, 2003) e do Ensino Crítico (FREIRE, 2021a), com o alcance dos preceitos da Educação do Campo (CALDART, 2002) e dos saberes construídos no **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire**. Afonso Celso Scocuglia, destaca que “a continuidade da obra de Freire se dá no estudo de sua obra, nos diálogos com outros autores e com novos temas que enriquecem e tornam o seu legado atual e prospectivo” (EAD FREIRIANA, 2022c). Dessa forma, a pesquisa procura responder: de que maneira a “Água” pode se tornar uma temática problematizadora e contextualizada para o ensino de ciências em uma escola do campo, na perspectiva da aprendizagem significativa crítica?

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi mediada pelo Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no nível de Mestrado, pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação em Ciências GEPEC-CNPq/UFRGS e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com características da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986).

A sequência de ensino investigativo (SEI) com a temática “Água” foi realizada no segundo semestre de 2021 para uma turma de biologia do primeiro ano do ensino médio em uma escola pública no litoral norte do estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Para as aulas foi considerado o contexto histórico-cultural dos estudantes (FREIRE, 2021a), valorizando percurso dos assuntos e conceitos das aulas, organizados a partir da visão do mundo e das concepções prévias (AUSUBEL, 2003), buscando assim, potencializar a reflexão crítica. No que diz respeito ao ensino crítico e contextualizado de Paulo Freire, Luiza Cortesão ressalta,

As aprendizagens ligadas à vida cotidiana e aos conhecimentos anteriores fazem com que as aprendizagens sejam significativas, e as pessoas aprendem mais rapidamente e mais felizes (EAD FREIRIANA, 2022a).

Também, os fatores como a construção da SEI e a valorização do contexto e visão de mundos dos estudantes podem ser consideradas características relevantes entre as possibilidades na Teoria da Aprendizagem Significativa (TAS) de David Ausubel, ao destacar que a “aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não-litera e não-arbitrária” (MOREIRA, 2011, p. 14). Com relação a sequência de ensino investigativo (SEI), segundo Carvalho (2020), deve ser organizada com base em um cronograma com aulas dialógicas e atividades-

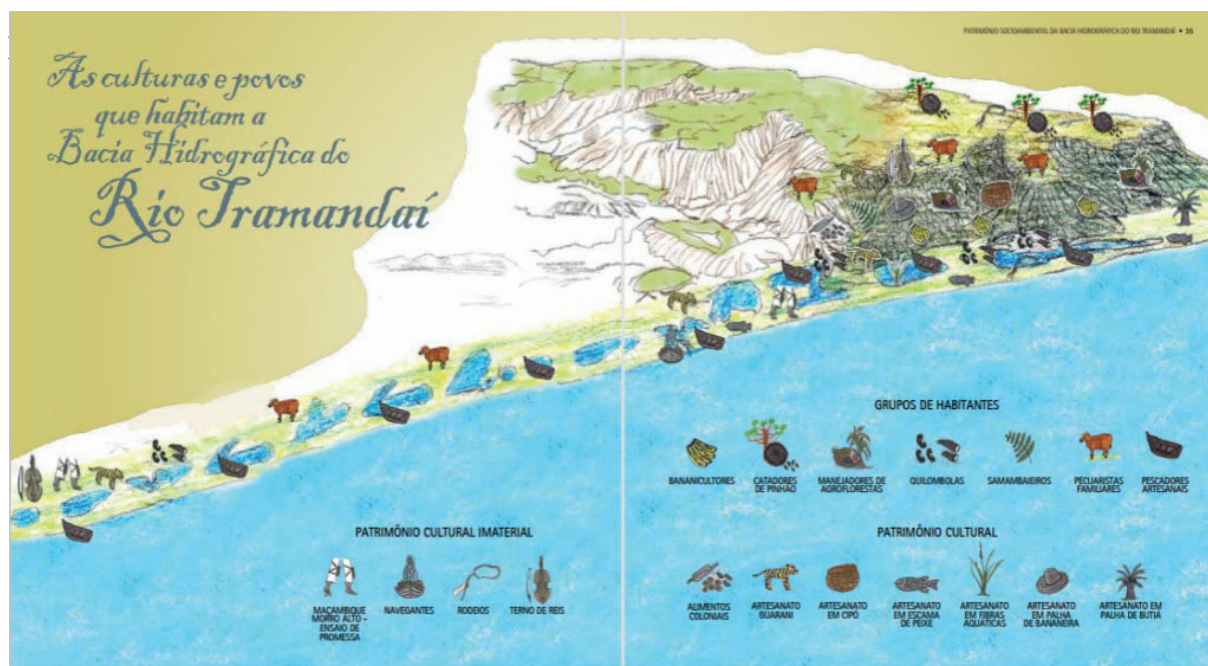
chaves movidas por um problema, sendo de natureza teórica ou prática, que possibilite aos estudantes interação dos conhecimentos prévios no processo com os novos, “passando do conhecimento espontâneo ao científico e adquirindo condições de entenderem conhecimentos já estruturados por gerações anteriores” (CARVALHO, 2020, p. 9). A sequência de ensino investigativo (SEI) com a temática “Água” foi construída de maneira coletiva² pela professora da escola e pela pesquisadora mestranda, autora principal deste texto. No total de três aulas de dois períodos cada, ofertada no formato de ensino remoto via plataforma Google meet, a sequência didática investigativa contou com três roteiros de atividades teórico-práticos. Visto isso, a problematização que orientou as aulas, buscou reconhecer os desafios socioambientais na localidade da escola, que possui em seu território 80% de área de proteção ambiental (APA) com predomínio do Bioma Mata Atlântica. E ainda, na mesma região concentra um complexo de lagoas, pertencentes a Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí, com grande biodiversidade e presença de ocupação histórica das comunidades do campo. Ao considerar essas características do território, foi articulado para essa SEI a seguinte problematização: como garantir a qualidade das águas da Bacia Hidrográfica do Litoral Norte para os moradores da cidade e da região diante do aumento populacional e intensificação de atividades humanas (esgotos domésticos e agrotóxicos) que degradam os recursos naturais? Com relação as aprendizagens vivenciadas, foram ofertadas em diferentes tempos e espaços no decorrer das atividades realizadas pelos estudantes e com acompanhamento e a verificação dessas aprendizagens pela mediação do docente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES - SEI

Na primeira aula foram propostas perguntas para investigar os conhecimentos prévios dos estudantes em relação a temática “Água”, através de perguntas que também buscaram informações sobre contexto socioambiental dos estudantes. Segundo Masini e Moreira (2017), aprendizagem é significativa quando, de uma maneira participativa e dialógica, os conhecimentos prévios, também chamados de “subsunçores”, agem como “ancoradouros”, podendo, assim, oferecer significados a novos conhecimentos. Em seguida, com a mediação da pesquisadora e professora, ocorreram momentos de diálogos sobre as dinâmicas e as relações históricas das populações que habitam a Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí, região onde a escola está instalada e onde moram os estudantes. Foram utilizados mapas e imagens, descritos a seguir:

2 Carvalho e Gil-Perez (1998, p. 18) destacam que devido a exigência de um conjunto de conhecimentos e tamanha complexidade do trabalho docente, o trabalho coletivo se torna essencial em todo o processo de ensino/aprendizagem: da preparação das aulas até a avaliação.

Figura 1– Relação da água com o ser humano: Grupos de habitantes, Patrimônio Cultural Imaterial e Patrimônio Cultural dos povos que habitam a Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí.



Fonte: Benites, et al (2013, p. 22)

No decorrer da aula, os estudantes identificaram as principais atividades que representam as suas rotinas familiares (entre as respostas, destacam-se: pecuaristas familiares, agricultores familiares e samambaieiros-extrativistas) utilizando-se dos mapas demonstrados nas figuras 1 e 2, que ressaltam as características ambientais, econômicas e culturais dos grupos de habitantes que ocuparam historicamente a bacia hidrográfica do Rio Tramandaí.

Figura 2 – Mapa sobre Usos do Solo e da Água - com base nas características do relevo, dos solos e climas, a cobertura vegetal na região da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí.



Fonte: Castro e Mello (2019, p. 77)

Durante essa primeira aula da SEI, ainda foram aplicadas duas atividades com o uso do recurso de um quadro digital colaborativo do Google Jamboard, com o intuito de verificar o conhecimento da turma sobre: A) o complexo de lagoas no município (figura 3). B) os locais de fonte do abastecimento de água pela empresa contratada e da destinação do esgoto do município (figura 4).

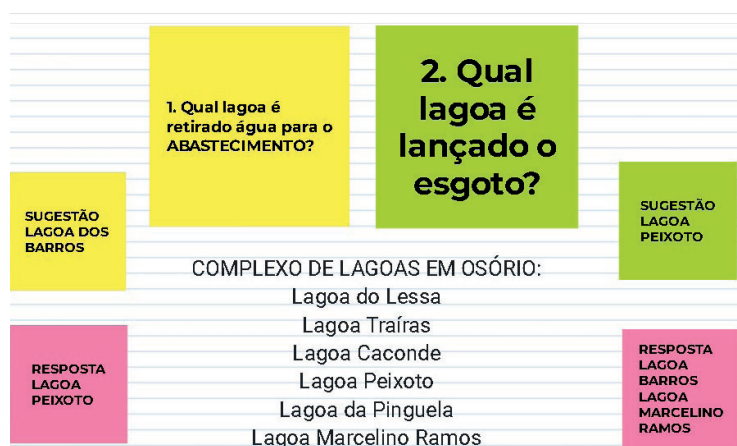
Figura 3 – Complexo de lagoas de no município de Osório, momento de interação com estudantes na verificação das concepções prévias sobre as dinâmicas presentes nos corpos hídricos da região.



Fonte: Imagem adaptada de Castro e Rocha (2016, p. 118)

Na figura 3, os adesivos autocolantes da cor amarelo são as contribuições coletivas da turma sobre as possíveis identificações das principais lagoas e os da cor rosa são as respostas da pesquisa realizada previamente pela professora.

Figura 4 – Material construído para dialogar com as questões sobre abastecimento de água e esgoto do município.



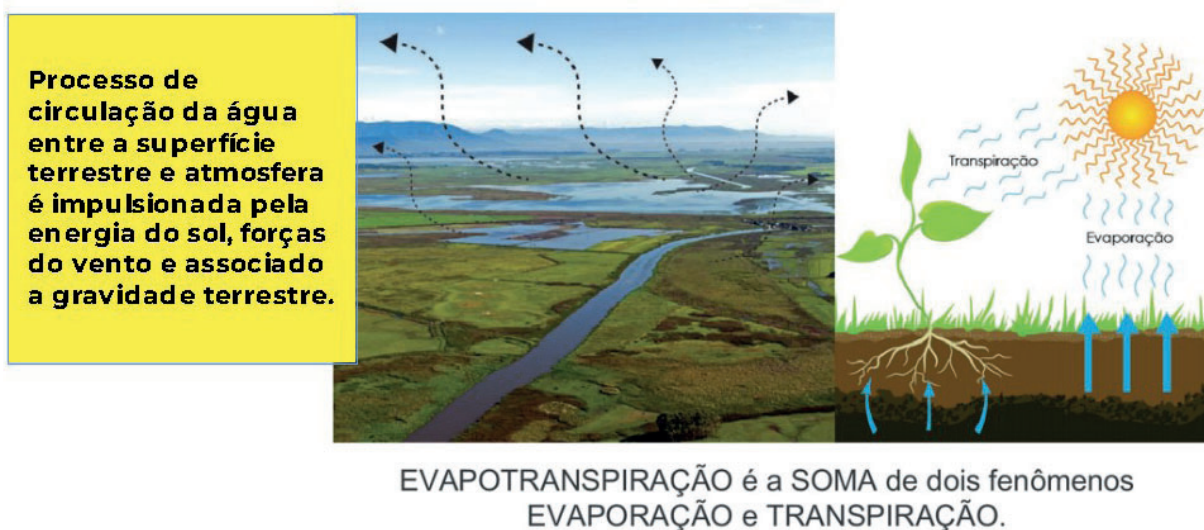
Fonte: Material elaborado pela autora (Via Jamboard)

Já na figura 4, os adesivos autocolantes das cores amarelo e verde são as contribuições coletivas da turma e os de cor rosa são as respostas da pesquisa realizada previamente pela professora sobre fontes de abastecimento de água e destinação do esgoto do município. Em ambos os momentos os estudantes participaram das atividades sem qualquer pesquisa ou consulta prévia. No final, os estudantes perceberam que mesmo sendo moradores do município (grande parte do grupo), existe uma falta de conhecimento sobre as principais dinâmicas que envolvem os recursos hídricos na cidade, neste caso, abastecimento de água e o escoamento do esgoto.

Já na segunda aula, nomeada como “Ciências da água”, foram trabalhados, com uso de imagens e ilustrações no quadro digital colaborativo do Google Jamboard, os conceitos sobre os principais fenômenos naturais relacionados com a água, como: o ciclo das águas, os rios voadores, a Área de Proteção Ambiental Morro de Osório e o processo de evapotranspiração. A figura 5 exemplifica uma dessas imagens e ilustrações.

Figura 5 – Modelo de material construído para expor e dialogar com as questões sobre fenômenos e conceitos da água.

Processo de evapotranspiração (PRÁTICA INVESTIGATIVA)



Fonte: Imagem adaptada de Castro (2019, p. 63)

Além disso, com o objetivo de ofertar uma proposta de investigação e pesquisa científica, os estudantes receberam um roteiro para realização de uma prática investigativa sobre processo de “Evapotranspiração”. A realização dessa prática ocorreu no espaço familiar de cada estudante (conforme orientação descrita em um roteiro), que também incluía a aplicação de um formulário contendo perguntas, como: você acredita que a Área de Proteção Ambiental Morro de Osório é importante para manter a qualidade de vida

dos seres vivos da região? Entre o conjunto de respostas a essa questão, os estudantes destacam a relação dos fenômenos ocasionados pelo complexo de lagoas e Mata Atlântica no processo de evapotranspiração na região da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí e da relevância de ter políticas públicas de preservação e monitoramento ambiental, como destacamos a seguir:

A APA de Osório age conforme a (EVAPORAÇÃO+TRANSPIRAÇÃO) ou seja a Evapotranspiração, sendo assim ela é de extrema importância para o ciclo da água onde moramos, pois a maior parte da quantidade de água das chuvas, retorna à atmosfera por evaporação e pela transpiração dessas plantas. Além disso as plantas no geral ainda nos proporcionam um ambiente melhor, e percebemos até mesmo ao respirar em lugares onde há plantas, por exemplo. (Estudante A)

A APA de Osório serve para proteger, monitorar e melhorar as características biológicas da cidade. Eu acredito ser importante pois precisamos de alguma coisa que proteja o meio ambiente, porque estamos a cada dia poluindo e matando o que nos protege e nos sustenta. (Estudante B)

A APA de Osório é um conjunto de plantas de vegetações variadas que se localiza em volta do Morro da Borússia, e assim com a sua extensão de árvores, acaba contribuindo para o círculo hidrológico da região. Com isso a mesma ajuda a manter a zona climática de Osório estável, ou seja, controlada. E isso acontece porque as árvores conseguem transportar a água do solo para a atmosférica através da evapotranspiração, tendo umidade no ar, assim o clima não fica muito quente preservando o conforto e qualidade de vida da civilização da área. Por isso posso afirmar que acredito que a APA de Osório tem um papel preponderante para o controle climático da localização, pois se não houvesse a extensão de árvores, provavelmente o clima seria mais árido. (Estudante C)

Os estudantes enviaram pelo Google Formulário suas reflexões sobre essa investigação com imagens ou desenhos dessa vivência, como mostra abaixo na figura 6.

Figura 6 - Exemplo da prática investigativa ofertada para os estudantes sobre o fenômeno do processo de Evapotranspiração.

Processo de evapotranspiração (PRÁTICA INVESTIGATIVA)



Fonte: Material elaborado pela autora.

A terceira aula contou com o vídeo do relato da cientista Márcia Barbosa sobre o trabalho que desenvolve envolvendo a água e suas anomalias³, possibilitando debates sobre questões envolvendo, além da temática “Água”, o trabalho científico de mulheres nas Universidades no Brasil. Ainda como verificação de aprendizagem, foi proposto para cada estudante a construção de um instrumento em formato de História em Quadrinhos (HQ), com o objetivo de informar e conscientizar o leitor sobre medidas de conservação e/ou uso de menos impactos no complexo de lagoas da BHRT ou da APA. A figura 7 apresenta os resultados obtidos com os estudantes.

Figura 7 – Conjunto de produções dos estudantes sobre um dos instrumentos de verificação de aprendizagens.



Fonte: Material organizado pela autora.

Os estudantes tiveram autonomia para escolher os conceitos ou assuntos abordados nessa SEI, sendo considerado como critério de seleção o momento mais significativo das aulas dessa temática. Com a participação nas atividades de mais de 80% da turma e sendo possível oferecer as atividades também no ensino presencial, a professora que participou das aulas considerou ofertar essa SEI para outras turmas da escola. Assim como na fase do planejamento, os resultados da SEI foram apresentados nos encontros do GEPEC UFRGS litoral. Como aspecto essencial para formação permanente do docente, os diálogos também contribuíram para o processo de reflexão crítica da prática docente (FREIRE, 2021b). Do mesmo modo, considera-se importante vivenciar na pós-graduação o aprofundamento das questões referentes ao processo de ensino-aprendizagem, por meio de saberes compartilhados em espaços como no **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire**. Além disso, a participação do GEPEC - CNPq UFRGS litoral foi relevante nesse estudo, pois proporcionou tempos e espaços durante seminários e encontros do grupo, a fim de promover no decorrer do processo de construção das atividades e a prática na escola uma aproximação da temática significativa (FREIRE, 2021a) em um contexto dialógico e reflexivo entre docente/escola/universidade, estudantes e pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou investigar de que maneira a temática “Água” pode se tornar problematizadora e contextualizada para o ensino de ciências em uma escola do campo, na perspectiva da aprendizagem significativa crítica, e qual a importância desta contextualização e problematização na aprendizagem dos alunos.

No decorrer das atividades teórico-práticas planejadas para a SEI, foram coletadas um grande número de produções pelos estudantes, tendo como início a investigação dos conhecimentos prévios, com o registro de imagens, e a busca de dados sobre espaços de interação com a água. Em seguida, buscou-se construir aprendizagens, dentro de um processo dialógico, nos momentos investigativos movido pela problematização sobre a temática “Água”.

Entre os diferentes enredos das HQs, os estudantes destacaram alguns conceitos e fenômenos sobre a água, relacionados com as falas de familiares entrevistados sobre as formas de cultivo em espaços da família, como hortas/plantação. Como exemplo, um estudante descreveu o processo de evapotranspiração com as maneiras de usos da água no seu cotidiano, comparando como era feito no tempo de seus pais. Desse modo, a Aprendizagem Significativa ocorreu quando os conhecimentos prévios, organizados no início da SEI, foram articulados com os registros de vivências histórico-cultural dos estudantes e familiares, mas também com os conceitos de ciências dialogados nas aulas, permitindo, assim, novos conhecimentos com base em significados contidos na SEI.

Em outro exemplo, uma estudante elaborou a sua HQ com base no depoimento da cientista Márcia Barbosa, relacionando os conceitos e fenômenos estudados sobre a água e destacando a importância da pesquisa sobre essa temática para atender as problematizações da região descritas na situação problema da SEI. Segundo Paulo Roberto Padilha, “É importante a ciência associada à dignidade humana e à formação em direitos humanos. É importante valorizar a técnica, mas relacionada à vida” (EAD FREIRIANA, 2022b). As reflexões que surgiram dessa vivência de ensino-aprendizagem indicam possíveis caminhos para uma aprendizagem significativa, nesse caso, atrelando ao processo de ensino-aprendizagem, a SEI, com o reconhecimento do contexto cultural, social e ambiental da escola e dos estudantes. Ainda, ao dialogar com os estudantes sobre os territórios no litoral do RS, possibilitou resgatar algumas de suas vivências emergindo relações e aproximações dos saberes das comunidades do campo com os conceitos de ciências apresentado dessa temática.

Assim, os momentos de diálogos foram pensados para um projeto educativo que “reconhece o campo como lugar onde não apenas se reproduz, mas também se produz pedagogia” (CALDART, 2011, p. 154).

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva.** Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BENITES, André et al. **Patrimônio socioambiental da bacia hidrográfica do Rio Tramandaí.** Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção.** In ARROYO, M.G, CALDART, R.S., MOLINA, M.C (Orgs.) **Por uma Educação do Campo.** 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa. (org.) **Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula.** São Paulo: Cengage Learning, 2020.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa; GIL-PÉREZ, Daniel. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações.** São Paulo: Cortez, 1998.

CASTRO, Dilton de (org). **Ciclo das águas na bacia hidrográfica do Rio Tramandaí.** Porto Alegre: Via Sapiens, 2019.

CASTRO, Dilton de; ROCHA, Cacinele Mariana da. **Qualidade das águas na bacia hidrográfica do rio Tramandaí**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2016.

CASTRO, Dilton de; MELLO, Ricardo Silva Pereira (org). **Atlas Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí**. 2a. edição revista e atualizada – Porto Alegre: Ed. Via Sapiens, 2019.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2022**. Videoaula 2 – Contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas. Ministrada por Luiza Cortesão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2022**. Videoaula 4 – O Círculo de Cultura como referência de metodologia ativa: por uma Pedagogia Intertranscultural. Ministrada por Paulo Roberto Padilha. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

EAD FREIRIANA. **Curso ‘Paulo Freire em tempos de fake news’ – Edição 2022**. Videoaula 5 – Bases e conexões do pensamento freiriano. Ministrada por Afonso Celso Scocuglia. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

MASINI, Elsie F. Salzano; MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa na escola**. 1. ed. Curitiba. CRV, 2017.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares**. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

MEDEIROS, Evandro; HAGE; Salomão. Em tempos de pandemia e autoritarismo político. In MARINHO, Luciéllo; AMORIM, Maria Roseane (Org.). **Pesquisas e práticas educativas: desafios e possibilidades no século XXI**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

NÓVOA, Antônio; ALVIM, Yara. Nothing is new, but everything has changed: A viewpoint on the future school. **Prospects**. volume 49, p. 35–41, 2020. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11125-020-09487-w>>. Acesso: 29 set. 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

MILENE MATOS SCHOLLERT

é mestranda em Educação em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências - PPGE Ci (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), licenciada em Educação do campo: Ciências da natureza (UFRGS- Litoral). Contato: milenemschollert@gmail.com.

Combate às *fake news*

Iniciativas do curso promovido pela EaD freiriana – 2022

JUSTINA, Reginaldo Dalla

RESUMO

Este artigo pretende mostrar como iniciativas de educação à distância podem esclarecer e afastar as *fake news* que são disseminadas sobre a obra e a pessoa de Paulo Freire. Para tanto, assistimos com atenção às 16 videoaulas dos renomados professores do curso “Paulo Freire, em tempos de *fake news*”. Na qualidade de pesquisador participante, fizemos várias reflexões em cada videoaula contribuindo nas discussões dos fóruns, como também, através de pesquisa bibliográfica nas várias fontes e repositórios digitais, selecionamos textos e pesquisas relevantes sobre telefonia móvel, *fake news*, além do legado que Paulo Freire no deixou. Por fim, concluímos que a educação à distância, nos moldes propostos pela EAD Freiriana, aliado a ação prática de cada cidadão nas redes sociais pode mudar a visão da sociedade, fazendo prevalecer a verdade sobre a pessoa e a obra de Paulo Freire. **Palavras-chave:** EAD Freiriana. *Fake news*. Paulo Freire.

COMBATING FAKE NEWS

through the EAD Freiriana course – 2022

ABSTRACT

This article aims to show how distance education initiatives can clarify and remove the fake news that is disseminated about the work and person of Paulo Freire. To this end, we carefully watched the 16 video classes by renowned professors of the course “Paulo Freire, in times of fake news”. As a participating researcher, we made several reflections in each video class, contributing to the discussions in the forums, as well as, through bibliographical research in the various digital sources and repositories, we selected relevant texts and research on mobile telephony, fake news, in addition to the legacy that Paulo Freire did leave. Finally, we conclude that distance education, along the lines proposed by EAD Freiriana, combined with the practical action of each citizen on social networks, can

change society's view, making the truth about the person and work of Paulo Freire prevail.
Keywords: EAD Freiriana. Fake news. Paulo Freire.

O INÍCIO DA VIRTUALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

Vivemos em um mundo cada vez mais globalizado e conectado, onde cada pessoa que possui acesso à internet passa a ocupar uma nova dimensão, deixando de ser um indivíduo e tornando-se um usuário, com sua identidade “virtual” podendo ou não corresponder com a sua identidade no mundo real. Nesse ambiente virtual, as opiniões, as falas e os dados do usuário têm uma visibilidade muito maior que no mundo real, um fenômeno muito recente na nossa história.

Não faz muito tempo que as pessoas dispunham apenas dos rádios, jornais, revistas e programas de TV para se manterem informadas sobre os fatos que ocorriam no país e no mundo. Era uma prática comum das famílias colocarem cadeiras na calçada ou reunirem-se em bares, clubes e praças para interagirem com os seus vizinhos e amigos mais próximos, comentando os fatos ocorridos no dia a dia. Para se comunicarem com parentes e amigos mais distantes, utilizavam cartas escritas a mão e, posteriormente, ligações telefônicas. No início, a linha telefônica era mais um bem de consumo que poucas famílias possuíam, as mais abastadas na comunidade. Em muitos casos o número do telefone era compartilhado e tomado como ponto de contato por toda a vizinhança que não possuía telefone, sendo utilizado apenas em casos de emergência. Hoje, o telefone fixo ainda tem pouca intervenção nos lares brasileiros, conforme demonstra a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad): em 2019 apenas 23,1% dos domicílios tinham telefone fixo convencional, número que caiu para 15,6% em 2021, com o aumento do uso dos aparelhos móveis (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2022).

A expansão do acesso às linhas telefônicas no Brasil coincidiu com a introdução da telefonia móvel no país, cuja tecnologia contribuiu para o seu avanço e o desinteresse da população em relação às linhas físicas. No início da década de 90, os primeiros aparelhos celulares possuíam apenas a função de “fazer/receber” chamadas e trocar mensagens de texto (SMS). No ano de 2002 foi incorporada a câmera digital, em 2006 já era possível ouvir músicas, como também acessar mapas de localização, e em 2007 foram lançados os primeiros aparelhos de telefonia móvel com sistemas inteligentes, os Smartphones e Iphones (com vários recursos integrados e acessados por toque como o fazemos até hoje). No entanto, apenas em 2014, com o aumento da oferta desses aparelhos e a diversificação dos planos de acesso aos serviços de telefonia, os seus preços ficaram mais competitivos, possibilitando o consumo por um número maior de usuários. Com isso o celular começou a se tornar o principal instrumento para acessar a Internet, facilitando a interação das pessoas a partir das redes sociais online (DUTRA, 2016). Segundo

a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), em 2021 havia telefone celular em 96,3% dos domicílios do Brasil, sendo que 98,8% dos domicílios pesquisados utilizavam o telefone celular como o principal meio de acesso à internet, seguido pela televisão (45,1%), pelo microcomputador (41,9%) e pelo tablet (9,3%). Também segundo a Pnad, em 2021, 94,9% das pessoas acessaram a Internet para enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2022).

Hoje, todos que possuem um smartphone podem ter acesso às redes sociais, pois praticamente todos os planos de celular oferecidos pelas operadoras dão acesso ilimitado ao aplicativo WhatsApp. Utilizado por mais de dois bilhões de pessoas em mais de 180 países, o aplicativo possibilita o contato do usuário com amigos e familiares a qualquer hora ou lugar, permitindo o envio e o recebimento de diversos arquivos de mídia: textos, fotos, vídeos, documentos e localização, além de chamadas de voz e vídeo. Com o aplicativo ainda é possível criar grupos com diversos participantes (familiares, vizinhos, colegas de trabalho, colegas de classe etc.) e participar com facilidade de discussões e debates virtuais.

Assim como a telefonia móvel trouxe um avanço para o mundo, os aplicativos e redes sociais também são instrumentos e podem ser usados para o bem ou para o mal, dependendo, apenas, do uso que fazemos deles.

COMENTÁRIOS OU FATOS

Neste mundo conectado, tanto o jornal impresso quanto os programas de rádio e de televisão perdem seus papéis de principais meios de comunicação de massas. As notícias veiculadas por esses meios de comunicação, por *podcasts*¹ e vídeos postados na internet se confundem com os comentários e recortes feitos nos grupos e comunidades virtuais.

Há de se fazer uma distinção entre fatos e opiniões nos comentários postados nos grupos e comunidades virtuais. Fatos podem ser comprovados em fontes confiáveis, já os comentários expressam críticas e opiniões de quem as emite (também são informações relevantes, mas podem não refletir a realidade). Mais ainda, enquanto as opiniões são livres, expressando pontos de vista e julgamentos pessoais de um fato, as críticas apresentam caráter analítico, salientando qualidades e defeitos de algo ou alguém, podendo ser construtivas ou destrutivas. Portanto, quando legítimas e fundamentadas, as críticas só fazem crescer o nosso discernimento e reflexão sobre os fatos que nos cercam.

1 Podcasts são programas de áudio sob demanda, e o ouvinte pode escutá-los na hora que quiser, ao contrário dos programas de rádio tradicionais. Esse tipo de formato de áudio está cada vez mais popular no Brasil. Segundo dados divulgados pelo Spotify em novembro, o consumo desse modelo de conteúdo no país cresce 21% ao mês desde janeiro de 2018.

No Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire encontramos diversos comentários sobre como Paulo Freire dialogava com seus críticos e com as suas obras, chegando a escrever o livro “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, que segundo o Prof. Dr. Jason Mafra, foi a forma encontrada por Freire para “fazer uma análise das críticas que haviam sido feitas e se faziam até então à sua obra mais importante que é a Pedagogia do Oprimido” (EAD FREIRIANA, 2022a).

Somos bombardeados por fatos a cada segundo, emitimos ou não nossa opinião e fazemos nossas críticas, o que não podemos aceitar jamais é as notícias falsas que se “maquiam” de verdades e são manipuladas propositalmente para nos confundir.

FAKE NEWS

Segundo a Professora Jaciara, “há centenas de pessoas trabalhando para nos viciar na lógica dos usos de botões “curtir, publicar, atualizar”: faz parte do negócio” (EAD FREIRIANA, 2022b). Nesse sentido, quanto mais curtidas uma publicação possui mais visível ela é e mais pessoas estão sujeitas a compartilhar essa publicação até se tornar um fenômeno que pode ou não ser mundial, nesse caso dizemos que essa publicação “viralizou”.

Infelizmente nem tudo o que “viraliza” na internet é notícia verídica e confirmada, muitas vezes trata-se de *fake news* publicadas em blogs difamatórios de toda ordem e reproduzidos em redes sociais por intermédio de comentários bombásticos. Segundo Ferraz e Saint Clair, esses comentários movimentam a chamada economia do clique: “dado o poder de viralização de discursos de ódio e difamatórios, em geral, empresas tendem a veicular anúncios em sites deste tipo, na esteira de sua visibilidade” (2019, p. 142).

Inúmeras pesquisas, estudos e projetos vêm sendo desenvolvidos nas universidades ao redor do mundo sobre o tema *fake news* e como combatê-las. A professora Jaciara, em sua análise freirianista desses estudos, nos alerta que para termos certeza de que não se trata de uma notícia falsa, maliciosa ou contraditória, devemos sempre nos perguntar e refletir sobre: Por quê? Contra quem? A favor de quê? Contra o quê? Estas são questões que devem balizar toda nossa percepção de mundo, do real ao virtual. Devemos nos esforçar para desenvolver essa curiosidade epistemológica, com a prática da pergunta, a prática da escuta e a abertura para o outro, seguindo o exemplo do grande educador e educando que foi Paulo Freire (EAD FREIRIANA, 2022b).

Por mais que tentemos nos “vacinar” contra as *fake news*, estamos sendo bombardeados a todo momento por uma enxurrada de informações que nos contamina não só no nível consciente, como também inconscientemente. Segundo Ferraz e Saint Clair, “nem sempre nos damos conta da imitação e, mesmo quando o fazemos, é porque já houve imitação antes mesmo que tal contágio atinja o plano da consciência” (2019,

p. 139). As autoras vão mais longe ao diferenciar uma opinião política adotada por via racional reflexiva e por contágio de “infinitesimais miríades de crenças e desejos... Isso porque o que se propaga são crenças, desejos e não discursos, apenas” (*idem*, p. 140).

Ficar atentos às notícias bombásticas, desenvolver a curiosidade epistemológica e não se deixar levar pelos desejos são uma forma de nos preservar e não disseminar *fake news*.

PAULO FREIRE E AS *FAKE NEWS*

Desnecessário seria a EAD Freiriana reeditar o Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’, que ocorreu no ano de 2019, caso o grande educador Paulo Freire não sofresse constantes ataques à sua pessoa e à sua obra. Não são recentes esses ataques, mas agora, com o advento das redes sociais, uma mensagem pode ser postada e visualizada por milhares, quiçá milhões, de pessoas em poucos segundos, tornando cada vez mais necessário combater as notícias falsas e falsificadas por aqueles que atacam a obra e a pessoa de Paulo Freire.

Jamais podemos esquecer que entre os anos de 1964 e 1980 Paulo Freire recebeu muitos ataques a sua obra, foi preso, exilado e era abominado pelo governo militar. Nos anos de 1970 até 2012, parte do tempo no exílio e parte vivido no Brasil, sua obra foi consolidada e Paulo Freire se tornou, em 2012, o Patrono da Educação Brasileira. Apesar disso o seu título foi colocado em xeque no ano de 2017, quando o Senado recebeu e rejeitou uma sugestão legislativa que pretendia retirá-lo sob falsas alegações, dentre as quais a de que os resultados de seu método é um fracasso. A partir de 2012, até hoje, trava-se um debate entre o legado de Paulo Freire e as forças reacionárias do neoconservadorismo no Brasil (EAD FREIRIANA, 2022b).

Iniciativas como a do Instituto Paulo Freire, mediadas pela EaD Freiriana, devem ser multiplicadas e a obra de Paulo Freire ser enaltecida aqui no Brasil, haja vista que no mundo ele já tem o devido valor, como podemos ver nos comentários da professora europeia Luiza Cortezão na Videoaula 2, que falou das contribuições de Paulo Freire às ideias pedagógicas; do professor africano Florenço Mendes Varela, que na videoaula 6 tratou sobre as contribuições de Paulo Freire às ideias globais; do professor latinoamericano Oscar Jara Holliday, que na videoaula 9.2 discutiu o tema “Paulo Freire: um método ou uma filosofia”; ou, ainda, as discussões promovidas pelos integrantes do Centro Paulo Freire, de Pádua (Itália), que falaram sobre o pensamento vivo e generativo de Paulo Freire, na videoaula 12.

Entre outras inúmeras falas de professoras e professores brasileiros que conheceram e conviveram com o grande educador Paulo Freire, o curso nos brindou com conhecimentos e diálogos travados entre teoria e prática, entre o ser e o vir a ser de um homem que se considerava um menino conectivo. Segundo Mafra: “a Comunidade Freiriana não se

resume a certos grupos e pessoas em permanente diálogo ou que se juntam na realização de projetos pontuais, mas a um espírito de sujeito coletivo que emerge da união entre o ideário e os saberes produzidos pela teoria freiriana” (2017, p. 247).

Se depender da comunidade Freiriana mundial, as vozes que tentam calar, que tentam desacreditar e desmoralizar Paulo Freire jamais vão ressoar. O trabalho de manter vivo o legado de Paulo Freire é cotidiano, como também devem ser a reflexão e a reinvenção de sua obra e ideias. A comunidade Freiriana só cresce no mundo e as redes colaborativas entre os Institutos, Centros e Cátedras Paulo Freire são um exemplo que devem se multiplicar. Paulo Freire vive hoje, mais do que nunca. As críticas e as *fake news* são só mais um argumento para nos mantermos unidos e atuantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1999, a Escola de Samba Leandro de Itaquera (SP) apresentou o Samba-Enredo: “Educação um salto para a liberdade por Paulo Freire”. Para alguns acadêmicos, o desfile de carnaval é alienante. Para a academia do samba, o desfile de carnaval é a concretização de um ano inteiro de trabalho. Assim também é o legado de Paulo Freire: para alguns acadêmicos a sua concepção e os seus métodos carecem de cientificidade, para a maioria ele foi um grande educador e pensador da nossa época, reconhecido no Brasil e no mundo.

De uma forma ou de outra, o que não podemos aceitar é que falsas notícias sejam propagadas a respeito da obra e da pessoa de Paulo Freire. Críticas fundamentadas são muito bem aceitas, debatemos com seus críticos as ideias, concepções e métodos. Avançamos (ou não) em conceitos, mas não devemos tolerar que falsas notícias sejam difundidas e veiculadas.

Paulo Freire acreditava em outro mundo possível, indefinido, diferente, pior, ou melhor, “porque a história não é um dado, mas uma possibilidade, o outro mundo que desejamos e de que precisamos só se construirá sob determinadas condições que criarmos” (MAFRA, 2017, p. 248).

Estamos criando esse mundo possível com as nossas ações e práticas. Uma delas é luta constante contra as *fake news*, pois, assim como fala o Prof. Carlos Brandão: “quem se lembra dos professores, dos ministros, dos coronéis, dos apoiadores da ditadura?! Eles passaram e os que estão aí também passarão. Deixam sua (má) gestão, seus erros, suas falácias e ilusões, mas aqueles que lutam sempre por uma educação libertadora vão permanecer vivos para sempre” (EAD FREIRIANA, 2022c).

Como em uma escola de samba que assume o seu samba enredo e trabalha arduamente até colocá-lo na avenida, assumimos o legado de Paulo Freire e o combate às *fake news* como o nosso enredo. Estamos constantemente nos preparando com estudos, análises, reflexões sobre a vida e a obra do nosso Patrono da Educação. É hora de sair para

as avenidas virtuais combatendo as *fake news*. Vamos desfilar trazendo como comissão de frente o legado que Paulo Freire nos deixou e, a cada ala, (re)contar a sua história, seus feitos, títulos e suas grandes contribuições para a educação no Brasil e no mundo.

Paulo Freire não está morto, continua cada vez mais vivo nas suas obras, ideias e ações a nos inspirar num processo de ação e reflexão, de criação e recriação constante, de ser e vir a ser. Com as iniciativas como da EAD Freiriana, vamos continuar combatendo o bom combate nas avenidas virtuais da internet, porque essa batalha não tem fim. Cada *fake news* que são divulgadas sobre o legado de Paulo Freire é mais um alimento para continuarmos cada vez mais unidos e unidos somos mais fortes.

REFERÊNCIAS

DUTRA, Flora. A história do telefone celular como distinção social no Brasil. Da elite empresarial ao consumo da classe popular. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 05, n. 02, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4798/3087>. Acesso em: 9 set. 2022.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 9.1: Paulo Freire no contexto do “Império contra-ataca”. Ministrada por Jason Ferreira Mafra. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022. Videoaula 14: Introdução ao fenômeno *fake news* e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 16: Paulo Freire em contextos de ditaduras. Ministrada por Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

FERRAZ, Maria Cristina Franco; SAINT CLAIR, Ericson. Por uma genealogia do ódio online: contágio, viralização e ressentimento. **Matrizes**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-147, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/147316>. Acesso em: 21 set. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

MAFRA, Jason Ferreira. **Paulo Freire, um menino conectivo**: conhecimento, valores e práxis do educador — São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2017. (Estudos freirianos; 7).

REGINALDO DALLA JUSTINA

Mestre em Educação - Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) licenciado em Matemática pela Faculdade de Filosofia e Letras da Fundação Santo André. Foi professor de Matemática do Estado e da Prefeitura de São Paulo, onde também atuou como Coordenador Pedagógico, Diretor de Escola e Assessor Técnico. Contato: reginaldoescola@gmail.com

Contribuições do ensino de história no combate às *fake news*

TEIJEIRO, Tarsila Tonsig Garcia

RESUMO

O presente artigo abarca reflexões sobre o fenômeno das *fake news* no contexto brasileiro e como elas têm impactado a esfera educacional a partir de temas apresentados nas aulas do curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire e de observações feitas cotidianamente no ambiente escolar. A partir disso, o artigo busca contribuir na elaboração de propostas pedagógicas que auxiliem no combate as *fake news* através do desenvolvimento de atividades do componente curricular de História que envolvam o método de estudo e pesquisa em História e o trabalho com fontes históricas em sala de aula. As reflexões e propostas apresentadas se pautam na concepção de pedagogia presente nas obras de Paulo Freire e tem-se por objetivo, com elas, o entendimento do processo pelo qual o conhecimento em História é construído aliado ao desenvolvimento de um pensamento crítico e questionador com os estudantes. **Palavras-chave:** Ensino de história; *Fake news*; Paulo Freire.

CONTRIBUTIONS OF HISTORY TEACHING IN COMBATING FAKE NEWS

ABSTRACT

This article covers reflections on the phenomenon of fake news in the Brazilian context and how they have impacted the educational area based on themes presented in the classes of the course ‘Paulo Freire in times of fake news’ - Edition 2022, by EaD Freiriana of Instituto Paulo Freire and observations made daily in the school environment. From this,

the article aims to contribute to the elaboration of pedagogical proposals that help in the fight against fake news through the development of activities of the curricular component of History that involve the method of study and research in History and the work with historical sources in the classroom. The reflections and proposals presented are based on the conception of pedagogy present in the works of Paulo Freire and the objective with them is to understand the process by which knowledge in History is constructed, allied to the development of critical and questioning thinking with the students.

Keywords: Fake news; History teaching; Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

O tema de *fake news* passou a ser alvo de atenção no Brasil, principalmente, a partir das eleições presidenciais de 2018, quando falsas informações eram criadas e compartilhadas, em especial, nas mídias sociais no intuito de influenciar o resultado das disputas eleitorais. Nesse contexto, quaisquer pessoas que trouxessem um discurso pautado em direitos humanos, no combate às desigualdades, nos ideais de justiça social, na defesa do pensamento crítico e de progressismo se tornaram alvo dessas notícias, entre as personalidades que sofreram graves ataques está, justamente, Paulo Freire e sua obra.

Como explicou Jaciara de Sá Carvalho no Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ - Edição 2022, da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire, apesar de terem o nome de *fake news*, ou notícias falsas em português, elas não são precisamente notícias, mas sim um conteúdo que foi elaborado com a finalidade de ludibriar quem as recebem (EAD FREIRIANA, 2022b). Desse modo, a autora destaca que esse tipo de material não se configura em meros erros ou equívocos que passaram despercebidos por quem as produziu, pois houve uma motivação desde o início de confundir e enganar. Mais ainda, chama a atenção para o fato de que as chamadas *fake news* não são um fenômeno que surgiu recentemente, mas que hoje elas se dispersam com mais facilidade e agilidade devido às novas tecnologias. Assim, essas notícias são compartilhadas em segundos através de aplicativos sem nenhum tipo de verificação das informações que as transmitem. (idem, 2022b).

Para além de pessoas, as *fake news* também têm como alvos ideias, conceitos e, frequentemente, a Ciência, na sua forma mais ampla. Assim, teorias da conspiração voltaram a ganhar espaço e se difundiram com facilidade em redes sociais, bem como distorções de fatos e manipulações de dados se espalharam e acabaram por confundir e enganar a população sobre os mais variados assuntos. Pode-se destacar, nesse âmbito, o retorno de ideias falaciosas absurdas como a defesa de que o planeta Terra é plano, o negacionismo do aquecimento global, ou a ideia de que não houve um golpe militar no Brasil em 1964. São ideias totalmente descoladas da realidade, mas que cativam e convencem milhares de pessoas com certa facilidade pelo teor apelativo e manipulador.

Ressalta-se, ainda, que esse problema da propagação das *fake news* se agravou no contexto da pandemia da Covid-19. Desde que a pandemia teve início foram inúmeras as falsas informações acerca do vírus e da sua origem que foram extensivamente compartilhadas, se desconfiou até mesmo da existência da própria pandemia e da eficácia de vacinas, levando uma parcela da população a se entregar a um negacionismo que vitimou milhares de vidas.

No que se refere ao contexto político do país, observa-se que, além do impacto do negacionismo científico, há também uma forte postura de confronto e de ataque para com profissionais da educação que ganhou força nos últimos anos. Desse modo, professores e professoras são vistos com desconfiança e sofrem acusações infundadas de que fariam uma suposta doutrinação em sala de aula, pois estariam inclinados a manipular os estudantes. Percebe-se, então, que há uma tentativa de desacreditizar os professores e o trabalho desenvolvido na escola.

Nesse âmbito, Paulo Freire acabou se tornando foco constante de *fake news* das mais variadas, mas a acusação mais difundida é a de que ele era um doutrinador, que sua pedagogia buscava controlar e manipular os estudantes, o que se demonstra ser algo extremamente contraditório com a proposta de educação libertadora que Freire defendia. Como apontou o professor José Eustáquio Romão (EAD FREIRIANA, 2022c), tem-se, ainda, a afirmação de que Paulo Freire seria o responsável pelos problemas da educação no Brasil, argumento esse que se mostra totalmente sem sentido, uma vez que a educação proposta por Paulo Freire não se inseriu, de fato, nas universidades brasileiras e nem nas escolas de ensino básico. Desse modo, pouco se sabe sobre Paulo Freire, pois as suas obras ainda não são lidas com o devido cuidado, até mesmo entre profissionais que trabalham na área da educação.

Tendo em vista esse contexto, nota-se que é relevante que as escolas tenham um olhar para o problema das *fake news* e que pensem em formas de levar o tema para a sala de aula. Como demonstrava Paulo Freire, a educação deve estar relacionada com a realidade dos educandos. É a leitura do mundo que possibilita a emergência de novos modos de pensar e agir (EAD FREIRIANA, 2022a). Então, a partir do momento em que as *fake news* atuam em diferentes esferas da vida em sociedade e que têm um impacto negativo no entendimento que se faz do mundo, é preciso desenvolver habilidades para identificá-las e desconstruí-las.

AS *FAKE NEWS* NA SALA DE AULA

Como visto, as escolas e seus profissionais têm sido alvo de *fake news*, em especial no que se refere às acusações de doutrinação que acabam por tirar a credibilidade do que é dito no ambiente escolar. Além disso, essas *fake news* também chegam no cotidiano da

sala de aula por meio de falsas informações a respeito de questões ambientais, políticas e sobre pautas sociais como racismo e desigualdade de gênero. Comumente, os estudantes levam para as discussões em sala informações que retiraram de redes sociais, do YouTube ou de grupos no WhatsApp, a maioria acessadas através dos seus *smartphones*.

Normalmente, são informações de negacionismo científico, de tentativa de desacreditizar pessoas que são referências no pensamento crítico, e que tentam mascarar os problemas políticos, econômicos e sociais do país e suas causas. Dessa forma, os professores têm o árduo trabalho de desconstruir essas informações falaciosas, mas que soam muito atraentes e convincentes, sendo então, uma tarefa que leva tempo e preparo. Tendo isso em vista, é necessário que se pense em como abordar essas questões com os educandos para que eles tenham condições de refletir e analisar as informações por si próprios. Nesse sentido, o componente curricular de História mostra ser um elemento importante nesse processo, pois pode auxiliar no desenvolvimento de um pensamento crítico e questionador.

Dessa forma, no que se refere ao componente de História, é preciso que se discuta com os alunos o método de pesquisa em História com o objetivo de que eles compreendam como é o processo de estudo que culmina no livro didático que eles utilizam nas aulas. Como explicam Nayara Silva de Carie, Ana Paula Giavara, Glauco Costa de Souza e Heli Sabino de Oliveira:

Assim, compreender como a crítica histórica é produzida torna-se uma estratégia eficiente de instrumentalização dos estudantes para lidarem com o emaranhado de informações históricas que circulam na web. Para tanto, cabem aos sujeitos que se encontram em um processo de aprendizagem em História: identificar o que é uma fonte e seu papel na construção da informação, avaliar a qualidade das inferências que incidiram sobre as fontes e analisar a presença ou não de evidências e se elas corroboram com o sentido empregado pela informação. Ademais, ensinar os estudantes a lerem as fontes integra o que se considera pensar historicamente (2021, p. 4).

Nesse sentido, é preciso evidenciar que o conhecimento histórico não é algo revelado, mas que é fruto de um trabalho de estudo, análise e debate feito por diversos profissionais, destacando, ainda, que esse conhecimento está sujeito a mudanças devido a novas interpretações, novos fatos, novas abordagens, desconstruindo, então, a ideia de uma verdade única universal que não pode ser questionada.

Assim, é importante trabalhar com os alunos esse conceito de verdade no âmbito das aulas de História, trazendo a discussão sobre o que é a “verdade” na perspectiva histórica, contextualizando-a. Então, é preciso desenvolver o entendimento de que o fato

de o método de estudo em História não pressupor uma verdade inquestionável, isso também não significa que qualquer argumento é válido, que não há a necessidade de se pautar em evidências que sustentem determinada visão, que não existem critérios para se pesquisar e que não é preciso o debate com os demais pesquisadores da área.

Dessa maneira, é necessário levar para a sala de aula o processo através do qual o conhecimento é elaborado. É preciso que o entendimento do que é História, do que são as fontes históricas e de como ocorre o trabalho do historiador façam parte dos conteúdos trabalhados em todos os anos dos Ensinos Fundamental e Médio, incluindo a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, esses conceitos são trabalhados apenas nos primeiros anos de cada ciclo, de modo que eles acabam sendo esquecidos ou deixados de lado ao longo do percurso escolar.

Tendo isso em vista, uma das formas de se abordar o processo de estudo da História é utilizar propostas com fontes históricas (ou documentos)¹ em sala de aula. Como explica José D'Assunção Barros:

“Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história (2019, p. 1).

Por meio dessas atividades é possível evidenciar o trabalho de análise crítica desses materiais com perguntas como: Que tipo de fonte é essa? Quem fez esse documento? Quando o fizeram? Por que ele foi feito? Qual era o público-alvo? Então, a partir do levantamento feito, pode-se analisar o documento atribuindo significado e sentido a ele².

A partir desse tipo de abordagem o estudante se aproxima do objeto estudado utilizando um método de pesquisa e desenvolvendo um olhar crítico para as fontes. Nesse sentido, Cláudia Azevedo (2016) ressalta que o trabalho de análise crítica com fontes históricas variadas propicia o desenvolvimento de habilidades cognitivas (como a capacidade de inferir, comparar, analisar, sistematizar, entre outras), o processo de letramento dos alunos e uma leitura de mundo mais ampla.

1 As fontes históricas são os diversos vestígios das ações humanas no tempo utilizados pelos historiadores em seu trabalho de pesquisa. Elas podem ser divididas em diversas categorias, como fontes escritas, materiais, iconográficas, audiovisuais ou orais.

2 O Arquivo Público do Estado de São Paulo tem uma exposição on-line permanente de manuscritos históricos digitalizados com propostas de atividades para a sala de aula. Disponível em: <https://www.arquivoestado.sp.gov.br/>. A Hemeroteca Digital também possui documentos históricos digitalizados que podem ser levados para a sala de aula. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

No âmbito do trabalho com documentação histórica, outra atividade que pode levantar interessantes reflexões em aula é a comparação entre diferentes meios de comunicação que noticiam o mesmo acontecimento ou evento. Assim, evidencia-se a importância de se saber quem produziu essa documentação e quais os pressupostos políticos e ideológicos dessa pessoa, do editorial ou da empresa. Paulo Freire já expunha a importância desse tipo de questionamento sobre o que é noticiado nas grandes mídias, dizia ele:

Na linha do emprego desses recursos, parece-nos indispensável a análise do conteúdo dos editoriais da imprensa, a propósito de um mesmo acontecimento. Por que razão os jornais se manifestam de forma diferente sobre um mesmo fato? Que o povo, então, desenvolva seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ouvir o noticiário de emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, mas como objeto dos “comunicados” que lhes prescrevem, mas como uma consciência que precisa libertar-se (2016, p. 164).

No que se refere ao trabalho com fontes históricas, há diversas possibilidades de análise com tipos variados de documentação em sala de aula. Nesse sentido, o/a docente pode utilizar fontes literárias, por exemplo, para trabalhar questões que marcam a realidade dos estudantes como as relacionadas ao racismo e à desigualdade de gênero. Desse modo, pode-se abordar elementos da trajetória de vida de autores bem como o contexto social, político e cultural em que viviam, buscando elementos que se relacionem com suas obras. Além disso, é interessante, ainda, trabalhar com diferentes tipos de linguagem, inserindo elementos audiovisuais nas aulas de História. Nesse contexto, pode-se trabalhar com a análise de imagens nos materiais didáticos, frequentemente tratadas como uma forma de “descanso” da leitura, como um adorno ao conteúdo abordado no texto. Apesar disso, é necessária a compreensão de que tais imagens não são meras ilustrações, mas que trazem significados, que carregam consigo intenções e projetam sentido ao conteúdo que está sendo apresentado.

As atividades com fontes visuais podem se expandir para filmes com conteúdo histórico também, buscando construir uma análise crítica sobre essas produções culturais que vão além de mero entretenimento. Busca-se, assim, construir uma reflexão com os alunos sobre a cultura visual da qual eles fazem parte, suas linguagens e formas de comunicação, no intuito de que eles possam reconhecer o processo de construção dessas produções.

Nesse contexto, se inserem, ainda, as redes sociais que fazem parte da realidade de alunos e professores e que influenciam ideias e comportamentos. Desse modo, é proveitoso que o docente leve esses suportes para as aulas, identificando elementos que marcam esse tipo de comunicação e quais são as linguagens utilizadas. Assim, é possível trazer para

a aula as tão compartilhadas *fake news* em seus diversos formatos como textos curtos, vídeos ou imagens, buscando analisá-las para evidenciar suas características mais marcantes e como elas podem ser verificadas através da checagem de fatos³.

Nesse âmbito, entende-se ser importante que a escola faça um trabalho que auxilie a integração dos seus estudantes ao mundo digital. Como argumenta Acácio Simões (2019) é preciso abordar como funciona a navegação na internet, alertando para os perigos das chamadas “bolhas” e dos algoritmos que isolam usuários de conteúdos divergentes, o que facilita a crença em *fake news*. Assim, é preciso desenvolver uma postura consciente e crítica para que os alunos possam ser indivíduos letrados no ambiente digital também. Como definem Nayara Silva de Carie, Ana Paula Giavara, Glauco Costa de Souza e Heli Sabino de Oliveira:

Entende-se que o letrado digital é o indivíduo que domina a comunicação em diferentes situações da web, espaço de natureza multimodal composto não apenas por palavras e frases, mas, principalmente, por elementos visuais, com cor, som, vídeos e ícones. Mais do que isso, faz-se necessária uma leitura crítica e reflexiva para lidar com a abundância de informações e conteúdos disponíveis (2021, p. 9).

A proposta com essas sugestões de atividades é a de desenvolver o raciocínio crítico e questionador com os estudantes, ou da chamada curiosidade epistemológica proposta por Paulo Freire, que seria justamente essa curiosidade de cunho investigativo em contraposição a uma curiosidade ingênua que se baseia em senso comum. Paulo Freire explica que:

O importante é deixar claro não ser a curiosidade espontânea ou desarmada a que viabiliza a tomada de distância epistemológica do objeto com que dele nos “aproximamos” para conhecê-lo. Isto é tarefa da curiosidade epistemológica. É esta que, superando a curiosidade ingênua, se faz mais metodicamente rigorosa. É esta rigorosidade metódica na aproximação do objeto que explica a passagem do conhecimento ao nível do senso comum para o do conhecimento científico. Não é o conhecimento científico que é rigoroso. A rigorosidade se acha no método de aproximação do objeto. É esta rigorosidade que nos possibilita maior ou menor exatidão no conhecimento produzido ou no achado de nossa busca epistemológica (2015, p. 90).

3 Pode-se apresentar aos estudantes sites de agências de checagem de informações como o UOL Confere, Agência Lupa, Fato ou Fake, Aos Fatos, Boatos.org, E-Farsas, Estadão Verifica, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, tem-se por princípio que o conteúdo trabalhado na escola deve se relacionar com a realidade vivida pelos estudantes no intuito de se criar um olhar atento para os problemas que essa realidade apresenta. Portanto, se mostra necessário levar para a sala de aula metodologias e ferramentas pedagógicas que dialoguem com o atual contexto de ataques ao pensamento científico e que suscitem criticidade e reflexão.

Nesse âmbito, ressalta-se o importante papel que a educação deve desempenhar no combate às *fake news* através de um ensino que preze pela construção de um pensamento questionador. Como visto, no que se refere ao componente de História, entende-se que é preciso levar para a sala de aula o modo pelo qual o conhecimento histórico é construído, quais são os métodos de pesquisa e análise, quais materiais são utilizados nesse processo e como esse tipo de olhar pode ser usado em outros contextos, como nas mídias sociais. Assim, almeja-se com essas abordagens que os estudantes entendam como os conhecimentos são produzidos e que desenvolvam um olhar que auxilie na compreensão da complexidade da realidade em que vivem, indo além do senso comum.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Cláudia Fernandes. **Interação verbal com fontes: letramento(s) no ensino de História**. 2016. 150f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos. **ANPUH RJ História e Parcerias**, Rio de Janeiro, 2019.

CARIE, Nayara Silva de et al. Ensino de história e letramento digital: uma proposta de leitura crítica das fontes provenientes dos meios digitais. **Revista Transversos**. Dossiê: O futuro do passado: Desafios para o Ensino da História nas escolas numa perspectiva global. Rio de Janeiro, nº. 23, 2021. pp. 190-208. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/62675>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

EAD FREIRIANA. Curso '**Paulo Freire em tempos de *fake news***' – Edição 2022. Videoaula 11– A atualidade da metodologia freiriana para Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Ministrada por Sonia Couto. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022a.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 14 – Introdução ao fenômeno *fake news* e às contribuições de Paulo Freire para combatê-lo. Ministrada por Jaciara de Sá Carvalho. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022b.

EAD FREIRIANA. Curso ‘Paulo Freire em tempos de *fake news*’ – Edição 2022. Videoaula 15 – Paulo Freire frente a onda neoconservadora mundial. Ministrada por José Eustáquio Romão. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2022c.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira* [recurso eletrônico]. – 11. Ed - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. – 62 Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SIMÕES, Acácio Leandro Maciel. *Ensino de história e a sociedade da informação: aprendizagem histórica por meio de análise de fontes em ambientes digitais*. 2019. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2019.

TARILA TONSIG GARCIA TEJEIRO

é mestra em Ensino de História (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), tem bacharelado e licenciatura em História (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP), e é professora de História na rede municipal de ensino de Campinas/SP atuando nos anos finais do Ensino Fundamental regular e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Contato: tarsila_teijeiro@hotmail.com.

“Navegar é preciso, viver não é preciso”

Fernando Pessoa tomou para si o espírito da frase “Navegar é preciso, viver não é preciso”, originalmente criada no século I a.C., por um general de nome Pompeu que, por sua vez foi atualizada pelo poeta Petrarca, no Século XIV – esta versão que conhecemos hoje. Começamos assim este posfácio da versão 2022 do e-book do **Curso “Paulo Freire em tempos de fake News”**, um dos cursos de maior êxito e mais frequentado da EaD Freiriana, desde a sua criação em 2017, quando vivíamos os efeitos extremamente maléficos do golpe de estado sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff.

Com aquele golpe, sabemos, deu-se no país o fortalecimento e a “insanidade” da direita e da extrema direita do país, apoiadas por fascistas de outros países. Paulo Freire e também freirianas e freirianos de todo o país foram perseguidos ainda mais, não apenas nas fake news, mas num tipo de perseguição ideológico-política, que inviabilizou projetos que resistiam ao totalitarismo e buscavam a “educação como prática da liberdade” e a transformação social. Mas nem as fake news daquele momento foram suficientes para fragilizar o legado de Freire em todo o mundo e no nosso país, sobretudo no contexto dos 100 anos de nascimento do “andarilho da utopia”, homenageado em todo o mundo. Oferecemos vários cursos pela EaD Freiriana, todos relacionados a Freire no passado, no presente e à sua influência também no futuro. E as duas edições do curso “Paulo Freire, em tempo de fake news” foram muito exitosas, com as quais publicamos dois e-books que se tornaram históricos.

Esta terceira edição deste curso, em 2022, coincidiu com as eleições majoritárias deste ano. Deu-se a eleição do Presidente Lula, contando com uma frente ampla de partidos políticos para vencer o genocida, ex-presidente do país, por uma margem muito pequena de votos. Isso, e outros fatores, nos sugerem uma atenção fina e redobrada com tudo o que se passar no país a partir de agora, começando pelo cuidado com os golpistas de plantão. Mas novas esperanças ressurgiram, apesar dos sabidos e necessários acordos que já se mostram no contexto de uma gestão com muitos desafios, para acomodar os interesses de toda a frente política ampla constituída. A maior vitória, sabemos, foi vencer a extrema direita, o totalitarismo e o fascismo que há quatro anos vinham destruindo políticas públicas historicamente conquistadas no Brasil.

O clima é de otimismo, mesmo considerando a imprevisibilidade da história e o fato de que “viver não é preciso”. Daqui para frente dependerá muito de projetos coletivos, da construção de redes comunitárias de aprendizagens como temos defendido historicamente na EaD Freiriana e, por evidente, de ações concretas e produções comprometidas com a garantia de direitos e com o fortalecimento do legado de Paulo Freire. E foi com este espírito que lemos, acompanhamos, sugerimos e orientamos a produção dos artigos deste e-book histórico, lançado num clima muito propício, ao retomarmos o caminho da educação como ato político e uma democracia realmente participativa.

Cumprimentamos e parabenizamos as autoras e os autores que conosco viabilizaram esta publicação tão bonita e bem cuidada. Observamos: vocês, como nós, souberam, desde o início, que navegar na direção desta publicação, era possível, mesmo que tenhamos iniciado essa caminhada antes, bem antes dos resultados das urnas: Aretuza Cesar Santos, Cátia Luzia Oliveira da Silva, Cláudia Herte de Moraes, Danila Ribeiro Gomes, Delma Lúcia de Mesquita, Hellenice Ferreira, Juan Ignacio Gonzalez Mazziotti, Leonardo Alves da Silva, Luciana da Silva Torturello de Carvalho, Maria Cristina Simeoni, Milene Matos Schollert, Reginaldo Dalla Justina, Tarsila Tonsig Garcia Teijeiro.

Parabéns por terem ousado e produzido seus textos, diríamos, complexos, desafiadores de suas práticas, e buscando propostas, em muitos casos inéditas, para a superação das “situações-limites”, transitando pela poesia, pelo letramento digital, pela atualidade e futuro da práxis freiriana, pelas artes, pela criatividade, pela tecnologia, pela ciência, pelo direito à vida, pela história, pela defesa do planeta, da vida e do bem-viver. Gratos também a todas e todos e todes que contribuíram direta e indiretamente para a publicação deste e-book histórico, que será lançado agora no contexto de um governo que sonhamos mais democrático, participativo e, certamente, comprometido, como somos nós aqui participantes, com o fortalecimento do legado de Paulo Freire e, principalmente, com a vida de qualidade, com a paz e a justiça social com as quais sempre sonhamos e trabalhamos.

Afetuosamente, verão de 2023.

Janaina M. Abreu e Paulo Roberto Padilha



**INSTITUTO
PAULO FREIRE**
Instituto de Educação e
Direitos Humanos Paulo Freire

EaD
Freiriana

UniFreire Universitas
Paulo Freire